

Educação Financeira

nas escolas

4



Livro
do
Professor

Educação
Financeira

nas escolas

4

Consultores envolvidos na elaboração dos materiais

Adriana Almeida Rodrigues
André Furtado Braz
Bernardo Pareto Miller
Carlos Klimick
Gabriel do Amaral Batista
Guilherme de Almeida Xavier
Heloisa Padilha
Hilda Micarello
Laura Coutinho
Maria de Lourdes de Sá Earp
Maria Queiroga Amoroso
Maricy Correia
Rian Oliveira Rezende
Vera Rita Ferreira

Representantes do Grupo de Apoio Pedagógico

VALIDAÇÃO (2011)

Ministério da Educação

Sueli Teixeira Mello

Banco Central do Brasil

Alberto S. Matsumoto

Comissão de Valores Mobiliários

José Alexandre Cavalcanti Vasco
e Célia Maria S. M. Bittencourt

Ministério da Fazenda

Luciôla Maurício de Arruda

Superintendência de Seguros Privados

Alberto Eduardo Fernandes Ribeiro,
Ana Lúcia da Costa e Silva, Elder Vieira Salles,
Gabriel Melo da Costa

Superintendência Nacional de Previdência

Complementar

Patrícia Monteiro

Universidade Federal de Rondônia

José Lucas Pedreira Bueno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Julieta Fontenele Moraes Landim

Universidade de Brasília

Cleyton Hércules Gotijo

Colégio de Aplicação da UFRGS

Lúcia Couto Terra

Colégio Pedro II

Anna Cristina Cardozo da Fonseca
e Carmem Luisa Bittencourt
de Andrade da Costa

Conselho Nacional de Secretários de Educação

Roberval Angelo Furtado

União Nacional de Dirigentes

Municipais de Educação

Arnaldo Gonçalves da Silva de Mattoso

REVISÃO (2012/2013)

BM&FBOVESPA – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros S.A.

Rosa Maria Junqueira de Oliveira (in memorian),
José Alberto Netto Filho, Christianne Bariquelli e
Patrícia Quadros

AEF-Brasil

Alzira de Oliveira Reis e Silva

ATUALIZAÇÃO (2014)

Alzira Oliveira Reis e Silva (AEF-BRASIL)
Andiara Maria Braga Maranhão (SENACON/MJ)
Caroline Stumpf Buaes (Colaboradora, IMED/RS)
Christianne Bariquelli (BM&FBOVESPA)
Cristina Thomas de Ross (SEB/MEC)
Érica Figueira de Almeida Werneck (SENACON/MJ)
Fábio de Almeida Lopes Araújo (BACEN)
Julieta Fontenele Moraes Landim (IFCE)
Luciôla Maurício de Arruda (ESAF/MF)
Luis Felipe Lobianco (CVM)
Nayra Tavares Baptistelli (FEBRABAN)
Patrícia Cerqueira de Monteiro (PREVIC)
Paulo Alexandre Batista de Castro (SENACON/MJ)
Ronaldo Lima Nascimento de Matos (ESAF/MF)
Roque Antonio de Mattei (UNDIME)
Sueli Teixeira Mello (SEB/MEC)
Yael Sandberg Esquenazi (AEF-BRASIL)

ORGANIZAÇÃO

Didak Consultoria

Laura Coutinho

Linha Mestra

Heloisa Padilha

DESIGN GRÁFICO

Criação e Editoração Eletrônica

Peter de Alburquerque

Roberto Todor

Ilustração

André Luiz Barroso

Maria Clara Loesch Gavilan

PATROCÍNIO

BM&FBOVESPA S.A.

Bolsa de Valores, Mercadoria e Futuros



O Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) adota a Licença de Atribuição (BY-NC-ND) do Creative Commons (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>) nos livros "Educação financeira nas escolas". São permitidos o compartilhamento e a reprodução, contanto que sejam mencionados os autores, mas sem poder modificar a obra de nenhuma forma, nem utilizá-la para fins comerciais.

Apresentação

Este livro é parte do Programa de Educação Financeira nas Escolas, uma iniciativa da Estratégia Nacional de Educação Financeira – ENEF, que tem como objetivo oferecer ferramentas para uma pessoa planejar sua vida financeira de modo a realizar seus sonhos, o que passa por um processo de construção de estar no mundo de modo socioambientalmente responsável.

A ENEF, instituída pelo Decreto no 7.397, de 22 de dezembro de 2010, é resultado de um intenso trabalho de instituições do Estado e da Sociedade Civil, tendo como desencadeador da iniciativa o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC)¹.

Estudantes e professores financeiramente educados podem constituir-se em indivíduos crescentemente autônomos em relação a suas finanças e menos suscetíveis a dívidas descontroladas, fraudes e situações comprometedoras que prejudiquem não só sua própria qualidade de vida como a de outras pessoas².

Com a finalização do projeto piloto implementado no Ensino Médio, durante os anos de 2010 a 2011, chegou o momento de oferecer aos educandos do Ensino Fundamental significativas atividades relacionadas ao tema de educação financeira. Alinhado a esta perspectiva, a BM&FBOVESPA – Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros coordenou a produção dos materiais didáticos voltados a este nível da Educação Básica contou com o envolvimento do Grupo de Apoio Pedagógico que assessora, quanto aos aspectos pedagógicos, o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) que promove a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), uma política do Estado Brasileiro.

As escolas têm como contribuir de forma significativa ao educar os alunos financeiramente, pois eles, por sua vez, levariam esse conhecimento para suas famílias em um efeito multiplicador.

Acredita-se que o uso deste livro poderá ser um significativo instrumento de aprendizagem para os educandos, na medida em que lançará as bases dos conceitos e comportamentos financeiros a serem crescentemente sistematizados, ano após ano.

Os representantes de todas as instituições envolvidas na concepção, execução e coordenação deste Programa desejam que os conhecimentos da Educação Financeira contribuam tanto para os educandos quanto para os professores em suas escolhas de vida.

1 O COREMEC é integrado pelo Banco Central do Brasil (BCB), pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM), pela Secretaria de Previdência Complementar (SPC), atual Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC), e pela Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) e tem o propósito principal de promover a coordenação e o aprimoramento da atuação das entidades da administração pública federal que regulam e fiscalizam as atividades relacionadas à captação pública da poupança popular.

2 Documento Orientação para Educação Financeira nas Escolas, setembro de 2009. Anexo 4 do Plano Diretor da ENEF, aprovado pela Deliberação CONEF nº 2, de 05 de maio de 2011. (<http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/PlanoDiretorENEF1.pdf>).

Educação Financeira nas Escolas – Ensino Fundamental
1ª ed., 2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL.

Educação financeira nas escolas: ensino fundamental: livro do professor / [elaborado pelo] Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF) – Brasília: CONEF, 2014.

127 p. : il. color. (Série Educação financeira nas escolas; v.4)

ISBN 978-85-99863-39-8

1- Educação financeira - estudo e ensino - 2. Finanças pessoais – estudo e ensino - I – Comitê Nacional de Educação Financeira (Brasil) (CONEF) - II – Título III – Série.

CDD 332.04
CDU 64.011



Sumário

Parte I - Conceitos Pedagógicos 4

Educação Financeira nas escolas – por quê?	4
Conceito de Educação Financeira	5
Modelo conceitual e objetivos	6
Princípios pedagógicos	12
O trabalho de 1º ao 4º ano	15
Orientações para aplicação do programa na escola	16
Avaliação da aprendizagem do aluno	17

Parte II – Apresentação do Material Didático 18

Livro do Aluno e Livro do Professor	18
Eixos temáticos e Conceitos de Educação Financeira trabalhados nos livros	20
Projeto 1	27
Projeto 2	53
Projeto 3	75
Projeto 4	99

Glossário 111

Referências bibliográficas 121

Websites indicados 124

Prezado Professor,

Você está recebendo o Livro do Professor de Educação Financeira, que, juntamente com o Livro do Aluno, compõe o conjunto de materiais didáticos preparados especialmente para você trabalhar esse importante tema com seus alunos.

O Livro do Professor está organizado em duas partes. A Parte I apresenta os conceitos pedagógicos que fornecem suporte ao Programa Educação Financeira nas Escolas. A Parte II apresenta o Livro do Aluno, como também os conteúdos de Educação Financeira abordados no material. Ao final, você encontra um Glossário com os principais conceitos financeiros, além de Bibliografia e de Indicação de websites.

Parte I - Conceitos Pedagógicos

1. Educação Financeira nas escolas – por quê?

A entrada da Educação Financeira nas escolas se justifica por diversas razões fortemente apregoadas pelas nações estrangeiras que já acumulam experiência na área, dentre as quais se destacam os benefícios de se conhecer o universo financeiro e, utilizando-se desses conhecimentos, tomar decisões financeiras adequadas, que fortaleçam o comando autônomo da própria vida e, por extensão, do âmbito familiar e comunitário. A consciência dos estreitos laços entre o plano individual e o social, assim como do impacto de decisões tomadas no presente sobre os sonhos de futuro, foi, desde a década de 1990, grandemente amplificada pela Ecologia, mas hoje já transborda para outras áreas, indicando que é preciso agir conjuntamente para ampliar as chances de que todos colham benefícios maiores e melhores no futuro.

Essas considerações iniciais podem sinalizar que um programa de Educação Financeira seja necessário apenas a partir da adolescência, mas há duas justificativas para que ele seja introduzido nas escolas desde o 1º ano do Ensino Fundamental. A primeira delas é que as avaliações de iniciativas de Educação Financeira desenvolvidas em outros países indicam que quanto mais cedo o programa começa, melhores os resultados alcançados. A segunda justificativa se baseia no fato de que uma pessoa financeiramente educada significa muito mais do que dominar conceitos complexos, como juros, inflação e orçamento; mais do que isso, significa ter comportamentos que permitem levar a vida de modo financeiramente saudável. Os exem-

plos disso, como você verá nos materiais deste programa, são inúmeros: saber esperar o melhor momento de se fazer uma despesa, ser organizado, metódico e determinado, ter clareza para distinguir o que é desejo e o que é necessidade etc. Esses comportamentos se desenvolvem com muito mais propriedade em crianças do que em jovens e em adultos. Nas fases posteriores à infância, muitas atitudes indesejadas já podem ter se consolidado e é mais difícil desconstruí-las e depois reconstruí-las adequadamente.

2. Conceito de Educação Financeira

O conceito de Educação Financeira adotado neste programa é o indicado pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico): um processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, a ser desenvolvido por meio de três vertentes – Informação, Formação e Orientação. Nas escolas da Educação Básica, porém, somente as duas primeiras serão abordadas, já que as ações relativas à vertente Orientação, que trata dos produtos financeiros, referem-se especificamente ao público adulto. Além disso, por se tratar de crianças e adolescentes, é necessário dar maior ênfase à formação do que à informação.

Por *Informação* entende-se o provimento de fatos, dados e conhecimentos específicos para permitir boas escolhas financeiras e para compreender as consequências de tais escolhas.

A vertente *Formação* refere-se, no caso de alunos do Ensino Fundamental, ao desenvolvimento dos valores e das competências necessárias para entender termos e conceitos financeiros elementares por meio de ações educativas que preparem as crianças para empreender projetos individuais e sociais. Informações podem ser úteis se estiverem acompanhadas de ferramentas mentais que permitam selecionar e aplicar as que são apropriadas para uma determinada situação. Da mesma forma, valores como transparência, cooperação, respeito e responsabilidade precisam ser aplicados às informações desde a tenra idade para que o uso dessas seja sempre ético.

3. Modelo conceitual e objetivos

Como a Educação Financeira neste programa é inteiramente comprometida com o estar no mundo, o modelo conceitual adotado se baseia na premissa de que o cotidiano acontece sempre em um espaço e um tempo determinados. Por isso, é importante que seja estudada segundo as dimensões espacial e temporal. Na dimensão espacial, os conceitos financeiros são tratados tomando-se como ponto de partida o impacto das ações individuais sobre o contexto social, ou seja, das partes com o todo e vice-versa. Esta dimensão compreende ainda os níveis individual, local, regional, nacional e global, que se encontram organizados de modo inclusivo. Na dimensão temporal, os conceitos são abordados a partir da noção de que as decisões tomadas no presente podem afetar o futuro. Os espaços são atravessados por essa dimensão que conecta passado, presente e futuro numa cadeia de inter-relacionamentos que permitirá perceber o presente não somente como fruto de decisões tomadas no passado, mas também como o tempo em que se tomam certas iniciativas cujas consequências e resultados – positivos e negativos – serão colhidos no futuro. A Figura 1 ilustra como se relacionam os níveis da dimensão espacial entre si e com a dimensão temporal que os atravessa.

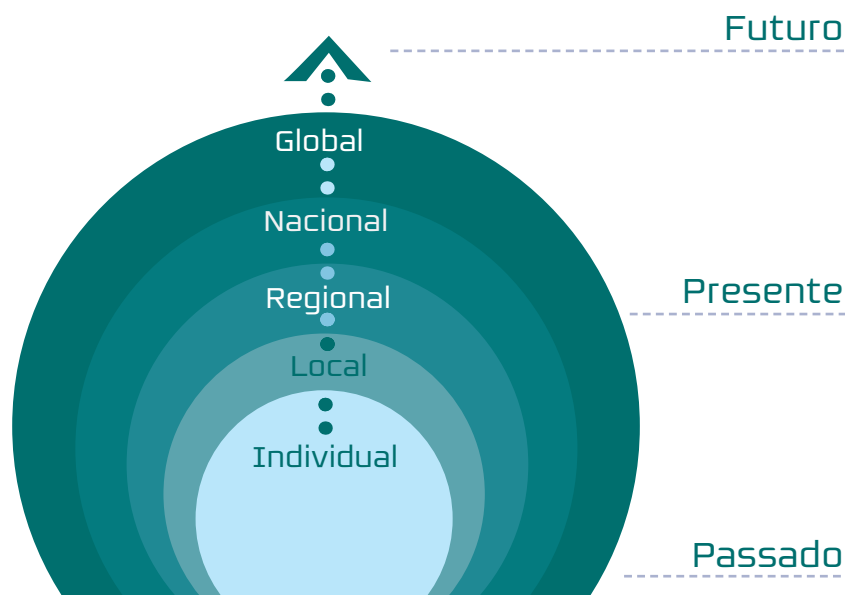


Figura 1. Dimensões espacial e temporal da Educação Financeira.

Tendo sido definidas as **dimensões espacial e temporal**, cabe agora traçar objetivos de inserção da Educação Financeira nas escolas que se rela-

cionam a cada uma delas, para que a teia conceitual pedagógica possa ser vislumbrada com clareza e consistência.

Os objetivos que se voltam para a dimensão espacial procuram apontar para dois movimentos distintos, a saber, circunscrição e mobilidade.

De um lado, há o fato de que em certas circunstâncias é preciso ater-se a um determinado espaço. É desejável que cada indivíduo cuide de sua vida financeira de modo adequado para que suas obrigações não atinjam outras pessoas, ou seja, é necessário ficar circunscrito ao espaço individual. Da mesma forma, um país não deveria causar danos ambientais e apresentar a conta ao resto do planeta, isto é, um problema nacional desse tipo deveria ser solucionado no próprio nível nacional, e não no global.

Contudo, se, por outro lado, as pessoas transitarem exclusivamente em seus restritos espaços individuais, não conseguirão sentir-se parte dos espaços sociais mais abrangentes. Isso significa que é preciso compreender as diversas inter-relações dos níveis de organização social, por exemplo, a reunião de esforços individuais em torno de projetos que beneficiem a comunidade ou a cooperação entre estados e municípios para se atingir metas nacionais. A compreensão dessas inter-relações é ingrediente essencial para o exercício da cidadania e da responsabilidade social, que, por sua vez, oferecem sustento seguro para a democracia.

Assim, os dois movimentos – circunscrição e mobilidade – se complementam para permitir adequada atenção tanto aos assuntos de natureza individual quanto às necessárias conexões entre indivíduo e sociedade, em prol de projetos que beneficiem a ambos.

Os quatro objetivos a seguir relacionam-se à dimensão espacial da Educação Financeira. Contudo, vale ressaltar que, em se tratando de crianças e de adolescentes, os objetivos são trabalhados em níveis elementares, os quais servem de alicerce para as construções mais complexas que se seguirão nos anos escolares subsequentes.

Objetivo 1 - Formar para a cidadania

A cidadania é uma articulação dos direitos e deveres civis, políticos e sociais (Marshall, 1967). Ser cidadão, portanto, é ter direitos de usufruir várias possibilidades que a vida em sociedade oferece, tais como liberdade, igualdade, propriedade, participação política, educação, saúde, moradia,

outras. Ser cidadão é ter responsabilidade ativa na sociedade, protagonizando a construção da democracia. Nessa linha, Perrenoud (2002) indica que ensinar direitos e deveres sem a vivência de ações concretas e sem uma mudança de pensamento não é suficiente para se formar cidadãos. É necessário o exercício contínuo da cidadania, ingrediente indispensável da construção de uma sociedade democrática e justa. A Educação Financeira tem como principal propósito ser um dos componentes dessa formação para a cidadania.

Objetivo 2 - Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável

O consumo é tratado como um direito, e todos, indistintamente, são estimulados a consumir, independentemente de sua condição para tal. No passado, o consumo voltava-se para bens sólidos e duráveis. Atualmente, segundo Bauman (2007), verifica-se uma instabilidade dos desejos aliada a uma insaciabilidade das necessidades, pela conseqüente tendência ao consumo instantâneo, bem como a rápida obsolescência dos objetos consumidos. Esse ambiente é desfavorável ao planejamento, ao investimento e ao armazenamento de longo prazo.

O consumo em níveis adequados é imprescindível para o bom funcionamento da economia, a questão é torná-lo uma prática ética, consciente e responsável, equilibrada com a poupança. Consumo e poupança configuram-se como “atitudes responsáveis” ao levar em conta os impactos sociais e ambientais. Deve-se procurar, assim, não transbordar problemas financeiros para o outro, não comprar produtos advindos de relações de exploração ou de empresas sem comprometimento socioambiental, reduzir o consumo desnecessário, ampliar a longevidade dos produtos possuídos, reduzir a produção de lixo e doar objetos úteis não desejados. Consumir e poupar com consciência e responsabilidade, com uma clara preocupação com o outro e com as conseqüências das decisões tomadas, traduzem o compromisso ético da cidadania.

Objetivo 3 - Oferecer conceitos e ferramentas para a tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude

À nossa volta, atualmente, circula uma quantidade excessiva de informações e de signos (inclusive financeiros), muitas vezes descontextualizados

e incompreensíveis para muitas pessoas. A compreensão da linguagem do mundo financeiro, por meio de um programa educativo, possibilita ao indivíduo obter as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo, embora já se saiba que nem toda decisão é baseada em informações. Na verdade, estudos de psicologia econômica indicam a concorrência de variáveis de ordem emotiva nas decisões de ordem financeira (Ferreira, 2007).

Outro benefício advindo da Educação Financeira consiste no julgamento crítico que se pode aprender a fazer em relação à publicidade, isso porque uma sociedade marcada pelo consumo se caracteriza em estimular a depreciação e a desvalorização dos produtos depois de estes terem sido adquiridos. Essa é a cultura do excesso e da frustração, que aposta na irracionalidade dos consumidores e não nas suas estimativas sóbrias e bem informadas, ou seja, estimula emoções que levam ao consumo impetuoso, em vez de cultivar o uso da razão. O campo da publicidade procura aumentar a eficiência das mensagens de consumo e provocar o desejo de adquirir determinados produtos. Ao aprender a fazer uma leitura crítica de mensagens publicitárias a respeito de produtos de consumo, aí incluídos os bens e serviços financeiros, as pessoas se tornam equipadas para tomar decisões de modo autônomo, isto é, livre de pressões externas e mais de acordo com suas reais necessidades.

Com a introdução da Educação Financeira nas escolas, espera-se que os indivíduos e as sociedades tenham condições de moldar seu próprio destino de modo mais confiante e seguro e que deixem de ser beneficiários passivos de programas econômicos e sociais para se tornarem agentes de seu próprio desenvolvimento.

Objetivo 4 - Formar multiplicadores

A implantação da Educação Financeira pretende colaborar para uma formação mais crítica de crianças, adolescentes e jovens, possibilitando-os a ajudar suas famílias na determinação de seus objetivos de vida, bem como dos meios mais adequados para alcançá-los. Dados do final da década de 2000 (Data Popular, 2008) apontam clara associação entre o comportamento financeiro individual e o familiar. Famílias gastadoras geram filhos gastadores, da mesma forma que filhos poupadores vêm de famílias poupadoras. A tendência gastadora talvez possa ser controlada por meio de conhecimentos levados pelos alunos para suas famílias. Assim, o público beneficiário da Educação Financeira não se restringe ao público escolar, mas, por

meio dele, atinge-se um número muito maior de pessoas, ampliando essa disseminação de conhecimentos extremamente útil para a vida na sociedade atual. Dessa forma, promove-se o trânsito de informações pelos distintos níveis espaciais, dos mais próximos aos mais distantes, num ótimo exemplo de que boas práticas e ideias devem transgredir os limites espaciais e circular livremente.

Os objetivos 5 e 6 abaixo relacionam-se à dimensão temporal e se encontram voltados para as articulações entre o passado, o presente e o futuro. A Educação Financeira mostra que o presente contém situações que são o resultado de decisões tomadas no passado. Do mesmo modo, no futuro serão vistas as consequências das ações realizadas no presente.

Objetivo 5 - Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos

A falta de planejamento e a sensação de que o presente não se relaciona com o passado nem com o futuro fazem com que o tempo seja pulverizado numa multiplicação de “eternos instantes” acidentais e episódicos.

A Educação Financeira intenciona conectar os distintos tempos, conferindo às ações do presente uma responsabilidade pelas consequências do futuro. Para se alcançar determinada situação, é necessário um planejamento que contemple distintas etapas de execução, envolvendo prioridades e renúncias que não seriam cogitadas pelo pensamento exclusivo do presente. No caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, os alunos experimentam majoritariamente o planejamento de situações de curto prazo, mas são também estimulados a imaginar ações e suas respectivas repercussões no médio e longo prazos mesmo que só o façam qualitativamente, ou seja, sem uma quantificação precisa dos tempos futuros.

Objetivo 6 - Desenvolver a cultura da prevenção

A expectativa de vida aumentou, e o ser humano passa, hoje, mais tempo na condição de aposentado do que no passado recente. Esse aumento, em termos nacionais, constitui um quadro financeiro delicado, uma vez que a pessoa deverá sobreviver com os recursos da aposentadoria por um período mais longo, o que requer um planejamento desde cedo.

Além desse quadro, é prudente planejar pensando nas intempéries da

vida. Ninguém está isento de enfrentar situações adversas e inesperadas que, por vezes, exigem o dispêndio de uma quantidade de dinheiro não prevista no orçamento. Para garantir maior tranquilidade diante de tais situações é preciso conhecer progressivamente, conforme a idade o permita, o leque de opções disponíveis, tais como evitar desperdícios, guardar dinheiro, fazer seguros ou investimentos ou dispor de planos de previdência (pública ou privada).

À primeira vista, os objetivos acima apresentados podem parecer distantes do cotidiano das crianças e dos adolescentes. Por isso, é aqui oportuna a distinção entre “conhecimento social” e “conhecimento lógico” para que se esclareça como os conteúdos de Educação Financeira, muitas vezes associados à vida adulta, poderão fazer parte da vida infantil.

O conhecimento social se refere àquele que se limita a promover familiaridade com determinadas palavras ou termos, ou seja, empresta-lhes um significado inicialmente vago, mas já suficiente para alocá-los em categorias amplas. Por exemplo, uma criança, desde a tenra idade, é capaz de relacionar a palavra “salário” a dinheiro, mesmo que não tenha o menor acesso à composição do salário e às suas relações com tantas outras variáveis como inflação, impostos ou aposentadoria. Em outras palavras, no que se refere a temas do cotidiano – que é o foco de estudo da Educação Financeira neste programa –, não é preciso aguardar que uma criança seja madura o suficiente para compreender um determinado conteúdo em toda a sua complexidade lógica. Antes, é mesmo desejável que tenha oportunidades específicas para entrar em contato com os mais variados aspectos do dia a dia de sua vida familiar e do seu entorno para que possa construir os necessários conhecimentos sociais sobre os quais se assentará a sistematização dos conhecimentos lógicos formais dos anos subsequentes.

Em especial, sabe-se que a construção da noção de tempo de longo prazo é ainda mais difícil de ser compreendida nas fases iniciais da vida. Contudo, não só é importante, como é até mesmo possível plantar as bases da prevenção, e isso pode ser feito por meio de um trabalho sistemático de construção do cuidar do que é valioso para si próprio e para a sociedade.

Do conhecimento social ao conhecimento crescentemente sistematizado: esse é o caminho que o programa de Educação Financeira percorre ao longo dos anos escolares que compõem a Educação Básica e permite que crianças e adolescentes tenham contato com conceitos financeiros desde a tenra idade.

4. Princípios pedagógicos

O programa de Educação Financeira, com seus materiais didáticos, foi concebido a partir de dois pilares pedagógicos que o sustentam: foco na aprendizagem e relação dos saberes.

4.1. Foco na aprendizagem

O Art. 13, inciso III, da LDB (Lei 9.394/96), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, afirma que cabe aos docentes “zelar pela aprendizagem dos alunos”. Tal dispositivo indica que o conceito de ensino encontra-se atrelado ao de aprendizagem. Em outras palavras, não se poderia mais falar que “a aula foi excelente, o aluno é que não aprendeu”, porque o ensinar passa a estar profundamente comprometido com o aprender.

É nesse contexto que o trabalho a partir de competências galga um patamar de apreciável importância, por ser um instrumento que se conecta estreitamente à aprendizagem do aluno. Assim, quando ele se engaja em uma atividade que foi concebida como oportunidade de exercício de uma dada competência significa que irá acionar os conhecimentos necessários para lidar com as múltiplas e variadas situações financeiras da vida cotidiana. É certo que para acionar conhecimentos é preciso que, antes, o aluno se aproprie deles. O diferencial do ensino com foco no desenvolvimento de competências é que tais conhecimentos são apresentados dentro de um contexto no qual o aluno se reconhece e pode, assim, construir as relações e significados necessários para aprender.

O elenco de competências trabalhadas junto aos alunos ao longo do estudo dos conceitos financeiros encontra-se diretamente ancorado nos objetivos. O Quadro 1 apresenta a conexão entre objetivos espaciais, objetivos temporais e competências.

Objetivos			Competências
Objetivos espaciais	Ob1	Formar para a cidadania	Debater direitos e deveres
	Ob2	Ensinar a consumir e a poupar de modo ético, consciente e responsável	Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis
			Distinguir desejos e necessidades de consumo e poupança no contexto do projeto de vida familiar
	Ob3	Oferecer conceitos e ferramentas para tomada de decisão autônoma baseada em mudança de atitude	Ler e interpretar textos simples do universo da Educação Financeira
Ler criticamente textos publicitários			
Ob4	Formar Multiplicadores	Participar de decisões financeiras considerando necessidades reais	
Objetivos temporais	Ob5	Ensinar a planejar a curto, médio e longo prazos	Atuar como multiplicador
	Ob6	Desenvolver a cultura da prevenção	Elaborar planejamento financeiro com ajuda
Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente			
			Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente

Quadro 1. Relação entre objetivos espaciais, objetivos temporais e competências.

A partir do Quadro 1 foi criado o Decágono de Competências (Figura 2) – o principal instrumento para se manter o compromisso com a aprendizagem do aluno – que ilustra as múltiplas relações das competências entre si.

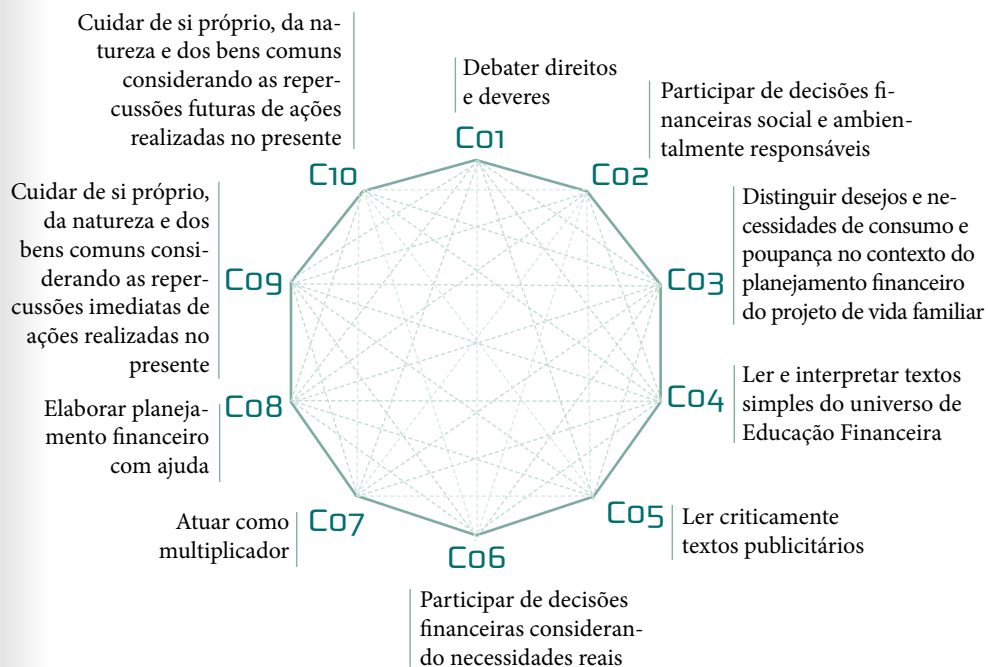


Figura 2. Decágono de Competências

4.2. Religação dos saberes

A Educação Financeira promove um diálogo articulador entre as áreas do conhecimento porque entende que são necessárias contribuições de várias delas para que vicejem conceitos e comportamentos financeiros saudáveis. Daí a indicação de que a Educação Financeira seja introduzida na escola como um tema que transite com desenvoltura entre as referidas áreas, adequando o nível de complexidade de acordo com a faixa etária dos alunos.

Sendo assim, o programa foi concebido para ser utilizado por quaisquer professores independentemente de sua especialidade porque se entende que a natureza da Educação Financeira não pode ser disciplinar. Ela navega por meio de diálogo entre as áreas do conhecimento, delas tomando emprestados conceitos, procedimentos, ferramentas ou aplicações. Na verdade, espera-se que os professores ministrem aulas de Educação Financeira por meio de sua porção cidadã, mais do que pelo concurso de sua especialidade docente, já que o programa se destina a educar para a vida financeira real que todos enfrentarão de modo pleno na fase adulta.

O termo “religação dos saberes” foi cunhado por Morin (1998) em encontro realizado por encomenda do governo francês, que à época buscava encorajar maneiras de conjugar os conhecimentos em torno dos problemas essenciais da humanidade e de lidar com a fragmentação dos saberes, compartimentados em disciplinas diversas e inseridos em múltiplas realidades. Se no passado distante as ciências se fundiam e se nos séculos que se seguiram à antiguidade clássica foram lentamente se destacando umas das outras até causar a separação que marca a disciplinaridade da era moderna, agora é chegado o tempo de restabelecer o necessário diálogo entre elas.

Além disso, a complexidade dos fenômenos do mundo atual não pode ser compreendida por ciências isoladas e a Educação Financeira pode ao mesmo tempo beneficiar-se e contribuir para tal diálogo, já que seus conteúdos extrapolam os limites do mundo financeiro e invadem os conteúdos escolares.

5. O trabalho do 1º ao 4º ano

Para introduzir os conceitos que fornecerão as bases do pensamento financeiro a ser estruturado progressivamente ao longo do Ensino Fundamental, foram selecionados alguns “eixos temáticos”, a ser revisitados em cada um dos anos escolares. O objetivo é introduzir gradativamente, nos anos iniciais, os conceitos que contribuirão para a construção do conhecimento necessário ao desenvolvimento de comportamentos e atitudes financeiras.

Cada um dos eixos apresenta um conjunto de determinados “conteúdos sociais”, aqui entendidos como experiências cotidianas dos alunos em torno das quais se estudam as questões financeiras pertinentes a cada faixa etária. A abordagem dos conteúdos sociais é sempre associada aos valores éticos e de responsabilidade socioambiental para atender ao aspecto formativo do conceito de Educação Financeira adotado neste programa.

São quatro os eixos temáticos tratados – (1) Produção e consumo; (2) Organização; (3) Cuidados; (4) Planejamento –, que se repetem nos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental, mas a cada ano os conteúdos sociais são abordados de forma diferenciada.

O programa de Educação Financeira se apresenta como uma estratégia para contribuir com os resultados dos alunos brasileiros em exames de aferição da aprendizagem em disciplinas básicas como Português e Matemática. Entretanto, é necessário contar com as contribuições de outras áreas do conhecimento, embora uma visibilidade maior permaneça voltada para Por-

tuguês e Matemática. E não se trata de inserir pedaços de aulas específicas das disciplinas escolares nas páginas dos livros de Educação Financeira, mas de tomar tais disciplinas como referenciais e como ferramentas para explorar os conhecimentos da vida financeira.

6. Orientações para aplicação do programa na escola

Para se aplicar o programa na escola, sugere-se que seja feito um planejamento anual para cada um dos anos de escolaridade com as indicações necessárias de quem, quando e o quê será trabalhado. Recomenda-se que tal planejamento seja elaborado de forma participativa para que os professores possam se articular entre si.

Por seu compromisso de ajudar os alunos a compreender a organização social em torno do mundo financeiro e de prepará-los para usufruir os benefícios de tal organização, o programa procura valorizar a participação do aluno no processo de aprendizagem, tanto trazendo situações de sua própria vida quanto oferecendo oportunidades de se tomar decisões de modo autônomo. A autonomia se concretizará nas oportunidades de debate, nas quais o aluno aprenderá a defender seus pontos de vista e, ao mesmo tempo, a acolher e apreciar outros, distintos dos seus próprios.

Isso dito, sugere-se que o trabalho de Educação Financeira estimule os educandos a pensar de maneira própria, com capacidade para criar, concordar e discordar. A articulação dos alunos em trabalho grupal cooperativo ganha, assim, especial importância na sala de aula, por promover maior retenção de conhecimentos. O papel do professor nesse cenário é o de promover a interação grupal a partir, principalmente, do respeito mútuo. Trabalhar para a autonomia dos alunos significa saber o momento de intervir com ações orientadoras e esclarecedoras quando as dificuldades surgirem.

O trabalho grupal organiza melhor as aprendizagens quando seguido de momento coletivo em que os vários grupos confrontam seus pontos de vista sob a coordenação do professor. É nesse momento que o conhecimento se consolida, alimentado pela multiplicidade dos pontos de vista e, assim, poderá servir de suporte seguro para a construção de uma vida financeira saudável.

7. Avaliação da aprendizagem do aluno

A Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que define as diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Básica, determina que “a avaliação da aprendizagem deve ser um ato reflexo de reconstrução da prática pedagógica”, ou seja, os resultados apresentados pelos alunos precisam reverter sobre o planejamento da ação pedagógica subsequente.

A avaliação da aprendizagem do aluno – Programa de Educação Financeira do Ensino Fundamental – foi definida a partir dessa orientação e, também, em função dos resultados positivos obtidos pela avaliação de impacto aplicada no projeto piloto do Programa de Educação Financeira nas Escolas de Ensino Médio, em 2010 e 2011, com 26.000 alunos. Foi demonstrado que os alunos que passaram pelo Programa aumentaram seus conhecimentos sobre Educação Financeira e criaram atitudes que fornecem boa base para uma vida financeira saudável.

Para definir como seria a avaliação de aprendizagem do aluno no Programa do Ensino Médio, foram utilizados os resultados de um estudo realizado no Reino Unido (2006) a respeito de experiências britânicas com programas de Educação Financeira, que apontou que a prática de autoavaliação foi a melhor maneira de se promover a avaliação da aprendizagem. Os dados indicaram, ainda, que tal prática forneceu ao educando crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, o que comprovou ser bastante positivo e motivador para que se tornasse um estudante independente. Alunos autônomos se tornam adultos igualmente autônomos e, por conseguinte, social e ambientalmente responsáveis.

Em vista dessas considerações, a recomendação é que os professores promovam frequentes conversas com a turma sobre o processo de aprendizagem, de modo que cada aluno tenha a oportunidade de pensar, de modo autoavaliativo, se e como está aprendendo os comportamentos e conhecimentos mais importantes do Programa.

Parte II – Apresentação do material didático

1. Livro do Aluno e Livro do Professor

O material didático leva em conta as orientações governamentais contidas no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), segundo o qual todo material didático deve preencher várias funções simultâneas. O livro do aluno, por exemplo, precisa transmitir conhecimentos, desenvolver competências voltadas para a criticidade, cidadania e autonomia. Já o livro do professor deve conter elementos que propiciem a atualização do docente tanto no aspecto pedagógico, oferecendo orientações para o desenvolvimento de aulas e para avaliação da aprendizagem dos alunos, quanto de especificidade da sua formação, apresentando informações corretas e atuais da área em questão. Do ponto de vista da linguagem, o PNLD indica que a mais adequada é a que favorece a legibilidade dos textos, isto é, que utilize vocabulário, morfologia verbal e nominal, colocação pronominal e estrutura de frase compatíveis com o leitor em formação.

O material didático de Educação Financeira, nos quatro anos iniciais, compõe-se de um volume para o aluno, contendo roteiros de trabalho para cada um dos quatro projetos de cada ano escolar, e de um livro para o professor que apresenta e discute orientações pedagógicas para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

Os livros do aluno acompanham a estética de livros de literatura infantil. Os dois primeiros volumes atendem a idades mais tenras e, por isso, apresentam um traçado que remete à fantasia, economizam nos detalhes e utilizam cores mais suaves. Os dois volumes seguintes têm ilustrações com mais detalhes e de cunho realista, assim como utiliza cores mais fortes, em atendimento às características da faixa etária.

Os projetos de trabalho seguem um ciclo que se deflagra com uma pergunta inicial e se encerra com respostas encontradas pela ação das ferramentas do pensamento sobre os conhecimentos de vida real e de Educação Financeira.

Os roteiros de trabalho dos projetos são compostos por uma variedade de linguagens (verbal, não-verbal, mista), gêneros textuais (cartaz, folheto publicitário, poesia), instrumentos (tabela, gráfico), dinâmicas (brincadeiras, dramatização) e procedimentos (de coleta de dados, de entrevista) como

forma de disparar os temas, de modo a permitir o atendimento à diversidade cultural e de recursos das escolas brasileiras, bem como o processo de ensino-aprendizagem.

O livro do professor foi concebido de modo a tornar-se o mais possivelmente atraente e acessível aos docentes porque – acredita-se – este livro é uma das peças essenciais do sucesso do programa. Professores bem orientados, que compreendem bem o que podem fazer com seus alunos, que encontram material farto para planejar suas aulas de acordo com as necessidades de sua turma, encontram-se em melhores condições para lutar pelo sucesso da aprendizagem dos alunos.

Os elementos concebidos para se incumbir dessa tarefa no livro do professor são os seguintes:

- Uma linguagem dialogal, simples e direta;
- Emprego de situações e exemplos concretos que tenham familiaridade para o professor;
- Com o objetivo de permitir que se localize, com facilidade, onde se encontra o início dos principais conjuntos de conteúdo, foram criados os seguintes ícones:

Toda vez que aparece **esse ícone**, significa que ali se encontra um conteúdo específico de Educação Financeira ou uma explicação do motivo pelo qual um determinado conteúdo de Língua Portuguesa ou de Matemática foi trabalhado, no contexto da Educação Financeira.

Esse ícone está relacionado a uma área muito importante do universo financeiro, que é a Psicologia Econômica, que estuda o comportamento humano e as armadilhas psicológicas em que podemos cair no contexto de Educação Financeira. A presença desse ícone é sempre uma indicação para se refletir com mais calma e cuidado sobre algum aspecto importante das coisas que não são tão objetivas quanto cálculos e raciocínios matemáticos em Educação Financeira.

Esse ícone se relaciona aos conteúdos que podem ser explorados em Língua Portuguesa, em conexão com os conceitos financeiros explorados nos Projetos. Dificilmente algum conteúdo pode ser estudado sem passar pela Língua Portuguesa e com Educação Financeira não é diferente. Por isso, o professor encontra diversas oportunidades de desenvolvimento da compreensão e da interpretação de textos.





Esse é o ícone que o professor deve buscar sempre que desejar encontrar as atividades, propostas no livro, para desenvolver a construção dos conceitos basilares da Matemática. Um raciocínio lógico-matemático bem estruturado contribui significativamente para um bom aprendizado dos conteúdos de Educação Financeira, daí a sua inserção no Programa.



Um quinto ícone se aplica exclusivamente ao Livro 1, que é voltado para as classes de Alfabetização. Toda vez que se deparar com esse ícone, o professor encontra ali uma proposta problematizadora sobre a linguagem escrita, que pode ser útil para as crianças que se encontram nesse processo.



Este ícone reforça a relação da Educação Financeira com a Educação Ambiental. É importante que os educandos percebam que as atitudes ambientalmente responsáveis poderão contribuir positivamente com uma vida financeira mais saudável.

- “Isclas” nas margens do livro: em todas as páginas do livro do professor há frases ou perguntas que procuram aguçar a curiosidade e, assim, chamar o professor para a leitura do texto completo.
- Destaques de trechos no corpo do texto: todas as páginas são salpicadas de trechos destacados em outra cor, de tal forma que, se o professor fizer uma leitura cruzada de todos os destaques de uma página, terá uma boa ideia do conteúdo essencial das orientações de trabalho.
- Cada um dos quatro projetos é apresentado, no livro do professor, por um quadro de metadados, que nada mais é do que um quadro-síntese, no qual o professor encontra com agilidade os conteúdos trabalhados, as competências desenvolvidas e o foco central do projeto abordado no livro do aluno.

2. Eixos temáticos e conceitos financeiros trabalhados nos livros

O Livro do aluno de 1º ao 4º ano encontra-se alinhado ao desenho curricular do programa de Educação Financeira para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Fundamenta-se nos eixos temáticos, com suas respectivas indagações, perpassando os quatro anos iniciais, como ilustrado na Figura 3.

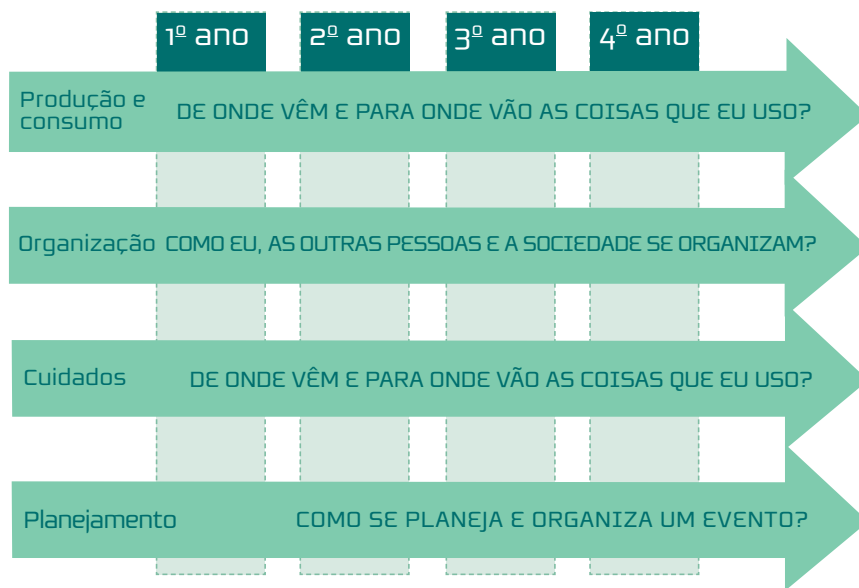


Figura 3. Eixos Temáticos e suas indagações nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O desenho curricular se apresenta por meio da Figura 4, que indica os 16 conteúdos sociais nos quais se assentam os eixos temáticos, como cruzamento destes com os referidos anos. Os conteúdos sociais são relativos à vida pessoal, familiar e comunitária do aluno, considerando-se os âmbitos pessoal e social da dimensão espacial, e são tratados em diferentes durações e dimensões temporais – passado, presente e futuro, considerando-se o curto, o médio e o longo prazo –, sempre de maneira adequada à faixa etária das crianças, com base na Psicologia do Desenvolvimento e na Socialização Econômica, cujas pesquisas indicam em que idade se pode trabalhar cada conteúdo formal de Educação Financeira. Cada conteúdo social é trabalhado durante, aproximadamente, um bimestre letivo, por meio de um Projeto de Trabalho, que se inicia com uma das indagações indicadas na Figura 3 e orienta o aluno a encontrar respostas ao longo de uma trilha de aprendizagem permeada de textos verbais e não verbais.

Os conteúdos sociais indicados não pretendem constituir um modelo fechado. Antes, servem como exemplos de como conectar a Educação Financeira com a vida real das crianças e, portanto, podem e devem ser customizados e adaptados às realidades e culturas locais.



Figura 4. Desenho curricular dos quatro anos iniciais do Ensino Fundamental.

O fato de o livro ser de Educação Financeira e não de uma disciplina escolar específica, faz com que informações de natureza histórica, geográfica, artística etc. sejam apresentadas apenas com o objetivo de contribuir para a construção de conceitos e de comportamentos financeiros. Daí se explica o fato de não receberem tratamento minucioso nem indicação de referência para aprofundamento.

Diferentemente disso, para as áreas de Matemática e de Língua Portuguesa são apresentadas indicações bibliográficas, que poderão contribuir com o aprendizado dos educandos. O Projeto Pedagógico do Programa para os anos iniciais se encontra explicitamente comprometido com a melhoria dos resultados dos educandos nessas duas áreas do conhecimento.

Conteúdos Formais

Os quatro eixos temáticos lançam os pilares de formação necessários à vida financeira saudável e aproximam os educandos dos conteúdos de Educação Financeira. Neste item você vai conhecer melhor cada um deles.

Produção e consumo

Esse eixo temático investiga e discute a trajetória dos produtos até chegar ao uso pelo consumidor e continua refletindo, inclusive, sobre seus descartes, o que convoca a dimensão de longo prazo para compreensão geral de tal trajetória. Cada ano escolar contempla um produto ou uma categoria de produtos diferente. A ideia é possibilitar ao educando conhecer e pensar criticamente a respeito de como a sociedade se organiza para produzir, transportar e descartar produtos naturais e industrializados e qual o custo financeiro e socioambiental desse processo. Com isso, desenvolve-se uma percepção de mundo e, nesse percurso, interligam-se conteúdos de diversas áreas do conhecimento. Em especial, conecta Educação Financeira e Educação Ambiental e fornece as bases para condutas socioambientalmente responsáveis por meio do estudo de questões cidadãs (direitos e deveres).

Conteúdos: composição de preço, consumo ambientalmente responsável, estimativa, câmbio, impostos, produtos e serviços, negociação, o ter público e o ter privado, para onde vão os produtos consumidos / descarte, publicidade, querer e precisar, receitas e despesas, reconhecimento do dinheiro.

Organização

A organização faz parte do nosso cotidiano e é uma atitude importante para uma vida financeira saudável. Esse eixo temático dá conta de estimular a organização de aspectos crescentemente complexos da vida pessoal dos alunos e os leva a conhecer como outras pessoas se organizam. A ideia é caminhar do âmbito pessoal para o social, no qual se conhecerá como a sociedade vem organizando a sua vida financeira, do escambo às instituições financeiras e órgãos reguladores dos mercados.

Conteúdos: como as sociedades se organizam hoje e como se organizaram historicamente (comércio, processo de produção, escambo, trocas...), história do dinheiro, consumo, desejos x necessidades, desperdício x bem-estar, doação solidária, orçamento, processos cíclicos.

Cuidados

Este eixo temático tem como objetivo despertar as crianças para a necessidade de se cuidar daquilo que é partilhado por todos. Isso inclui a responsabilidade pessoal e social pelos espaços e bens comuns. Para atender a tais objetivos, ele lança as bases do pensamento de longo prazo, essencial aos conceitos que envolvem a dimensão de futuro (trocas intertemporais, previdência/investimentos, seguro etc.).

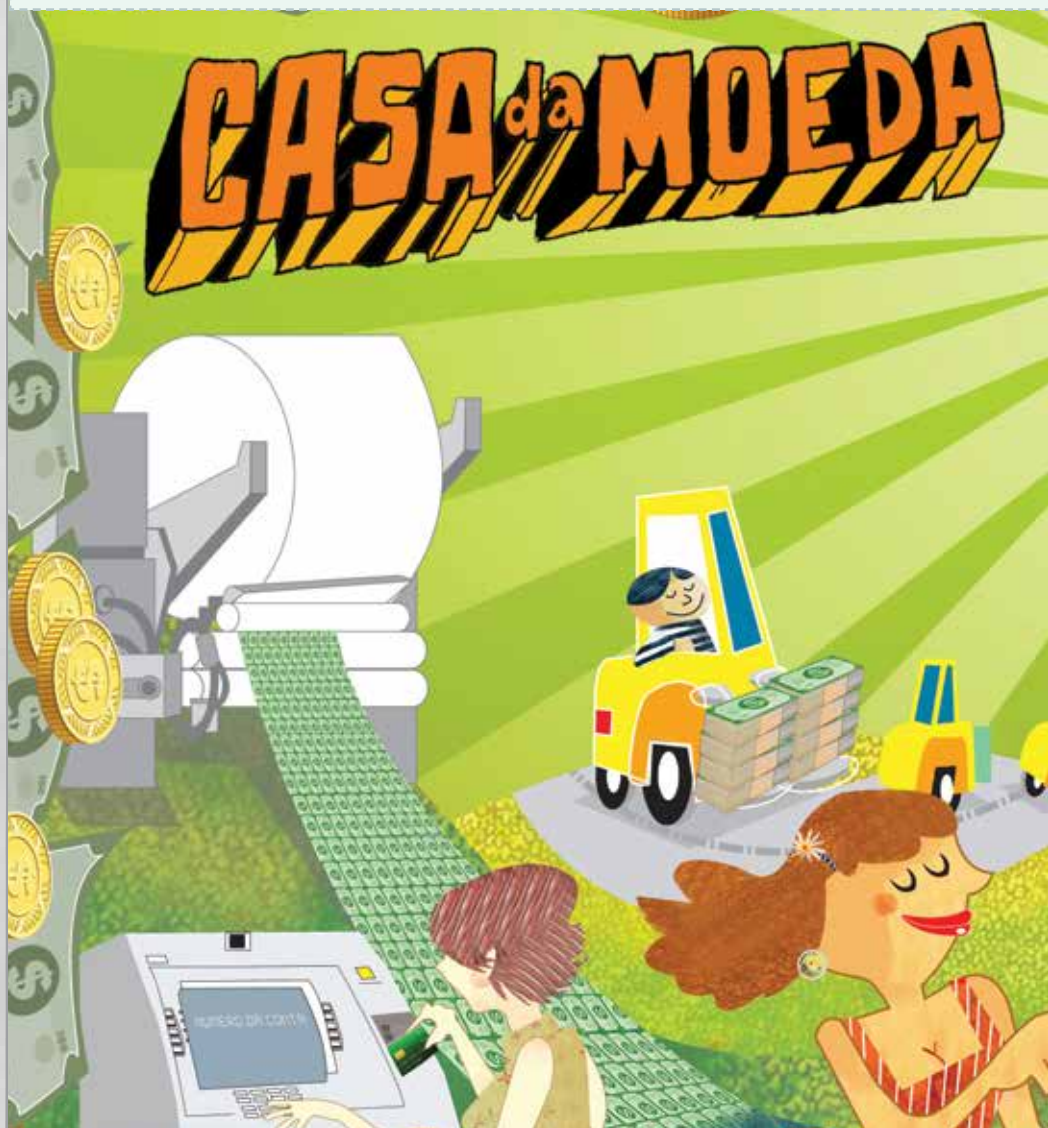
Conteúdos: ciclos da vida (padrões da natureza, padrões comportamentais), consumo, estimativas, impostos e taxas, orçamento, posse, poupança, preservação, previdência, prevenção, propriedade (pública e privada), seguro, trabalho e renda, uso e manuseio do dinheiro, valor.

Planejamento

Este eixo possibilita o engajamento dos educandos em preparativos necessários para se planejar e executar um evento, desde as primeiras ideias até o dia de sua realização. Oferece diversas oportunidades de exercitar, em ocasiões reais, modalidades simples de planejamento, com cálculos aritméticos crescentemente complexos.

Conteúdos: dinheiro, doação solidária, estimativa, escolhas, negociação, orçamento, planejamento, sustentabilidade, utilidade, valor

CASA da MOEDA



Projeto 1



Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Se dinheiro não nasce em árvore, de onde ele vem?
Questão central do projeto	De onde vem e para onde vai o dinheiro?
Foco do projeto	Dinheiro
Conteúdos de Educação Financeira	Câmbio Cédulas/Moedas Ciclo de produção do dinheiro Compra à vista x a prazo Desconto Despesas/Gastos Moedas de diferentes países Papel-moeda Poupar Receita Salário Trabalhador assalariado Trabalhador autônomo Valor
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – no manuseio do dinheiro</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – preservação das cédulas e moedas</p> <p>Ler e interpretar textos simples do universo de Educação Financeira (C04) – produção do dinheiro, seu custo e sua história</p> <p>Participar de decisões financeiras considerando suas reais necessidades (C06) – situação de simulação (avatar)</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – por meio da divulgação do conhecimento produzido</p> <p>Elaborar planejamento financeiro com ajuda (C08) – das despesas do avatar</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – cuidar do dinheiro, decisões de consumo</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – aprender a planejar/guardar para o futuro</p>
Objetivo específico	Conhecer o processo de produção da cédula



Descrição

Professor, este projeto tem como objetivo geral **explicitar o processo de produção da cédula (papel-moeda)** que se inicia na natureza e termina com diferentes possibilidades de reciclagem.

No início do projeto, as crianças conhecerão as cédulas e moedas que compõem o Real. O **valor do dinheiro**, que é um conceito muito importante em Educação Financeira, será explicitado; não apenas seu **valor monetário**, mas também o seu **valor subjetivo**.

O estudo da **história do dinheiro** permitirá **uma viagem através do tempo**, enfatizando as mudanças nas moedas, cédulas e nos bancos, até os dias de hoje. Para que as crianças **divulguem suas descobertas** a respeito do dinheiro, contribuindo para a circulação do conhecimento, textos informativos serão produzidos.

A criação de um **avatar** vai ser o disparador e trará a oportunidade para a **experimentação de situações de natureza financeira**, como: decisões de consumo, de poupar, receitas, despesas planejadas e não planejadas, permitindo a **criação de hábitos saudáveis** para a construção de uma vida financeira responsável.

**Vivenciando
situações de
natureza
financeira.**

Dinheiro. Valor monetário. — — — — Valor subjetivo.

Antes de começar este projeto procure saber se as crianças conhecem todas as cédulas e moedas de Real, e o significado do termo “cédula”. Pergunte se sabem o que está **escrito e desenhado nas cédulas** e se tais escritos e ilustrações são os mesmos em todas elas. Faça o mesmo em relação às **moedas**. Deixe que as crianças deem os seus “palpites” e, somente depois, convide-as a manusear cédulas e moedas de verdade.

Texto complementar

De 1994 para cá foram produzidas duas “famílias” de cédulas e moedas. A Primeira Família se refere às primeiras notas e moedas de Real que foram criadas. Já a Segunda Família se refere às novas notas e moedas que estão em circulação.

As notas da Primeira Família são todas do mesmo tamanho, possuem as mesmas dimensões, já as cédulas da Segunda Família têm tamanhos diferenciados – a nota de R\$ 100,00 é maior do que a de R\$ 50,00 e assim por diante. As cédulas da Segunda Família custam mais para serem produzidas, além das dimensões maiores, elas possuem mais itens de segurança, o que aumenta o seu custo de produção. Todas as cédulas têm uma numeração que as identifica.

No site do Banco Central do Brasil (www.bcb.gov.br), você encontra imagem de cédulas emitidas desde 1942, além de outras informações sobre o nosso dinheiro.

PÁGINAS 8, 9 e 10

Inicialmente, convide as crianças a analisar as características de cada cédula e de cada moeda: cor, imagem, valor etc.

Após a observação das cédulas e das moedas, peça que as crianças anotem no caderno o que observaram a respeito de cada uma delas e respondam às perguntas do Livro do Aluno.

Converse com a turma a respeito do **valor do dinheiro**, que é um conceito muito importante em Educação Financeira. **O valor é subjetivo**. As pessoas compram e vendem coisas que têm algum valor para elas; senão pensassem assim, não comprariam nada. Muito do que se compra possui um valor sentimental, não é só o valor monetário que conta. Quem é que nunca teve um brinquedo favorito que não venderia por nenhum dinheiro no mundo? E aquele ursinho de pelúcia todo molambento que você não



conseguia deixar de levar para a casa da vovó quando dormia lá? **Isso é valor: a importância subjetiva que atribuímos às coisas.** É preciso conversar com as crianças sobre isso para que aprendam a compreender que, no contexto de Educação Financeira, muitas vezes é o valor subjetivo que fala mais alto do que o bom senso. Um tênis de marca famosa custa bem mais caro do que outros de mesma qualidade e, no caso de se optar por esta compra, pode-se correr o risco de endividamento. Aproveite para conversar com as crianças sobre o fato de que, muitas vezes, as pessoas desejam e consomem produtos de marcas famosas para se sentirem importantes, para serem aceitas em alguns grupos ou se destacarem entre os amigos.

PÁGINAS 11, 12, 13, 14 e 15

Converse com as crianças sobre a **produção da cédula**: onde é feita, quem faz, onde é guardada, quais os materiais utilizados na sua confecção, e o que é feito dela quando não mais circula, de tão velha, suja e rasgada. Deixe que sua turma levante hipóteses, suposições, e que as registrem em seu caderno ou em diários virtuais.

Em outro momento, **leia** com a turma a **HQ** que mostra as etapas dessa produção. Dessa forma, as crianças poderão confirmar ou não suas hipóteses e desconstruir ou não os conhecimentos que julgavam possuir sobre esse assunto.

Analise com as crianças a forma e o conteúdo do texto. Peça que **observem cada quadrinho** da história e relatem o que estão percebendo. Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. Observe que se trata do gênero textual **história em quadrinhos** (HQ). As HQ são narrativas que combinam texto e imagem; sua leitura é feita da esquerda para a direita.

Enfatize a **sequência temporal** durante essa HQ: do início ao fim, a exposição de todo o **“ciclo de produção”** da cédula, que se inicia na natureza e termina com diferentes possibilidades de reciclagem, mostradas no infográfico.

A HQ explora a quantidade de notas produzidas pela Casa da Moeda. Se lhe parecer adequado ao desenvolvimento da turma, você pode explorar os números muito grandes que aparecem na história.

Comece com a leitura dos números que indicam a produção de cédulas. A Casa da Moeda tem capacidade para produzir cerca de 3,5 bilhões de unidades por ano, operando em dois turnos. As cédulas vão sendo produzidas na medida da necessidade de reposição.

O “ciclo de produção” enfatiza a sequência temporal.



Como escrever grandes quantidades.

Pergunte às crianças se elas sabem escrever esse número usando apenas algarismos. Deixe que façam suas hipóteses, e, em grupo, decidam sobre a forma correta de registrar a quantidade. Se perceber que estão com dificuldades, proponha a escrita de números menores: tais como 1 milhão, 23 milhões. Você pode ainda, explorar a diferença entre a produção em 2000 e a capacidade de produção atual. Veja essa notícia relativa à produção do ano 2000:

Até agosto, foram produzidos 720 milhões de notas de dinheiro vivo. Até dezembro, outros 580 milhões de cédulas serão produzidos a pedido do Banco Central.

(Revista ISTO É Nº EDIÇÃO: 154, de 09 DE AGOSTO DE 2000).

Somando-se os dois dados da notícia, tem-se que no ano de 2000 foram produzidas 720 milhões + 580 milhões = 1 bilhão e 300 milhões de cédulas.

Trabalhe essa adição com sua turma convidando-a a reescrever os números separadamente. Para essa tarefa, se constatar que estão com dificuldade, proponha construir um quadro com as diferentes ordens:

Bilhão		Milhão			Milhar			Simples		
U	C	D	U	C	D	U	C	D	U	
	7	2	0	0	0	0	0	0	0	
	5	8	0	0	0	0	0	0	0	
1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	

O recurso ao quadro é um meio para que você ajude os estudantes a avançar na compreensão de nosso sistema decimal de numeração. Não se destina a se transformar em mais um instrumento de mecanização. Portanto, procure se certificar que estão compreendendo a proposta. Para isso, é muito útil **promover um ditado de números** e pedir que inicialmente escrevam o que pensam. Provavelmente surgirão dúvidas em relação à quantidade de zeros. Essas dúvidas podem ser sanadas numa dinâmica em que as crianças discutam em grupo e tomem decisões.

Para o ditado, sugerimos os seguintes números: **720 089 – 7 289 – 700 289 – 789 002.**

Continuando a explorar estas atividades, convide-as a observar agora as dimensões das cédulas. É uma boa oportunidade para introduzir, caso julgue oportuno, a **medida das dimensões** dos lados de um retângulo.

Caso as suas crianças ainda não estejam familiarizadas com o **uso da régua**, providencie para que cada uma tenha uma régua escolar de 20 cm. Peça que observem os números e os tracinhos representados. Analise com elas os valores. É bastante comum encontrar pessoas que cortam o primeiro segmento (0 a 1) argumentando que a contagem se inicia no 1 e não no zero.

A contagem inicia-se no ponto 0. Entre 0 e 1, temos a **medida padrão denominada centímetro**. Cada centímetro está dividido em 10 partes menores ainda. Cada uma dessas partes é um **milímetro**.

Observe a ilustração:



Agrupe as crianças em grupos de 4 e forneça uma nota da “segunda família” do Real e outra da “primeira família” do Real. Peça que **observem se as notas têm todas as mesmas dimensões**. Depois comparem cédulas da “primeira família” entre si. Observe se as crianças perceberam que todas as cédulas da “primeira família” são do mesmo tamanho. Para finalizar, você pode pedir a um membro de cada grupo que venha escrever no quadro as medidas encontradas. Deixe que expressem os valores problematizando acerca da maneira usual de registrar medidas, utilizando “cm” em lugar de centímetros por extenso.

Dimensões das notas antigas: 14,0 cm por 6,5 cm

Dimensões das novas notas:

100 Reais	15,6 cm x 7,0 cm
50 Reais	14,9 cm x 7,0 cm
20 Reais	14,2 cm x 6,5 cm
10 Reais	13,5 cm x 6,5 cm
5 Reais	12,8 cm x 6,5 cm
2 Reais	12,1 cm x 6,5 cm

Retome a última parte da HQ, que mostra o dinheiro trocando de mão em mão, e pergunte à turma: por que é necessário produzir dinheiro? Oriente a turma a compreender que uma coisa é o fato de as cédulas se desgastarem pelo simples uso, outra, é a danificação de cédulas causada pelo mau uso que é feito delas.

**Dimensões
das
cédulas**

Incentive as crianças a expressar suas ideias.

Pergunte: “**será que custa dinheiro produzir dinheiro?**” Explore as ideias que as crianças têm sobre o tema. Deixe que expressem suas ideias iniciais, mas lembre-lhes que muitas pessoas trabalham nessa produção e que há muito material e equipamento – papel, tinta, mecanismos de segurança, impressora etc. – usado na fabricação.

Em seguida, proponha à turma algumas situações abordando os dados contidos no quadro a seguir, que informa que as novas notas produzidas são mais caras do que as antigas que estão em circulação da “primeira família”:

	1ª Família (custo por milheiro de cédulas em Reais)	2ª Família (custo por milheiro de cédulas em Reais)	Variação de Preço
50 Reais	180,48	238,27	+ 32,02%
100 Reais	180,48	247,51	+ 37,14%

Ao observar o quadro, verificamos que a variação do preço é dada em porcentagem. Apesar de esse tema não se destinar aos estudantes dos anos iniciais, é importante que você possa responder acerca do significado, sem a necessidade de ter que aprofundá-lo nesse momento.

Como as crianças possivelmente já conhecem frações, você pode explicar que a porcentagem trata-se, na verdade, de uma fração. O termo “porcentagem”, como indica o nome, refere-se a uma fração cujo denominador é igual a 100. Ela permite comparar valores indicando a variação de um valor em relação a outro. Por exemplo, para comparar R\$ 238,27 com R\$ 180,48 que são os custos das notas de 50 Reais de cada família, podemos lançar mão do conceito de porcentagem. Dizemos que a diferença em Reais corresponde a (no caso um aumento) 32,02%. Ou seja, se a variação entre os custos das duas famílias de Reais, no caso da nota de 50 Reais, é R\$ 57,79, esse valor é equivalente a 32,02 %, ou, $32,02/100$.

Aqui você pode explorar **operações com números decimais**, pedindo que digam quanto a mais custa produzir mil cédulas de 50 Reais da segunda família e quanto a mais custa produzir mil cédulas de 100 Reais da segunda família.

Explore também a **multiplicação**. Se mil notas custam R\$ 180,48, quanto custará produzir o dobro? E o triplo? Quanto custará produzir dez mil notas?

A importância desse trabalho é observar as regularidades nos resultados das diferentes multiplicações.

$$\text{R\$ } 180,48 \times 2 = \text{R\$ } 360,96 \text{ (ou } 180,48 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 3 = \text{R\$ } 541,44 \text{ (} 360,96 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 4 = \text{R\$ } 721,92 \text{ (} 541,44 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 5 = \text{R\$ } 902,40 \text{ (} 721,92 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 6 = \text{R\$ } 1\,082,88 \text{ (} 902,40 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 7 = \text{R\$ } 1\,263,36 \text{ (} 1\,082,88 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 8 = \text{R\$ } 1\,443,84 \text{ (} 1\,263,36 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 9 = \text{R\$ } 1\,624,32 \text{ (} 1\,443,84 + 180,48\text{)}$$

$$\text{R\$ } 180,48 \times 10 = \text{R\$ } 1\,804,80 \text{ (} 1\,624,32 + 180,48\text{)}$$

Se a turma estiver muito interessada em aprender mais sobre dinheiro, você pode estender o estudo para moedas. A seguir, há um quadro em que cada **moeda** foi especificada de acordo com suas características físicas. Esses dados podem gerar várias **atividades de comparação** entre moedas de diferentes valores e é um ótimo contexto para introduzir os estudos de diâmetro, massa e espessura.

MOEDAS

R\$	Diâmetro (mm)	Espessura (mm)	Massa (g)	Material
0,01	17,00	1,65	2,43	Aço revestido de cobre
0,05	22,00	1,65	4,10	Aço revestido de cobre
0,10	20,00	2,23	4,80	Aço revestido de bronze
0,25	25,00	2,25	7,55	Aço revestido de bronze
0,50	23,00	2,85	7,81	Aço inoxidável
1,00	27,00	1,95	7,00	Miolo de aço inoxidável e anel de aço revestido de bronze.

Moedas:

**Diâmetro,
massa e
espessura**

Tudo
muda
o tempo
todo no
mundo.

PÁGINAS 16 e 17

Essas páginas se prestam bastante para desenvolver o pensamento histórico das crianças. Pensar historicamente ajuda a **entender o significado dos fatos no contexto histórico em que aconteceram**. Se hoje em dia é impensável contratar pessoas para trabalhar em troca de comida, isso já foi perfeitamente aceitável em épocas passadas. Em distintas épocas e sociedades, por exemplo, as pessoas tinham diferentes formas de se vestir. O que é “bom”, “bonito” e “adequado” em uma sociedade precisa ser compreendido em função do contexto histórico em que se encontra, já que é **com o passar do tempo que se percebem as mudanças**. A História, por ser uma ciência essencialmente explicativa, cumpre bem o seu papel de, por meio de estudo do passado, ajudar-nos a compreender e a lidar melhor com o presente numa perspectiva de projetar o futuro. No contexto da sala de aula, a História pode ajudar a nós, educadores – a perceber nossas crianças como produtoras de História, já que são, ao mesmo tempo, produtoras de cultura e sujeitas às influências da cultura em que estão inseridas.

Texto complementar

A evolução do dinheiro

Adaptado da cartilha BOVESPA Júnior

Muitos objetos, ao longo da História, foram usados como dinheiro – vasos de barro, vinho, sal e gado estão entre eles. No Norte da África e no Mediterrâneo as pessoas usavam sal como dinheiro.

Do uso do sal como dinheiro é que surgiu a palavra “salário”. Acredita-se que os soldados romanos eram pagos com sal e por isso começou-se a usar a palavra para nomear o pagamento que os trabalhadores recebem de seus patrões.

Os comerciantes geralmente embrulhavam porções de sal em tecido para reduzir o risco de o sal lascar e para evitar que as pessoas raspassem partes dele nas negociações. O sal poderia também se molhar e estaria perdido, portanto, não era ideal para ser usado como dinheiro.

Para resolver o problema, o homem começou a utilizar metais preciosos como dinheiro. Inicialmente o cobre e o ferro foram os metais empregados para fabricação de moedas; posteriormente, o ouro e a prata. A criação das moedas metálicas dificultava a ação de falsários.

O perigo de andar com muitas moedas gerou a necessidade de se pensar em guardar as moedas em segurança. Foi isso que deu origem ao surgimento das “casas de custódia”. Elas emitiam recibos de depósito, que eram mais cômodos e seguros. Assim apareceu a moeda-papel. Em outras palavras, um papel que representava um depósito de ouro ou prata que havia sido feito nas “casas de custódia”.

Com o tempo, o dono da casa de custódia começou a emprestar uma parte dos metais que eram guardados e a cobrar por esses empréstimos. Isto fez com que aparecesse o papel-moeda, o dinheiro como nós o conhecemos hoje.

O estudo da história do dinheiro pode contribuir para a construção dos múltiplos significados das riquezas, em função da diversidade de características de cada contexto histórico de diferentes povos. Por meio da história do dinheiro, as crianças verão, por exemplo, que as guerras napoleônicas trouxeram toda a corte portuguesa para o Brasil, e, em consequência disso, o país ganhou grande impulso em várias áreas, inclusive na financeira: “em 1808, D. João VI criou o Banco do Brasil, o primeiro banco da América do Sul e o quarto do mundo.”

Por esses motivos, procure abrir espaço de estudo sobre o dinheiro. Crianças costumam ser facilmente conquistáveis para o mundo da pesquisa porque são naturalmente curiosas. Elas adorarão conhecer os inúmeros formatos, tamanhos e pesos que as moedas tiveram ao longo da história e você estará lá, junto com elas, ajudando-as a compreender os múltiplos significados que se criaram em torno do dinheiro.

Como fruto das pesquisas das crianças, nossa sugestão é que você **promova a produção de textos informativos** que possam servir de referência para outras crianças da escola. Não tem sentido produzir textos informativos que tenham como destinatário um único leitor: você. Um conhecimento produzido deve sempre circular entre as pessoas porque assim é que nos tornamos produtores de cultura.

Informativo é o tipo de texto que, de modo objetivo e organizado, expõe conteúdos temáticos de natureza diversa e com propósitos variados. Com linguagem simples e direta e com grau de formalidade relativo ao contexto em que circula, **sistematiza dados sobre determinado assunto** – geral ou específico – por meio de grande variedade de gêneros textuais, como relatos, resumos, reportagens, textos enciclopédicos, textos de divulgação científica, textos didáticos e paradidáticos. Os recursos linguísticos mais empregados por esta modalidade de organização textual

A história
do
dinheiro



Diferentes tipos de medidas



são: a seleção vocabular para referência precisa a conceitos, a fatos e a definições; o uso restrito de adjetivos, de modo geral, sem valor opinativo; e o estabelecimento de sequências temporais com base em advérbios, expressões adverbiais e flexões verbais adequadas. Para melhor caracterização do conteúdo exposto, textos informativos também empregam, com frequência, textos não-verbais, como ilustrações, fotografias, mapas e tabelas. Os textos “Uma história de valor” e “O Banco do Brasil”, no Livro do Aluno, são exemplos de texto informativo.

Faça as seguintes perguntas para as crianças: sabia que há muito tempo o sal era usado como dinheiro? Será que eles pesavam o sal? Como medimos hoje a quantidade de sal?

Para iniciar um trabalho sobre o nosso **sistema de medidas**, converse com as crianças sobre as diferentes formas que temos para medir as coisas:

- Medidas de comprimento: comprimento de uma mesa, de uma sala, altura de uma pessoa, distância entre a casa e a escola etc.
- Medidas de capacidade: a quantidade de leite que cabe em um copo, a quantidade de água que gastamos para tomar um banho etc.
- Medidas de tempo: a duração do recreio, a duração da semana letiva, o tempo em que passam diariamente na escola, o tempo que levam em um banho etc.
- Medidas de massa: o “peso” de cada pessoa, o “peso” de alguns alimentos que são vendidos em quilogramas como arroz, feijão, açúcar, sal etc.

Depois dessa conversa inicial, pergunte se já repararam que o pacote de sal tem escrito 1 kg, ou 1 quilograma, e o pacote de açúcar também. Problematize com elas sobre esse fato: os dois pacotes pesam um quilograma, mas um pacote é menor do que o outro. Pergunte se têm alguma resposta para esse fato. Deixe que apresentem suas ideias. Antes de dar uma explicação para o fato, anuncie que será feito um jogo para ver se conseguem descobrir o motivo desse fenômeno.

Proponha um **Jogo de Adivinhação** que é muito usado para estimular a percepção sensorial. Há várias versões: para estimular o sentido do olfato, do tato, do paladar ou da audição. Consiste em pedir que reconheçam objetos de olhos fechados pelo tato, pelo gosto, pelo cheiro, pelo som.

Aqui a proposta é a de tentarem **estimar, sem recorrer a uma balança, a massa** de diferentes objetos. Para isso coloque sobre a mesa alguns objetos

com pesos de 1 000 g, 750 g, 500 g e 250 g, que devem ser colocados em caixas fechadas exatamente iguais. Divida a turma em grupos de quatro e promova uma atividade na qual um representante de cada grupo vem à mesa para escolher a caixa que tem o objeto mais pesado e a que tem o objeto mais leve. Vá anotando em uma folha de papel as respostas de cada grupo.

Depois de todas as quatro crianças do grupo terem dado suas respostas, faça a verificação com a turma sobre os resultados. Ganha a equipe que tiver feito as estimativas mais aproximadas às medidas reais.

Para finalizar, **proponha que abram a caixa e observem os objetos**. Nesse caso é interessante se você conseguir ter objetos de mesma massa e com tamanhos bem diferentes: um objeto de metal e um fardo de algodão; um punhado de sal e outro de leite em pó; materiais próprios da realidade das crianças, como sementes, pedrinhas, bolas de gude etc. A intenção é discutir agora a questão inicialmente colocada sobre **a diferença entre objetos que tenham a mesma massa, mas diferentes tamanhos**.

Essa explicação deve ajudar você a compreender melhor essas ideias, mas não nos parece adequado explicitá-las para as crianças. É importante ter clareza sobre os **conceitos de massa e de peso**. A massa é representada pela quantidade de matéria de um corpo. Portanto, ela é igual em qualquer lugar do universo. Já **o peso é uma força**. Se o corpo estiver próximo à superfície da Terra, a força peso será a força com a qual o planeta Terra atrai o corpo para o seu centro. Se for possível elevar esse mesmo corpo a uma altitude de 10 km, por exemplo, a massa continuará a mesma, mas o peso terá um decréscimo, pois a força com que a Terra atrai o corpo fica um pouquinho menor porque depende da distância em relação ao centro do planeta.

Na Lua, por exemplo, a gravidade é aproximadamente seis vezes menor do que na Terra. Portanto, o peso do corpo na Lua é menor do que o seu peso na Terra. Já a massa é a mesma na Terra ou na Lua. É importante ressaltar o fato de que o **peso**, que é uma força, **consiste na interação entre dois corpos**. No caso, seriam a Terra e o objeto em questão. Já a massa é característica apenas de um objeto, não tendo qualquer relação com outro objeto (planeta, no caso).

O fato de dois corpos terem a mesma massa, mas diferentes tamanhos está associado a outro conceito que é o de densidade. A densidade relaciona a massa do corpo com o volume que ele ocupa. Indica a quantidade de matéria que existe num determinado espaço (volume). Existe mais ferro em um recipiente com capacidade para 1 litro do que de algodão no mesmo recipiente. Dizemos que a densidade do ferro, em relação à do algodão é muito maior.

Fazendo
estimativas.

Classificando por peso.

Nessa etapa de escolaridade, referente ao 4º ano, o trabalho com medidas de massa pode ganhar em precisão. Para isso, depois que abrirem as caixas com os diferentes materiais, proponha fazer uma **classificação por peso**. Para isso vai ser necessário lançar mão de uma balança que permita identificar o peso de cada objeto. Se isso não for possível, antes de fazer a atividade providencie etiquetas que mostrem essa medida. Como havíamos sugerido inicialmente, esses valores devem ser 1 000 g, 750 g, 500 g, 250 g.

Agrupe os objetos de acordo com os valores encontrados para o peso e explique que a **unidade de medida de massa é o grama**. 1 000 g é o mesmo que 1 quilograma, que pode ser também escrito como 1 kg. Desafie-as a relacionar os demais valores com o quilograma:

$$1\ 000\ g = 1\ \text{quilograma}$$

$$500\ g = 1\ 000\ g \div 2 = \frac{1}{2}\ \text{quilograma}$$

Se achar adequado explore as relações de quartos: $\frac{1}{4}$ de quilograma e $\frac{3}{4}$ de quilograma.

PÁGINAS 18 e 19

Convide pessoas mais velhas para contar por quantos nomes diferentes de dinheiro passou em sua vida, e por que isso aconteceu. O Brasil teve 9 moedas. A primeira foi o Real, apelidado de Réis (como se tornou mais conhecido, que vem desde a época do Brasil Colônia até a República). Além das moedas representadas no livro, tivemos ainda: Real/Réis (de 1500 a 1942); Cruzeiro (1970); Cruzeiro (1990). A moeda atual é o Real (desde 1994).

Aproveite para perguntar se alguém já viu ou possui cédulas antigas ou moedas. Seria interessante, inclusive, promover uma exposição desse material, que poderia envolver todas as turmas da escola. Quem possuísse cédulas ou moedas que já saíram de circulação poderia trazê-las para serem expostas.

Observe o mapa-múndi do Livro do Aluno com as crianças. Faça-as explicar o que entendem a respeito do mapa e das bandeirinhas com nomes de moedas espetadas em certos países. Pergunte se conhecem aquelas palavras – real, dólar, euro etc. Leve para a sala o mapa-múndi maior e explore-o de acordo com as possibilidades de entendimento da sua turma, perguntando, dentre as seguintes sugestões, as que forem pertinentes: em que continente se encontra cada país destacado no mapa? O que é país? Onde termina um país e começa



outro? Quem decide isso? Quais são os países “vizinhos” do Brasil? O Brasil é vizinho dos Estados Unidos? Estão no mesmo continente ou em continentes diferentes? O que é continente?

A partir da constatação que cada país tem sua moeda, inicie uma conversa com as crianças perguntando se sabem que as pessoas que viajam para fora do Brasil têm que trocar suas notas em Real por notas do país de destino.

Para saber quanto vale a moeda de cada país é necessário consultar o jornal do dia ou, o que é mais confiável, o site do Banco Central do Brasil.

Para trabalhar essas ideias, monte inicialmente com a turma um quadro que fique afixado em algum lugar visível da sala e, a cada dia, anote o valor do dólar. Esse quadro ajudará a constatarem que esse **valor é variável** dependendo de inúmeros fatores.

No dia em que for desenvolver a atividade, proponha que construam um quadro como o que se segue, que foi construído usando a cotação fornecida pelo Banco Central do Brasil em 14 de novembro de 2011, considerando até os centavos. Aqui novamente, a proposta é que constatem regularidades e lidem com a multiplicação de números decimais.

Organize os valores levando em consideração a cotação da semana.

VALOR EM REAL	VALOR EM DÓLAR
1,76	1,00
3,52	2,00
5,28	3,00
7,04	4,00
8,80	5,00
10,56	6,00
12,32	7,00
14,08	8,00
15,84	9,00
17,60	10,00

Estimule a leitura do quadro perguntando: Quantos reais eu preciso para trocar por um dólar? E para ter 2, 3 ou 10 dólares?

É interessante também aqui observar que 10 dólares correspondem a R\$ 17,60, ou seja, que o resultado de multiplicar um número decimal

A cotação
varia

por dez é andar com a vírgula para direita uma posição. Você não deve informar isso às crianças, mas construir essa ideia com elas, a partir de observação de diferentes situações. O caminho que sugerimos é somar dez vezes os números, para que elas **PERCEBAM essa regularidade e concluam** esse fato: multiplicar por 10 é andar com a vírgula para a direita, ou seja, andar uma posição.

Num segundo momento, proponha às crianças: se você tiver 3 dólares, quantos reais pode obter? Converse sobre a possibilidade de ler o quadro da esquerda para a direita.

Se achar interessante faça a mesma atividade fazendo trocas com o euro.

Fazer relações de comparação: se 1 real vale R\$ 1,76 e 1 euro vale R\$ 2,40, o que vale mais – o real, o dólar ou o euro? Quantos reais eu preciso para trocar por 1 euro? E para ter 2 ou 3 (ou x) euros? Obs: ver a cotação do dia.

Desafie as crianças a pensar como converter quantias em dólares para euros. Estimule-as a pensar e a inventar uma forma ou fórmula matemática para isso. Não se preocupe em fornecer um procedimento, deixe que as crianças criem soluções originais para o problema.

PÁGINA 20

O primeiro momento será dedicado à leitura do texto “Moedas de colecionadores”. Em seguida, **promova uma discussão** em sala sobre o que leram, respondendo às seguintes indagações:

- Por que fazer uma coleção de moedas antigas?
- Por que é preciso organizar uma coleção?
- Como se organiza uma coleção de moedas (o que são e quais são os critérios?)
- Que conhecimentos os colecionadores podem obter com uma coleção de moedas antigas?

O segundo momento será destinado a conhecer quais crianças possuem **coleções, como de moedas antigas**, ou de qualquer outra natureza. Seria interessante que essas crianças pudessem levar suas coleções para a escola, para apresentar aos seus colegas: quais critérios utilizaram para organizar, o que fazem com um elemento repetido e o que aprenderam com sua coleção.

Toda atividade de classificação ajuda a construir os esquemas mentais que posteriormente serão a base para a classificação de despesas, por exemplo.

Organizar uma coleção também ajuda a trabalhar o valor das coisas, percebendo que há objetos que nos são preciosos e que há também preciosidades não materiais (como as lembranças de se organizar uma coleção). Essa reflexão e tomada de consciência acerca do valor pessoal das coisas ajudará, mais tarde, a traçar prioridades de vida.

PÁGINA 21

Mostre notas rasuradas, rasgadas e deixe as crianças falarem o que pensam sobre isso.

Relembre que as cédulas se desgastam pelo simples uso, mas cédulas danificadas pelo mau uso que é feito delas é um ato que pode e deve ser evitado, pois diminui em muito tempo a durabilidade das cédulas exigindo uma reposição, que gera mais gastos.

Leia o texto “O dinheiro é meu, é seu, é de todos nós”. Depois **explique** qual **a relação** que a falta de cuidado com o dinheiro tem com mais gasto do dinheiro de cada cidadão. Peça que as crianças relacionem o título do texto com a ideia de que todos nós teremos de arcar com mais gastos com uma nova produção de dinheiro.

Lance a pergunta: existe diferença em termos de gastos, entre uma coleção de moedas antigas e guardar moedas novas em circulação?

PÁGINA 22

Explore as palavras e expressões da nossa língua que nomeiam dinheiro ou a falta dele. Coloque os termos mais conhecidos em frases completas, com sentido, e peça às crianças para criarem suas próprias frases. Estimule as crianças a perguntar a seus familiares quais as palavras e expressões que conhecem. Conforme a variedade de locais de origem das famílias, pode ser que se consiga obter listas de termos característicos de diferentes regiões do país. Se for esse o caso da sua turma, aproveite para montar um mural com o mapa do Brasil com indicação das palavras e expressões mais utilizadas em cada região.

Em outro momento, verifique se há **canções**, do conhecimento das crianças, **que mencionem dinheiro**. Como sugestão, explore o gostoso samba de



**Relacionando
falta de
cuidado
com mais
gastos.**

Sidney Miller, “Maria Joana”, uma composição de 1967 que você pode ouvir gratuitamente na internet, nas interpretações de Nara Leão, de Gal Costa, ou do próprio Sidney Miller em <http://www.radio.uol.com.br>.

A canção aborda a história de um casal trabalhador em sua luta diária pela sobrevivência material. A letra começa com a afirmação da importância dos bens materiais para se viver bem.

Em seguida, paralelamente à transcrição de ditos populares, a canção reforça a ética do trabalho como valor, uma vez que constitui o meio de sobrevivência que permitirá a realização de outras aspirações não necessariamente materiais.

O enredo, em seguida, registra a queixa do eu lírico com relação à esposa – deslumbrada, segundo o relato, pela possibilidade de grande ascensão social, uma vez que se acredita destinada à riqueza e ao sucesso material.

Por fim, a canção se encerra com uma reflexão sobre o próprio dinheiro como valor: se deve ser um fim, um objetivo em si mesmo; ou se deve apenas constituir um meio para a verdadeira riqueza, a consumação de outras aspirações?

Assim, a protagonista Maria Joana é a interlocutora dos versos finais do eu lírico, cuja conclusão é que dinheiro não faz uma pessoa mais rica do que outra.

“Maria Joana”, pela sua simplicidade de composição, permite a discussão de importantes questões relacionadas à importância do dinheiro na sociedade contemporânea.

Nesse sentido, cabe o **debate sobre qual a função do dinheiro na vida** de cada um: o meio para suprir as necessidades da sobrevivência material? O suporte para realização de outros sonhos pessoais? O recurso para consumo desenfreado de bens e de serviços? O modo de diferenciação pessoal em relação aos demais cidadãos e consumidores, pela aquisição e pelo acúmulo de bens?

Se você e as crianças estiverem interessados em explorar outras músicas que façam referência a dinheiro, aí vão duas sugestões:

“Pra que dinheiro”, de Martinho da Vila

“Dinheiro, pra que dinheiro / Se ela não me dá bola”

“Beleza pura”, de Caetano Veloso

“Não me amarra dinheiro não / Mas formosura”

Peça à turma para fazer uma leitura individual e silenciosa do **texto informativo** “Como o dinheiro entra na minha casa”. Depois que toda a turma tiver terminado, abra para uma discussão sobre o texto. O que entenderam? Quem poderia identificar, na sua família, quais as várias maneiras de entrada de dinheiro. Essas maneiras, na verdade, se chamam “**receitas**”.

Explore bastante o tema, discutindo **vantagens e desvantagens de cada tipo de fonte de renda**. Explique que há pessoas que combinam fontes de renda diferentes: embora assalariadas, prestam algum tipo de serviço eventual, pelo qual recebem gorjetas, comissões, gratificações, ou podem receber aluguéis etc.

Ao final, é importante que as crianças compreendam que **não há um tipo “melhor” do que outro**. Cada pessoa, considerando suas necessidades pessoais e suas responsabilidades sobre outras, precisa saber buscar qual o melhor tipo de fonte de renda para ela naquele momento.

Em seguida, ajude a turma a localizar as informações importantes sobre o tema tratado no texto e a fazerem o registro sobre os tipos de fontes de renda no caderno.

Proponha uma **pesquisa sobre fontes de renda**. Divida a turma em 6 grupos: metade dos grupos vai procurar entrevistar pessoas da comunidade que sejam assalariadas e a outra metade tentará entrevistar trabalhadores autônomos. Se o grupo encarregado de entrevistar um trabalho autônomo não conseguir encontrar nenhum, pode buscar um assalariado. Essa, inclusive, será uma maneira de concluir, ao final, se há mais pessoas, no universo entrevistado, que são assalariadas ou que trabalham como autônomas. O número de entrevistados que são assalariados e que trabalham como autônomos pode até ser computado no quadro de registro das entrevistas.

Preparem juntos, de antemão, o que será perguntado, tendo as perguntas abaixo como referência.

Para o Trabalhador Assalariado pode-se perguntar:

1. Qual é a sua profissão?
2. O seu trabalho atual é nessa profissão?
3. Onde (em que empresa) você está empregado e como é o seu trabalho (o que você faz)?



Diferentes tipos de fontes de renda.

**Trabalhador
assalariado.**

**Trabalhador
autônomo.**

**Qual a
diferença?**

4. Recebe o salário por mês? Por semana? Por dia? (Caso receba por semana ou por dia deve-se calcular o salário mensal)
5. Quantas horas por semana você trabalha?
6. Em que dias da semana você trabalha?
7. Quanto tempo de férias você tem por ano?

As mesmas perguntas podem ser feitas para o Autônomo, adaptando-as à sua realidade:

1. Qual é a sua profissão?
2. O seu trabalho atual é nessa profissão?
3. Conte um pouco como é o seu trabalho, o que você faz.
4. Você é autônomo?
5. Quantas horas por semana você trabalha?
6. Em que dias da semana você trabalha?
7. Quanto tempo de férias você tem por ano?

No dia combinado, monte com as crianças dois quadros, com as respostas de cada entrevista:

SITUAÇÃO DO TRABALHADOR ASSALARIADO

	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3
Profissão			
Trabalha na profissão?			
Onde trabalha?			
Recebe por mês, por semana ou por dia?			
Horas semanais de trabalho			
Trabalha em que dias da semana?			
Tempo de férias			

SITUAÇÃO DO TRABALHADOR AUTÔNOMO

	ENTREVISTADO 1	ENTREVISTADO 2	ENTREVISTADO 3
Profissão			
Trabalha na profissão?			
O que faz?			
Horas semanais de trabalho			
Trabalha em que dias da semana?			
Tempo de férias			

Coletando os dados das entrevistas.

Depois de preencher os quadros, converse novamente sobre as **características de cada uma das duas realidades**, a partir da análise dos dados ali encontrados.

A diversidade de exemplos trazidos servirá para as crianças começarem a atentar para a enorme desigualdade de renda que existe no país.

PÁGINAS 24 e 25

O texto sobre a família de Carlos e suas despesas só deve ser trabalhado depois das atividades de construção do avatar e de sua história.

Organize a turma em grupos. Cada grupo deverá criar um avatar, ou seja, um personagem fictício, mas que vive no mundo real e já tem receita própria. Oriente essa criação com perguntas como: quem é ele/ela, qual a sua profissão, quais são seus hábitos e suas preferências, qual a sua receita etc. Se julgar adequado, sugira às crianças que se inspirem em um dos entrevistados na pesquisa anterior, pensando em características dessa pessoa.

Depois de concebido o avatar, cada grupo irá **criá-lo concretamente** com jornal. Para começar, é preciso estipular o tamanho final do personagem, que pode ficar em torno de 1 metro a 1,50 metro. Folhas abertas de jornal são coladas umas às outras para compor a área total da figura. Isso deve ser feito em dose dupla porque uma folha será a frente e outra, as costas do

Criando um Avatar.



personagem. Coloca-se uma folha sobre a outra, desenha-se o contorno da figura e recortam-se as duas folhas juntas. Antes de colar todas as pontas, deixe uma abertura para poder “estofar” a figura. Proceda assim: rasga-se na mão, em tiras, uma quantidade de jornal suficiente; depois, amassam-se as tiras, que são em seguida introduzidas na abertura da figura, a qual deve ser colada ao final. Construída essa estrutura de corpo tridimensional, é hora de criar e de colocar os elementos na figura: olhos, nariz, boca, orelhas, roupa e adereços.

Esse seria o ponto de partida para navegar por algumas situações-problema propostas mais adiante, depois das produções textuais.

Essa atividade comporta duas produções textuais: uma **descrição do avatar** e uma **narrativa de sua origem e história**.

Para a produção do texto descritivo, oriente as crianças a **detalhar os elementos do rosto e do corpo do seu avatar**. Talvez seja bom pegar um dos avatares e fazer uma descrição oral junto com a turma. Você pode ir perguntando: como é o nariz – grande, fino, pontudo, reto ou o quê? E os olhos, são apertados, “puxadinhos”, arregalados, pequenos? E de que cor são eles? Continue ajudando as crianças a “ler” esse avatar até que sintam que estão seguras para produzirem suas próprias frases descritivas.

Faça os textos descritivos circularem entre as crianças, para que se ajudem a melhorá-los, seja acrescentando detalhes, seja reescrevendo passagens que não tenham ficado claras.

Em outro momento, prepare as crianças para **produzirem uma narrativa** para o seu avatar. Para “esquentar os motores”, vá fazendo uma série de perguntas, como: qual o nome dele ou dela? Onde nasceu? Que idade tem? Como é sua família? Qual a sua profissão? Ele ou ela gosta da sua profissão? Onde mora? Como é sua casa? O que aconteceu de emocionante em sua vida? **Instigue as crianças a imaginar fatos divertidos e imaginários**. Um exemplo: “quando era pequeno, caiu dentro de uma bacia com sabão e até hoje toda vez que espirra sai-lhe uma bolha de sabão pela boca”. Uma boa maneira de provocar as crianças a criar fatos como esse é pedir-lhes que pensem em “alguma coisa malquinha” que tenha acontecido na vida do seu avatar.

Algumas crianças escrevem melhor sozinhas, outras se beneficiam do trabalho em dupla, portanto você pode abrir essa opção para a turma.

E, mais uma vez, depois de terminados, faça os textos rodarem por algumas mãos para que se reafirme a ideia de que as produções textuais precisam ter vários leitores e, também, para que se refine o espírito crítico das crianças.

Em outro dia, e com base nessas produções textuais, oriente as crianças para **elaborar a lista de despesas** do seu avatar e família.

Recolha as listas e **crie situações-problema de natureza financeira** – envolvendo receitas, despesas e decisões de consumo do personagem – para as crianças resolverem de modo colaborativo em sala. Você pode retirar algumas sugestões das questões, a seguir, que propusemos para a situação da família de Carlos, cuja história se encontra no Livro do Aluno.

Agora, sim, você já pode **trabalhar o texto** “Conheça a família de Carlos e as suas despesas”. A seguir, apresentamos alguns encaminhamentos. Tome-os como exemplos para você poder ter a dimensão da abrangência que a atividade permite, mas decida o que será interessante e produtivo para a sua turma.

A história procura abordar a receita da família, os gastos e a decisão de compra a prazo e/ou à vista. Questões que podem ser debatidas em relação ao texto, dividido em três partes:

PARTE 1

Carlos ganha R\$ 1.245,00 por mês. Em sua casa moram, além dele, duas pessoas: a esposa e uma filha pequena. Sua esposa recebe mensalmente R\$ 545,00.

a) Qual a **receita** dessa família?

PARTE 2

Carlos e a esposa pagam R\$ 240,00 à creche onde fica a filha enquanto trabalham e R\$ 440,00 de aluguel. Além disso, fazem conta no armazém de seu Júlio, pois o supermercado é longe de onde moram. Geralmente o casal gasta, por mês, um total de R\$ 350,00 no armazém e R\$ 180,00 no açougue do seu Manuel. Para ir ao trabalho, a esposa de Carlos vai a pé, mas Carlos



**Produzindo
uma
narrativa**

Elaborando a lista de despesas.

precisa pegar ônibus, gastando em média R\$ 130,00 por mês. Eles procuram economizar no consumo de energia elétrica e pagam R\$ 40,00 por mês. O gás é de botijão e custa R\$ 45,00. Dura, em média um mês. Essas são as despesas da família de Carlos.

b) Calcule o valor desses **gastos** e **quanto resta** da receita da família quando as contas são pagas.

PARTE 3

Entretanto, quando a filha fica resfriada eles têm que gastar com remédios. Além disso, no mês passado, eles precisaram consertar o chuveiro elétrico e a mãe de Carlos veio passar uns dias com eles para ficar com a neta que não podia ir para creche doente. O gasto com luz e alimentação foi um pouco maior. Ou seja, na família eles têm que contar com algumas **despesas que não são previamente planejadas**.

De outro lado, Carlos e sua mulher estão querendo muito comprar uma geladeira nova, pois a que possuem foi herdada de uma tia e volta e meia dá defeito, além de ser muito antiga e de consumir mais energia. Para essa compra combinaram de **guardar** R\$ 100,00 todo mês.

Perto do trabalho de Carlos, existe uma loja que vende eletrodomésticos e ele sempre fica “namorando” uma geladeira não muito grande que tem duas portas para poderem congelar alimentos na parte de cima. Eles descobriram que vão poder economizar mais aproveitando algumas promoções. O preço da geladeira é R\$ 1.200,00 em 12 parcelas de R\$ 100,00. Mas, se eles tiverem o dinheiro na mão, a loja dá um desconto de 10% que, no caso, corresponde a R\$ 120,00.

c) Qual será o preço da geladeira se eles pagarem à vista?

d) Se eles resolverem pagar à vista em quantos meses terão o dinheiro todo se guardarem R\$ 100,00 todo mês?

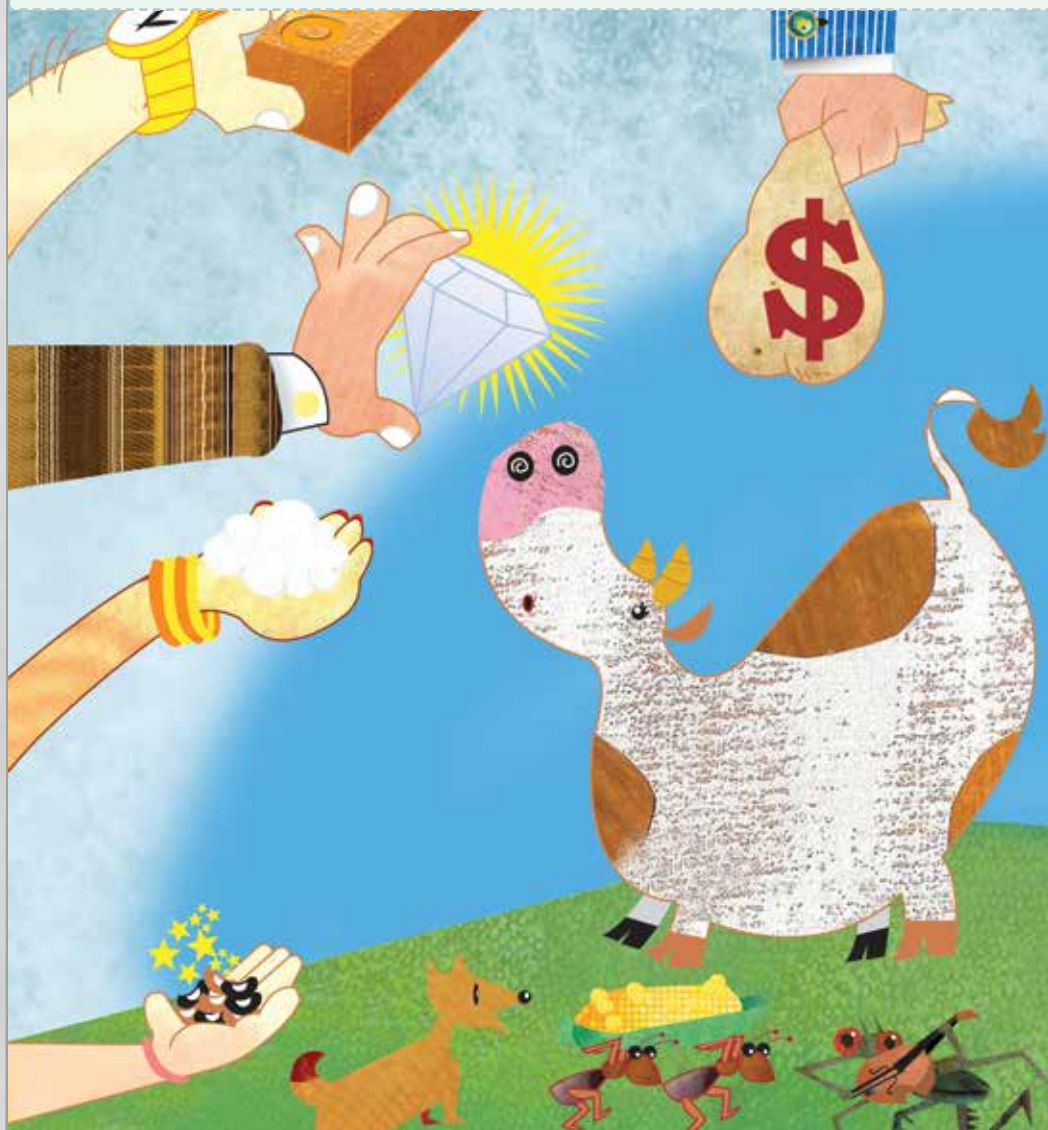
e) O que vocês acham melhor: esperar esse tempo para comprar a geladeira à vista com desconto ou pagar a prestação de R\$ 100,00 todo mês durante 12 meses? Como vocês pensam em ajudar a família de Carlos a decidir?

Fechamento do Projeto

Ao término do projeto, **converse** com a turma sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

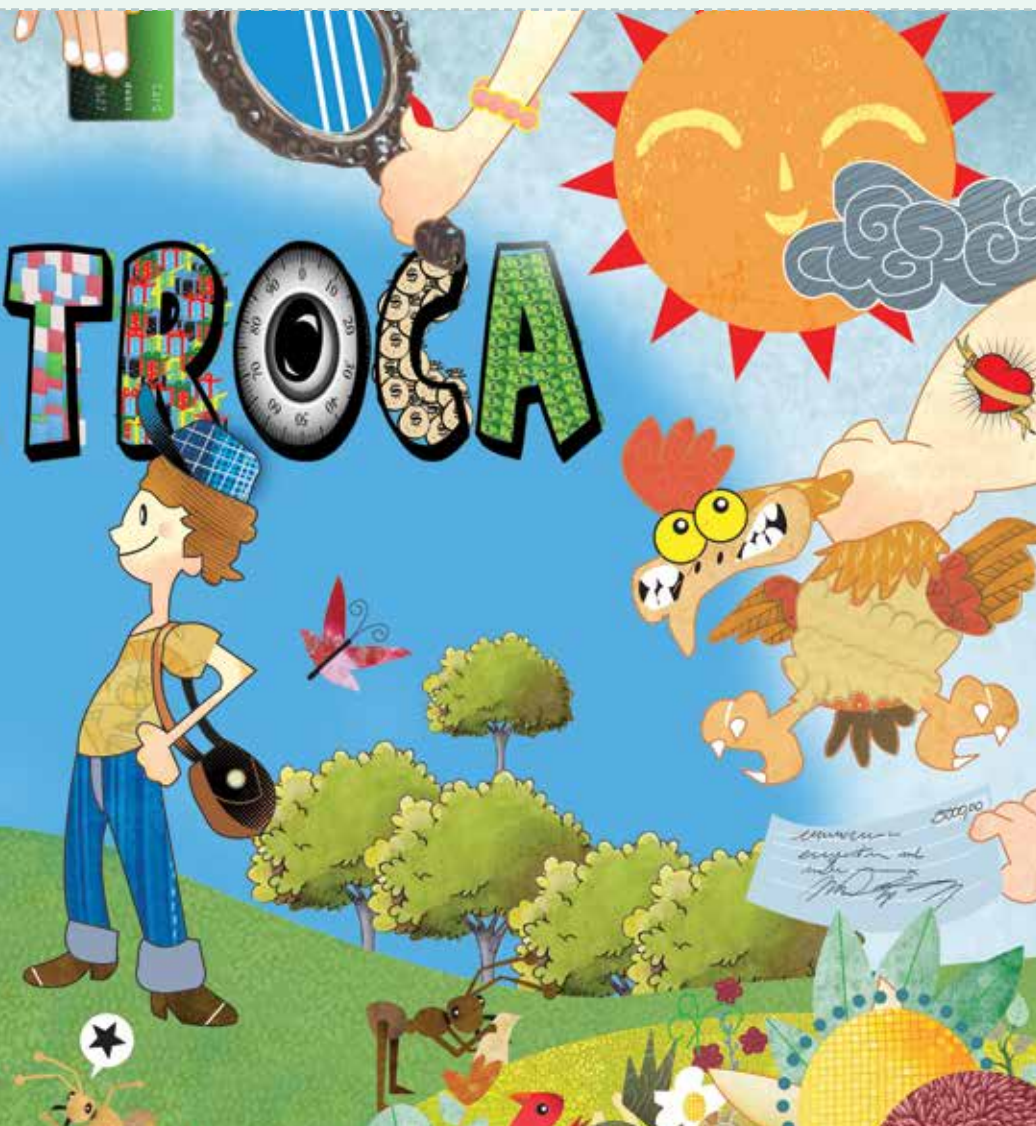
Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 28) e **analise o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.

**Avalie
Sempre!**



Projeto 2

Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Como a sociedade se organiza hoje e se organizava antigamente?
Questão central do projeto	Seria possível a vida sem trocas individuais e coletivas?
Foco do projeto	Trocas
Conteúdos de Educação Financeira	Coleta seletiva de lixo Compra Consumo consciente Criação das moedas Demanda Desperdício Economia de mercado Encarte publicitário Escambo Oferta Repensar/Recusar/Reduzir/Reutilizar/Reciclar – “5Rs” Trocas Troco
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – decisões conscientes nas ações cotidianas</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – coleta seletiva de lixo</p> <p>Ler e interpretar textos simples do universo de Educação Financeira (C04) – comparação de preços</p> <p>Ler criticamente textos publicitários (C05) – encartes e outras peças publicitárias</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – compreendendo as interconexões</p> <p>Elaborar planejamento financeiro com ajuda (C08) – escolha dos melhores preços</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – consumo consciente</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – descarte</p>
Objetivo específico	Utilizar critérios para tomar decisões conscientes.



Descrição

Professor, este projeto tem como foco mostrar **como a sociedade foi se organizando economicamente** ao longo da História. Antes da invenção do dinheiro, não havia compra e venda de mercadorias, e sim, a troca de um objeto por outro – o nome desta prática é escambo. Para as crianças vivenciarem situações de escambo deverá ser organizado um **bazar de trocas**.

Ao longo do projeto, as crianças compreenderão que nas suas ações cotidianas outros **conceitos de trocas** – trocas interespaciais e intertemporais – estão presentes.

A leitura e o trabalho com a fábula “A cigarra e a formiga” mostram as possibilidades de escolha que a vida nos apresenta – aproveitar o tempo presente ou se preparar para o futuro? Não existe escolha certa ou errada, mas devemos optar de maneira consciente e devemos assumir as implicações de nossas decisões, além de avaliar o impacto dessas decisões para o meio ambiente.

Buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro deve ser nossa meta. Podemos nos organizar para cuidar do nosso futuro e do futuro do nosso planeta!

**Diferentes
modos de
se organizar
economicamente.**

Prepare-se para este projeto estudando o texto “Do escambo à economia de mercado”. Lembre-se de que todos os textos informativos contidos no Livro do Professor foram produzidos para você, professor, e não para as crianças. A intenção é que você se prepare **para selecionar as informações que julgar adequadas** à sua turma, considerando sua faixa etária, suas possibilidades e interesses.

Texto Complementar: “do escambo à economia de mercado”

ESCAMBO

Nos primórdios da atividade econômica, quando não existia moeda, uma pessoa que necessitava de certo bem oferecia em troca algo de que dispunha. Essa **troca direta de uma mercadoria por outra** leva o nome de **escambo**. Nesse caso, é preciso que haja uma dupla coincidência, por exemplo, uma pessoa quer se desfazer de uma camiseta e adquirir um cinto, precisa encontrar alguém na situação contrária, ou seja, que queira trocar um cinto por uma camiseta. Sem esta dupla coincidência, não ocorre a troca. Foi o **surgimento da moeda** que **permitiu que as duas transações ocorressem independentemente**: a primeira pessoa pode vender sua camiseta e, com o dinheiro obtido, pode partir para a compra do cinto que deseja em alguma loja ou feira, que são os locais físicos de encontro para compra e venda.

MERCADO

Em economia, **mercado** normalmente significa o **conjunto de compradores e vendedores** de um bem ou serviço em uma determinada área. Assim, o mercado de pães é formado por quem vende pão, geralmente padarias e supermercados (oferta), e por quem compra pão, donas de casa, escolas que servem lanche aos seus estudantes e funcionários, lanchonetes etc. (demanda), no município em que você mora. Atualmente, as transações também podem ser feitas pela internet, ou seja, o local não é mais físico, mas virtual.

Os mercados começaram como locais em que as pessoas que queriam vender (oferta) se encontravam com as que queriam comprar (demanda).

Eram os pontos centrais das cidades nas civilizações europeias, africanas, do Oriente Médio, dentre outras. Os locais onde tudo acontecia, onde as trocas eram feitas e as notícias circulavam. Os mercadores, ou comerciantes, eram considerados importantes nessas civilizações.

Para determinados produtos, a área do mercado não é apenas a cidade; pode ser o estado, o país e até o mundo todo. Por exemplo, se o preço do petróleo no Oriente Médio baixar, as empresas que compram petróleo e produzem gasolina em qualquer país tentarão aproveitar a oportunidade e aumentar suas compras naquela região. Os produtores de petróleo em cada país não querem perder seus clientes, por isso terão de reagir oferecendo descontos. Um evento no Oriente Médio afeta os preços no mundo todo. O mercado de petróleo é, então, um exemplo de mercado mundial.

COMÉRCIO

O comércio é a atividade de compra e venda de bens de todos os tipos.

Observação: não confunda “mercado” com “comércio”. Mercado é o conjunto de compradores e vendedores de um bem ou serviço e das operações nele realizadas, podendo ser local, estadual, nacional ou internacional. Por isso vemos na mídia notícias como “economista explica como o mercado opera”, ou “o mercado cresceu esse ano”. “Mercado” também pode ser um local físico. Já a palavra “comércio” se refere à atividade de compra e venda que ocorre no mercado.

PÁGINA 28

Depois de empreender esses estudos iniciais, **promova um levantamento**, junto às crianças, de como elas fazem para adquirir o que desejam: compram ou trocam por outro objeto? Provoque-as a pensar **como seria a vida se não houvesse lojas e feiras**: como as pessoas fariam para adquirir os produtos de que precisam para viver? Explique que é isso que irão estudar neste projeto.

As próximas atividades compõem um único raciocínio histórico que expli-

Não confundir “mercado” com “comércio”!



Vivenciando
situações de
escambo.

ca de que maneira a sociedade foi se organizando economicamente.

Leia o texto informativo “A história que a HISTÓRIA conta” com sua turma e estabeleça um momento para que **conversem** sobre o que entenderam e sobre suas dúvidas e curiosidades.

Procure na Biblioteca o conto de tradição popular “João e o pé de feijão”, registrado pelos Irmãos Grimm e **leia a história**. Ao final, explore outras versões que as crianças possam conhecer. Chame a atenção da turma para o fato de que essa **história retrata uma situação de escambo**: a mãe de João lhe pede para ir ao mercado vender a vaca, mas João a **troca** por feijões mágicos.

Após a leitura do texto, promova uma conversa e analise com as crianças o comportamento do João, na casa do gigante. O exemplo de João ao pegar a galinha deve ser seguido? Foi correto o comportamento dele?

Pergunte às crianças se conhecem outras histórias – reais ou ficcionais – em que tenha havido escambo.

Proponha a produção de pequenos textos informativos para compor um **livro** da turma **com o título “Agora eu já sei”**, tendo como ponto de partida as informações sobre a **história do escambo** e outras, que tiverem sido pesquisadas ou trazidas pelas crianças.

Relembre que **informativo** é o tipo de texto que, de modo objetivo e organizado, expõe conteúdos temáticos de natureza diversa e com propósitos variados. Com linguagem simples e direta e com grau de formalidade relativo ao contexto em que circula, **sistematiza dados sobre determinado assunto** – geral ou específico – por meio de grande variedade de gêneros textuais, como relatos, resumos, reportagens, textos enciclopédicos, textos de divulgação científica, textos didáticos e paradidáticos. Os recursos linguísticos mais empregados por essa modalidade de organização textual são a seleção vocabular – para referência precisa a conceitos, a fatos e a definições –, o uso restrito de adjetivos – de modo geral, sem valor opinativo – e o estabelecimento de sequências temporais com base em advérbios, expressões adverbiais e flexões verbais adequadas. Para **melhor caracterização do conteúdo exposto**, textos informativos também empregam, com frequência, **textos não-verbais**, como ilustrações, fotografias, mapas e tabelas.

Depois de pronto o livro “Agora eu já sei”, com o propósito de infor-

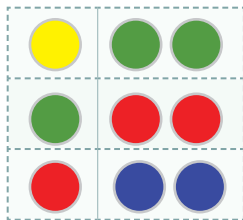
mar a respeito da história do escambo, que tal organizar **um dia de escambo** na escola?

A **divulgação** do Dia do Escambo na escola demanda a confecção de **convites ou cartazes**. Oriente as crianças para elaborá-los. O convite é um texto que contém certas informações objetivas imprescindíveis. Pergunte à turma que informações devem constar nele e ajude-a a concluir que sem indicação de local e data um convite não cumpre a sua função, que é a de contribuir para que as pessoas compareçam ao evento anunciado. Já o cartaz, além dessas mesmas informações, precisa ser produzido com especial cuidado para a forma: as letras devem ser bem grandes e os escritos, curtos, para permitir uma leitura instantânea. O cartaz geralmente é colocado em áreas de circulação e tem a característica de ser lido por pessoas em movimento, daí a necessidade de a informação ser enxuta e de fácil compreensão.

A ideia é que tragam objetos que não queiram mais para trocá-los por outros. Converse com as crianças e pergunte o que acham dessa sugestão. Problematize com elas acerca de como podem se organizar para que a atividade seja interessante. Por exemplo, se tenho um gibi da Turma da Mônica e meu colega quer me dar uma figurinha do álbum de futebol, devo aceitar? Será que vale a pena? Deixe que façam suas sugestões e finalize, propondo **organizar um quadro com critérios para as trocas**.

Primeiramente vocês podem decidir quais objetos podem participar das trocas: brinquedos, revistas em quadrinhos, objetos escolares, bijuterias etc. O próximo passo é construir, com a turma, um quadro com valores para os diferentes objetos e outro que permita realizar as equivalências. Apresentamos uma sugestão, mas você deve adequar à realidade de suas crianças e de sua escola.

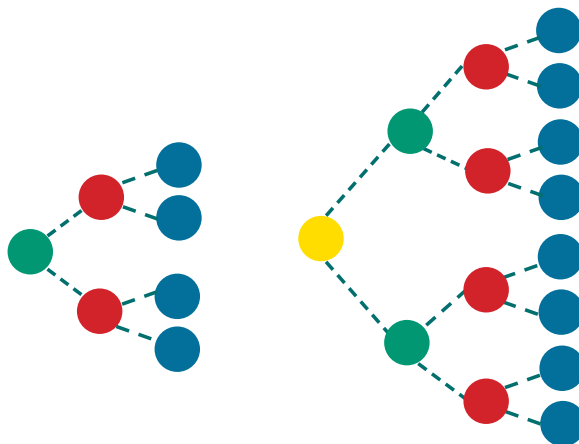
O quadro abaixo permite estabelecer uma **base para a troca** dos objetos. Comece desafiando as crianças a **decifrar o que significam as diferentes fichas coloridas**. Qual a ficha de maior valor? Deixe que respondam que a azul é a que vale menos pois se eu tiver duas delas posso trocar por uma vermelha. A de maior valor é a amarela já que preciso de duas verdes para ter uma amarela.



Critérios para trocas

Atribuindo valor às mercadorias.

Pergunte a elas: Quantas fichas azuis precisamos ter para conseguir uma ficha verde? E para conseguir uma ficha amarela? Para desenvolver esse raciocínio você pode recorrer à manipulação das próprias fichas. Divida a turma em grupos e **dê a cada um deles um punhado de fichas das diferentes cores**. Proponha que façam trocas para chegar ao resultado pedido. Por exemplo: se 1 ficha verde é igual a 2 fichas vermelhas, e se 1 ficha vermelha é igual a 2 fichas azuis, quantas fichas azuis equivalem a 1 ficha verde? (Resposta: 4) Quantas fichas amarelas equivalem a fichas azuis? (Resposta: 8) O esquema ajuda a ilustrar o que foi feito:



Com efeito, o quadro sugerido mostra uma relação binária, ou seja, estabelece as trocas segundo um critério de que 2 elementos de um valor podem ser trocados por um outro de um valor maior. A isso chamamos de base 2. As situações podem se multiplicar com perguntas do tipo: “Se eu tiver 17 fichas azuis, quantas fichas amarelas posso ter? E quantas verdes? E se eu tiver 34 fichas azuis?” Deixe que as crianças percebam a regularidade da proporção entre as fichas.

Proponha: vamos organizar um quadro para atribuir valor às nossas mercadorias e poder realizar um dia de escambo na escola? Vamos construir quadros classificando os objetos?

Construa com as crianças a **lista de “mercadorias”**, que pode ter como exemplo as que apresentamos a seguir:

REVISTAS	
TIPO	VALOR
Gibi pequeno fino	azul
Gibi pequeno grosso	verde
Gibi grande fino	vermelho
Gibi grande grosso	amarelo

MATERIAL ESCOLAR	
TIPO	VALOR
Lápis	azul
Caneta	vermelho
Borracha	azul
Régua	vermelho
Apontador	azul

OBJETOS	
TIPO	VALOR
5 figurinhas de alguma coleção	vermelho
1 pulseira	amarelo
1 par de brincos	vermelho
1 vidro de perfume	verde
1 CD de música	amarelo

Os valores das mercadorias podem ser diferentes dos que estão sendo sugeridos aqui. É interessante **simular algumas situações**, pois no dia da atividade com toda a escola, as crianças do 4º ano deverão ser capazes de coordenar as trocas. Por exemplo, se uma criança quer trocar 1 par de brincos (que vale 1 ficha vermelha) por um gibi pequeno e fino (que vale uma ficha azul), o que fazer?

Para responder a essa pergunta, deve-se **consultar o quadro de equivalência** e nesse caso, o brinco vale o dobro do gibi. Portanto, para trocar o brinco pelo gibi o dono do brinco recebe, além do gibi, uma ficha azul que pode ser usada para fazer outras trocas. A proposta é que ao se inscrever para participar do escambo, cada criança receba um total de fichas para facilitar que as transações sejam feitas.

Para que a atividade tenha êxito, e se você achar adequado, organize equipes que se responsabilizem pela divulgação. Por exemplo:

Equipe 1 – será encarregada de divulgação, indo às outras salas de aula para motivar os colegas a trazerem os objetos que querem trocar por outros.

Equipe 2 – deverá percorrer a escola colando os cartazes produzidos pela turma para lembrar o dia do evento.

Equipe 3 – será responsável por, no dia combinado para a troca, entregar

Simule
situações
de troca

Dia do escambo

Converse sobre a experiência



aos participantes as tabelas confeccionadas pela turma do 4º ano, nas quais estejam registrados os critérios para a troca, e as fichas coloridas.

Ao término do dia do escambo, **converse** com as crianças e deixe que falem sobre a experiência.

Chegou a hora da vivência com a **compra e venda de mercadorias**. Que tal organizar um mercadinho?

A situação do “mercadinho” oferece uma oportunidade interessante para o desenvolvimento do cálculo mental e das operações com números naturais.

Proponha às crianças que durante quinze dias acumulem em casa embalagens vazias de produtos de alimentação, limpeza e higiene. Ao final da quinzena, devem trazer as embalagens para a escola. Caso você prefira, pode também fazer um trabalho com a construção de figuras geométricas que possam representar produtos comuns do cotidiano dos estudantes. Durante esse tempo confeccione cédulas de papel de Real para essa atividade.

Diga às crianças que você lerá uma história para elas, cujo título é “Como se fosse dinheiro”. Busque esse texto de Ruth Rocha na Biblioteca ou no site da autora <http://www2.uol.com.br/ruthrocha/home.htm>. **Instigue-as a antecipar como será a história** e, se julgar adequado, anote algumas hipóteses das crianças no quadro. Após a leitura, pergunte o que acharam da história, que partes mais gostaram e por que. Verifique se alguma hipótese sobre o tema do texto se concretizou.

Se houver interesse por parte da turma, sugira uma segunda **leitura dramatizada**, com um narrador e os personagens se revezando nas falas. Na sequência, **trabalhe a compreensão e a interpretação** do texto.

Um bom texto constitui-se como um todo significativo, coeso e coerente, e cada palavra, cada frase, ao agregarem informação, articulam-se com esse todo lógico e delimitado, integrando-o e, por isso, contribuindo na sua construção. **Compreender** um texto significa, assim, acercar-se, de modo objetivo, desse conteúdo geral estabelecido pela articulação entre palavras e entre frases na construção do discurso. Nesse contexto, para uma boa compreensão, cabe ao leitor uma correta análise dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos presentes no texto, de modo a evidenciarem-se os vários níveis de leitura, desde os mais concretos e denotativos aos mais abstratos, conotativos e conceituais. **Interpretar** um texto, por sua vez, consiste em um trabalho subjetivo e autoral. Significa que um bom leitor pode partir da compreensão desse todo significativo, coeso e coerente, para estabelecer vínculos com textos, informações, ideias e

valores ausentes desse texto lido, mas passíveis de inter-relacionar-se com ele de modo lógico e pertinente, segundo as intenções desse leitor.

Assim, com referência, por exemplo, ao enredo de “Como se fosse dinheiro”, uma interpretação plausível identificaria como problematização inicial da narrativa o fato de que “seu Lucas nunca tinha troco”, o que, certo dia, desagradou Catapimba, que passou a querer seu “troco em dinheiro” – e não em balas, como costumava receber do vendedor. Eis o fato objetivo, narrado na história. Já uma possível interpretação desse fato relacionaria a prática de seu Lucas ao expediente do “jeitinho”, ou seja, à pessoalização de uma norma impessoal. Trata-se de um costume recorrente no Brasil: no contexto da história, em ambientes diversos – escola, farmácia, mercado –, o vendedor, na suposta impossibilidade de pagar ao comprador o troco devido, devolve-lhe o valor correspondente em mercadorias vendidas no próprio estabelecimento. Essa pessoalização, transgressora, é, além disso, autoritária, conforme demonstra a pequena narrativa. Afinal, quando os consumidores passaram também a pagar em objetos e em mercadorias, seu Lucas não se conformou e foi se queixar à diretora. O texto promove, pois, uma crítica à prática do jeitinho e evidencia como a reação do consumidor pode modificar hábitos bastante enraizados. Logo, por que não agir sempre desse modo não só como consumidor, mas como cidadão?

Faça com a turma uma **lista dos lugares que realizam comércio** no entorno da escola. O comércio é a atividade de compra e venda de bens de todos os tipos.

Questione: o que há de comum entre esses lugares? O que acontece em todos eles? Eles utilizam diferentes tipos de propaganda para divulgar seus produtos?

Observe com sua turma os diferentes meios usados para se divulgar produtos, e sugira que a turma traga para a sala **propagandas e anúncios de produtos**. Avalie a presença de uma linguagem de fácil leitura. Discuta com as crianças a relação entre texto verbal e imagem e o uso de metáforas.

Analise o suporte “**encarte**” com as crianças. Pergunte para elas qual a sua função, isto é, para que serve? Dessa maneira, as crianças anteciparão a função social do gênero textual em questão. Trata-se de um gênero que veicula informações avaliadas pelo seu remetente como privilegiadas, ou seja, selecionadas por sua importância: as “Ofertas do dia”. Como anuncia produtos, a ênfase da linguagem está sobre o leitor-consumidor, seu público-alvo: o objetivo do encarte é destacar produtos que interfiram no comportamento desse leitor, de modo a **estimulá-lo à compra**. Peça que observem se além de produtos e preços anunciados, há frases de estímulo ao consumo, como “Não perca essa chance!” ou “Compre hoje mesmo!”



**Analisando
propagandas.**

**Preços:
Compare,
sempre!**



Explore o sinal de exclamação, muito comum em peças de propaganda, indicando que a entonação com que se deve ler a frase exclamativa incita ao consumo imediato. Enfatize a **composição cromática** atraente do encarte, bem como o destaque persuasivo ao baixo custo dos itens apresentados.

A leitura crítica de peças publicitárias – encartes, anúncios na mídia escrita, catálogos, outdoors e letreiros – **é parte importante do programa de Educação Financeira** porque pessoas que sabem ler as camadas mais profundas de significados da propaganda têm mais condições de resistir ao impulso de consumo por ela gerado. **Realce o objetivo da propaganda, que é produzir o desejo de consumir.**

Após analisar diferentes folhetos de propaganda proponha que façam um levantamento de preços entre diferentes mercados ou supermercados da cidade. Peça que recolham folhetos de propaganda para consultar os preços praticados.

Se essa atividade não for adequada à sua realidade, você pode também desenvolver o estudo a partir de propagandas da internet. Caso na escola não seja possível o acesso à rede, prepare, de antemão a atividade, fazendo um levantamento de preços de determinados produtos: geladeira, fogão, televisão, câmera digital, celular, computador etc. Veja o valor em diferentes sites e lojas.

Cada uma dessas propostas pode ser desenvolvida independentemente da outra e, se você achar oportuno, pode adotar ambas as propostas.

Proposta de trabalho com folhetos de propaganda:

Primeiramente peça que observem os produtos anunciados e **classifiquem**: produtos alimentícios, produtos de higiene, produtos de limpeza.

Escolham, em seguida, três produtos de cada tipo que estejam anunciados em todos os folhetos e **montem quadros comparando os preços.**

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS			
	Supermercado 1	Supermercado 2	Supermercado 3
Produto 1			
Produto 2			
Produto 3			

PRODUTOS DE HIGIENE			
	Supermercado 1	Supermercado 2	Supermercado 3
Produto 1			
Produto 2			
Produto 3			

PRODUTOS DE LIMPEZA			
	Supermercado 1	Supermercado 2	Supermercado 3
Produto 1			
Produto 2			
Produto 3			

A partir da leitura dos quadros, pergunte **onde é melhor fazer as compras**, reparando que possivelmente não haverá um supermercado onde todos os produtos sejam mais baratos. Isso levará à necessidade de analisar os valores, adicionando os diferentes preços.

Para organizar o “mercadinho”, recolha as embalagens vazias dos produtos de alimentação, limpeza e higiene, que as crianças trouxeram. Cada grupo deve organizar listas com os produtos que estão disponíveis e estabelecer seus preços. Depois, cada produto deve ter seu preço afixado.

No dia marcado para **brincar de mercadinho**, divida as crianças em 3 grupos. Cada um fica responsável pela exposição de um dos tipos de produto – alimentos, higiene e limpeza. Se for oportuno, podem ser convidadas crianças de outras turmas do colégio para participarem como clientes. As compras podem ser efetuadas em cada bancada, proporcionando situações de **cálculo mental nas transações e trocos**.

Ao final, devem conferir se as entradas de dinheiro estão de acordo com o que foi vendido, consultando as listas inicialmente feitas.

PÁGINAS 29, 30 e 31

Ser educado financeiramente não consiste somente em aprender a economizar, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. É muito mais que isso. **É buscar uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro**, proporcionando a segurança material necessária para aproveitar os prazeres da vida; obter uma garantia para eventuais imprevistos e, ao mesmo tempo, se preparar para quando chegar a época da aposentadoria.

Troco:
Um direito
do
consumidor





Em que você acredita:

“deixo a vida me levar”
ou
“prevenir é melhor do que remediar”?

Depois de ler “É bom para o seu futuro” e a história das duas páginas seguintes, com as crianças, converse sobre as impressões que tiveram: do que gostaram? O que a história lhes faz lembrar? Explique que é uma **fábula**, um tipo especial de narrativa, que termina com uma lição moral, um ensinamento. Geralmente, a fábula tem animais como personagens, mas suas características são humanas.

Em seguida, se você achar apropriado, faça algumas perguntas de compreensão da narrativa, como as que se encontram a seguir:

- Do que fala a história que você leu?
- Quais são os personagens dessa fábula?
- Em que lugar viviam as personagens?
- O que a cigarra gostava e não gostava de fazer?
- E a formiga?
- Como a formiga e a cigarra se conheceram?
- Em todos os momentos em que a cigarra encontrou com a formiga ela estava fazendo a mesma coisa. O que era?
- Por que a formiga se preocupava com o futuro e cigarra não?
- Por que a fábula se encerra com a afirmativa de que aquele foi um inverno especial para a cigarra e para a formiga?
- O que você acha que a cigarra e a formiga aprenderam com essa experiência?

Como toda fábula, “A cigarra e a formiga” possui uma “moral”. Explique o conceito de “moral da história” presente nas fábulas, que é um recurso característico desse gênero textual cuja função é predominantemente pedagógica. Esta fábula possui várias morais, tais como:

1. Um amigo na hora da necessidade é um amigo de verdade.
2. Os preguiçosos colhem o que merecem.
3. Os que não pensam no dia de amanhã, pagam sempre um alto preço por sua imprevidência.
4. Ao invés de ficar parado esperando pelos outros cada um deve fazer a sua parte.
5. Deve-se prever sempre o dia de amanhã.

Leia cada uma das “morais” para a turma e peça que digam se acham que há diferença entre elas. Explique cada uma delas e seu vínculo com a fábula. Após a discussão, cada criança copia a “moral” que melhor se adapta à fábula, segundo seus critérios.

A fábula “A cigarra e a formiga” permite que se aborde a **dimensão espacial** em dois níveis – pessoal e social – e a **dimensão temporal** igualmente em dois níveis – presente e futuro. A cigarra representa o plano individual e as formigas, o social. Enquanto a cigarra pensa em sua vida pessoal no tempo presente, as formigas pensam e agem coletivamente no presente para garantir um futuro melhor para todos da sua comunidade.

Ao final do trabalho com a fábula, apresente as opções de decisão abaixo e peça para as crianças indicarem a situação que mostre a atitude que tomariam. É importante que percebam que não há uma resposta correta. Aliás, deverão compreender que podem escolher respostas diferentes de acordo com o momento de suas vidas. O mais importante é que **façam opções de modo consciente e que conheçam e assumam as implicações de suas decisões**. Isto é Educação Financeira.

A fábula “A cigarra e a formiga” exemplifica uma questão muito comum na vida das pessoas hoje em dia. Imagine que você esteja passeando e se depare com uma loja com aquele brinquedo com que você sempre sonhou, mas não tem dinheiro para comprar. O que você faz?

- Pede para alguém da sua família comprar o brinquedo no cartão, em 3 vezes, afinal você merece. Nunca se sabe o dia de amanhã, e você vai ser melhor com este brinquedo novo.
- Não compra o brinquedo naquele momento, volta para casa e começa a planejar o que fazer para economizar e comprá-lo daqui a 3 meses.
- Não compra o brinquedo naquele momento e nem depois. Você tem outros objetivos mais importantes que deseja cumprir antes da compra do brinquedo.

As três alternativas demandam reflexões.

A primeira reflexão é: “Eu realmente desejo esse brinquedo ou o quero apenas para acompanhar amigos e colegas?” Na primeira alternativa, vou me divertir e brincar bastante com ele. Na segunda, vou brincar um pouco com o brinquedo e logo deixá-lo lado. Isso é um desperdício! A tercei-



**É preciso
tomar
decisões
de modo
consciente!**

**Cada decisão
gera conse-
quências.
Pense
antes de
agir!**

ra alternativa nos leva a pensar que muitas vezes nos deixamos levar pela propaganda, pelo que os outros dizem, querendo comprar uma coisa só porque todo mundo a possui, e com isso perdemos a chance de ter algo que realmente queremos.

A segunda reflexão é que, mesmo já tendo o dinheiro para a compra em mãos, é preciso ter paciência. Lembrar que o apressado come cru ou queima a língua. Se puder ter paciência é melhor, ganha-se tempo para pensar se realmente queremos aquilo, no caso um brinquedo, pois se for só para acompanhar a moda ou os outros, esse desejo some, e economizamos nosso dinheiro, podendo até consumi-lo em algo mais útil para nós.

A terceira reflexão é que querer uma coisa agora, neste instante, tem um preço ainda maior se o dinheiro não estiver disponível. Se quisermos antecipar o consumo sem ter o dinheiro para pagar sai mais caro porque vamos acabar pedindo dinheiro emprestado ou precisaremos parcelar, causando pagamento de juros.

Converse com as crianças para saber se alguma vez elas tiveram vontade de ganhar um brinquedo, uma roupa, um tênis, e sobre o fato que nem sempre podemos comprar o que queremos na hora em que vemos o produto na loja ou com um colega.

Proponha uma situação:

Júlio quer muito um par de tênis que ele viu na loja de seu Antônio. Quando foi pedir a seu pai que comprasse para ele, recebeu uma negativa. Seu pai lhe disse que o preço de R\$ 150,00 era muito alto e que se ele quisesse esperar poderia comprá-lo dentro de 3 meses, pois conseguiria guardar R\$ 50,00 por mês.

Júlio ficou muito triste e foi conversar com seu Antônio, que lhe informou que se ele quisesse poderia comprar o tênis em 3 parcelas de R\$ 60,00. Peça para as crianças calcularem o valor total do tênis em três parcelas. Ele sairá mais caro ou mais barato?

A opção apresentada pelo seu Antônio, pagamento em três prestações, inclui o pagamento de juros. A taxa de juros é cobrada para que o consumo seja antecipado. **A taxa de juros é a taxa que permite a antecipação de uma compra.**

O que você acha que Júlio deve fazer?

1 - Convencer o pai a comprar o tênis imediatamente mesmo que tenha que usar o dinheiro que está reservado para pagar outra despesa.

2 - Esperar os 3 meses e comprar o tênis por R\$ 150,00 na loja do seu Antônio.

3 - Comprar o tênis a prazo, usando os R\$ 50,00 reais que o pai consegue economizar por mês e ajudar com R\$ 10,00 de suas economias.

Quem sabe a turma tem outra ideia para que Júlio possa comprar o tão desejado tênis? **Desafie a turma a criar uma situação** em que Júlio possa gerar o dinheiro necessário. Sugestão: uma rifa, um leilão de algum objeto que valha a pena para os colegas trocarem por dinheiro.

Proponha que as crianças formem grupos e discutam as diferentes opções. Converse com elas sobre as decisões e suas consequências.

PÁGINAS 32 e 33

Nas próximas páginas, a intenção é trabalhar trocas interespaciais e intertemporais com as crianças. O contexto escolhido para as **reflexões** sobre essas trocas é o do lixo. As frases iniciais indicam claramente essa intenção.

Uma pessoa sozinha gera muito lixo. Muitas pessoas juntas geram muito mais lixo ainda.

Uma pessoa sozinha consegue reduzir o seu lixo. Muitas pessoas juntas reduzem muito mais lixo ainda.

O texto evolui para detalhar essas ideias iniciais e mostrar como cada um pode contribuir para reduzir o lixo e, mais adiante, como a sociedade – por meio de organizações como a dos catadores de materiais recicláveis – está se organizando para aproveitar o lixo cada vez mais.

É muito importante que você cuide para que as crianças não se sintam culpadas pelo lixo que produzem. É inevitável gerar lixo. O nosso foco é educá-las para que **compreendam e apliquem** esse conceito de **trocas interespaciais e intertemporais nas suas ações cotidianas**.

Essas ações cotidianas podem começar com a coleta seletiva de lixo. Explique as diferentes cores das lixeiras para os materiais que podem ser reciclados – papel, papelão (azul); vidros e frascos (verde); plásticos e garrafas PET (vermelho); latas e metais (amarelo). Ressalte a importância da separação do lixo orgânico (restos de alimentos) do lixo reciclável. Não há espaço para abrigar todo o descarte, todo o lixo produzido, daí a importância do reaproveitamento e da reciclagem. Colocar o lixo

**Trocas
interespaciais.**

**Trocas
intertemporais:**

**dois
conceitos
que você
precisa
entender.**



Atenção ao descarte!



certo no lugar correto é o primeiro passo! Cada um fazendo a sua parte!

Em Educação Financeira, é muito importante **compreender as interconexões** da nossa vida particular com o que acontece ao nosso redor (trocas interespeciais) e as interconexões do que fazemos no tempo presente com o tipo de vida que haverá futuramente no mundo (trocas intertemporais). A fábula “A cigarra e a formiga”, que é mencionada no bloco anterior, oferece gancho para se falar dos dois tipos de troca: a cigarra está focada apenas no espaço de sua vida pessoal e do tempo presente; as formigas estão articuladas no espaço social para prover um bom futuro para toda a comunidade. Com base na situação desses personagens, você pode **promover um debate** na turma sobre o tema **trocas**.

PÁGINA 34

Trabalhe com os 5 “RS” do consumo consciente. Leia a respeito da cada um dos “Rs” no Livro do Aluno.

Como parte da iniciativa acima sugerida, procure ampliar a lista de exemplos para cada um dos “Rs”. Além do que está citado no Livro do Aluno, o que mais podemos **repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar** – na nossa escola e na nossa casa?

PÁGINAS 35 e 36

Pesquisa sobre o Movimento Nacional dos **Catadores de Materiais Recicláveis** (MNCR). Amplie as informações que o Livro do Aluno traz sobre os catadores de lixo.

No site desse movimento (<http://www.mnccr.org.br/>), há muito material para você se preparar para o trabalho com a turma. Explore também os dados do estudo de 2006 realizado sobre eles e publicado na revista *Psicologia & Sociedade* (vol. 18 – nº 2 – Porto Alegre – mai./ago. 2006). No link <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3789&bd=2&pg=1&lg> você encontra mais detalhes sobre a pesquisa.

Conhecendo como os catadores se organizaram, as crianças podem ter contato com um **exemplo concreto das etapas de um percurso** que começa com o sonho de alguns e vai conquistando mais e mais pessoas, até que se transforma no sonho de muitos. As crianças de uma escola, mesmo que ainda

muito novas, podem seguir esse caminho. Quais as suas ideias e sonhos para que a escola possa entrar nessa “onda verde”? Quais as sugestões concretas e simples que crianças dessa idade podem apresentar para o resto da escola? Como se consegue o envolvimento de outras pessoas? Discuta bastante essas questões com a turma e lembre-se de manter as expectativas e ações em níveis factíveis, com foco em resultados, mesmo que pequenos.

Cálculos e reflexões diversas:

Se os catadores ganhavam de R\$ 2,00 a R\$ 5,00 por dia, quanto ganhavam em um mês? Supondo que trabalhassem todos os 30 dias do mês, isso dá um total de quanto? A resposta é: entre R\$ 60,00 e R\$ 150,00.

Se os catadores percorriam 20 quilômetros por dia, que distância percorriam em uma semana (20×7)? Em um mês (20×30)? Em um ano (20×365)? O total de 7 300 quilômetros por ano corresponde à distância entre que partes do Brasil?

No contexto de quilometragem, você pode mencionar para a turma a reportagem a seguir:

Maior corrida do Oiapoque ao Chuí

Quinta-feira, 14 de fevereiro de 2008

Fonte bibliográfica da reportagem

http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0LEI/Corrida_Do_Oiapoque_Ao_Chui_Em_Menos_Tempo - pesquisado em 28 de jan. 2015.

Você consegue imaginar uma pessoa que corre 9 000 km? Ou 11 estados brasileiros? Em apenas 100 dias... Foi a façanha que Carlos Dias realizou e entrou para o RankBrasil

O ultramaratonista Carlos Dias, 35 anos, natural de São Bernardo do Campo – SP percorreu 9 000 km, entre o Oiapoque, no Amapá, e o Chuí, no Rio Grande do Sul, em 100 dias, e entrou para o RankBrasil como o primeiro brasileiro a realizar a façanha, “Maior Corrida do Oiapoque ao Chuí”.

PÁGINA 37

Apresente às crianças o tempo de decomposição dos diferentes materiais. Você pode pesquisar e acrescentar outros à lista. Peça que **construam um quadro organizado em ordem crescente** associando o material e sua duração, como se segue. O quadro irá auxiliar para que comparem os tempos que cada material precisa para se decompor.



**Peça
Sugestões**



A decom-
posição dos
materiais
difere.

MATERIAL	DURAÇÃO
Papel	3 meses
Jornal	6 meses
Palito de fósforo	6 meses
Panos	1 ano
Fraldas descartáveis	1 ano
Chiclete	5 anos
Isopor	8 anos
Madeira pintada	13 anos
Copo plástico	50 anos
Prancha de isopor	80 anos
Tampinha de garrafa	150 anos
Garrafa plástica	400 anos
Pneu	600 anos
Vidro	4 000 anos
Lata	Indeterminado

Trabalhe com a linha do tempo de decomposição de diferentes materiais. O desafio aqui é conseguir construir uma **linha do tempo** que represente os intervalos de tempo a partir da definição de uma escala.

A observação do quadro deixa explícito o desafio: construir uma linha do tempo em que sejam apresentados eventos que têm a duração de meses e outros que duram séculos.

Converse com a turma sobre esse fato e pensem como podem resolver essa questão. Talvez seja necessário fazer uma “tira” de papel com, pelo menos 4 metros de comprimento, e estabelecer uma convenção, por exemplo, 1 cm estará representando 1 ano, o que permite deduzir que 3 meses podem ser representados pela quarta parte de 1 cm, e 6 meses, pela metade de 1 cm. Para marcar esses comprimentos pode-se propor às crianças a observação da medida de 1 cm na régua. Em seguida, terão facilidade em encontrar sua metade. Problematize com elas como podemos dividir o cm em 4 partes e encontrar a quarta parte.

No segundo momento, proponha que, utilizando a tira de papel de 4 metros, possam, por grupo, ir representando os diferentes tempos de decomposição dos materiais da tabela que construíram. À medida que forem realizando a tarefa, faça comentários sobre os tamanhos que estão representando. Deixe que experimentem a relação entre uma duração de

3 meses com a duração de 5 anos, explorando a diferença. Enquanto 3 meses podem ser representados pela quarta parte do centímetro, 5 anos correspondem a 5 cm. Problematize, por exemplo, a duração da prancha de isopor de 80 anos, que é representada por 80 cm. Na continuidade do processo, certamente, ao se depararem com a duração do pneu, 600 anos e do vidro, 4 000 anos, poderão constatar a impossibilidade de sua representação na tira de 4 metros que construíram.

As ideias matemáticas aqui presentes se articulam no campo das medidas e do raciocínio proporcional, pois se 1 cm corresponde a 1 ano, a quantos cm corresponderá 30 anos? E 650 anos?

Fechamento do Projeto

Ao término do projeto, **converse** com a turma sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 54) e **analise o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.

**Avalie
Sempre!**



Projeto 3

Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Cuidando da cidade
Questão central do projeto	Quem cuida da cidade?
Foco do projeto	O trabalho do prefeito
Conteúdos de Educação Financeira	Cuidado na manutenção e preservação dos espaços públicos Doação Espaço privado Espaço público Órgãos reguladores Recursos financeiros arrecadados Regras Salário Serviços gratuitos Tributos: impostos, taxas e contribuições
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) – o que podem ou não podem fazer nos espaços públicos; direitos e deveres como cidadãos; respeito às regras</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – escolhas conscientes</p> <p>Ler criticamente textos publicitários (C05) – cartaz de candidatura</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – ideias positivas para gerenciar a cidade</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – cumprimento de regras</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – doações</p>
Objetivo específico	Compreender quem e como se cuida de uma cidade



Descrição

Professor, neste projeto o objetivo é que as crianças compreendam **quem cuida da organização e do funcionamento de uma cidade**, ou seja, quem presta serviços, o que se faz com o dinheiro arrecadado com os tributos. Por outro lado, pretende-se que percebam que a escolha do administrador da cidade, o prefeito, precisa ser cuidadosa e consciente, pois ele irá gerenciar o meu, o seu, o nosso dinheiro e poderá oferecer ou não uma boa qualidade de vida para os habitantes da cidade. A noção de que todos pagam pelos serviços oferecidos gratuitamente à comunidade, através dos tributos, será ressaltada. Uma das tarefas vivenciadas será pesquisar **quais as funções de um prefeito, seus secretários** e vereadores e verificar se o que pesquisaram coincide com as atribuições descritas na Constituição Brasileira.

Ao criar o perfil e a plataforma eleitoral dos candidatos da turma, as crianças terão a oportunidade de **discutir ideias positivas** para melhorar os serviços da Cidade Nova e perceberão a importância do **estabelecimento de regras** em todos os setores da sociedade, por meio dos órgãos reguladores competentes.

Relacionando o que podem e o que não podem fazer nos espaços públicos, as crianças estarão diante dos seus **direitos** e dos seus **deveres** como cidadãos conscientes e perceberão que o desenvolvimento de sua cidade pode ser intensificado através de doações, que podem ser financeiras e/ou de trabalho voluntário.

**Quem
cuida da
cidade?**

Que serviços uma cidade oferece?

Para concluir esse projeto, as crianças **criarão um jogo de tabuleiro**, no qual colocarão em uso todos os conhecimentos que adquiriram em relação ao tema “Quem cuida da cidade”.

PÁGINA 40

Estabeleça um bom tempo de conversa com a turma para **falar sobre a cidade** onde se encontra a escola. O que há nela? Vá indicando instituições e elementos da cidade e pedindo que as crianças falem alguma coisa sobre cada um: escola, hospital, museu, teatro, cinema, estádio, lojas, supermercado, bancos, delegacia de polícia, casas e prédios de moradores, praça, igreja, prefeitura, instituição que cuida do saneamento básico (água e esgoto), da eletricidade e do gás, elementos ligados à circulação na cidade, como ruas, postes, praça, jardim, viaduto, túnel etc.

Observe se as crianças sabem o nome das instituições, onde se localizam, que serviços prestam etc. Verifique também que ideia têm a respeito de serviços e espaços **públicos e privados** e ajude-as a entender melhor esses dois universos. Quais são os serviços públicos que conhecem? E de quem é o espaço público? O que podemos e o que não podemos fazer nos espaços públicos? Se julgar adequado, organize essas informações no quadro ou no blocão.

Depois, apresente a Cidade Nova às crianças e peça que **localizem** prédios, lugares, ruas, colocando uma tampinha (ou qualquer outro material pequeno que você tenha em sala) sobre o que você for indicando, na capa deste projeto. Alternativamente, você pode fazer uma cópia da imagem da cidade e orientar a turma para localizar e depois pintar os prédios. Nesse caso, as crianças poderão organizar, ao final, uma **legenda** que indique quais são os prédios e elementos da cidade que são públicos e os que são da iniciativa privada.

Em outro momento, divida a turma em grupos. Cada grupo ficará responsável por buscar, através de pesquisa e de entrevistas, informações sobre as funções de um prefeito, dos vereadores e também dos secretários municipais. Veja a seguir, para sua informação, em que consiste uma entrevista e quais são seus elementos. Decida, de acordo com as características da turma, o que é interessante ensinar-lhe a respeito desse gênero textual.

A **entrevista** consiste em um gênero textual investigativo. Em sua forma mais simples, trata-se do **diálogo entre duas pessoas**. Assim, um entrevistado, conhecedor do assunto da entrevista, responde a perguntas feitas



por seu interlocutor, o entrevistador, geralmente baseadas em um roteiro prévio. Para realizar uma entrevista, não há necessidade de o entrevistado encontrar-se pessoalmente com o entrevistador. Pode-se entrevistá-lo por telefone, rádio, televisão, carta, chat, dentre outros meios. Depois de registrada – não raro, em equipamento eletrônico –, haverá a edição do material e sua publicação, escrita ou gravada.

Uma entrevista bem planejada deve respeitar os critérios básicos para o êxito de qualquer comunicação. Nesse sentido, deve permitir o reconhecimento daquele com quem se conversa. Entrevistar uma criança, um adolescente ou um idoso, por exemplo, exige seleção de vocabulário e de referências para cada grupo considerado, de acordo com suas características. Com base nestas, deve-se estabelecer a estratégia de abordagem mais adequada, ou seja, o roteiro de comunicação.

O roteiro é construído por perguntas. Elabore coletivamente algumas perguntas a serem utilizadas pelas crianças em suas entrevistas com familiares e pessoas amigas sobre como pensam ou explicam os seguintes tópicos:

- Como funcionam o transporte local, o posto de saúde e as escolas públicas?
- Quem decide onde será construída uma nova escola ou uma nova praça?
- Quem paga as contas dos serviços que são oferecidos gratuitamente à população?
- Quantas e quais são as secretarias do município?
- O que mais poderiam informar sobre o governo da cidade?

PÁGINA 41

Converse sobre a arrecadação de tributos pelo governo para poder oferecer os serviços e os espaços públicos. A seguir, você encontrará informações mais detalhadas sobre os principais tributos municipais cobrados atualmente¹, mas lembre-se de que foram escritas para sua informação e não para as crianças. Para elas, só importa saber que nada é de graça; alguém sempre paga a conta, e esse alguém somos todos nós. Portanto, não se preocupe que aprendam a nomear e a diferenciar os tipos de tributos corretamente, mas, apenas, que **pratiquem suas competências leitoras**

**Quem
paga pelos
serviços
oferecidos?**

Os tributos aqui listados foram retirados do site da prefeitura do Rio de Janeiro em novembro de 2011. Como tudo na vida se modifica de acordo com novas demandas e necessidades, os tributos também sofrem modificações. Por isso, consulte sempre a prefeitura da sua cidade para saber o que você deve pagar-lhe e quando.

para fazer corresponder cada situação apresentada com o tributo que lhe corresponde.

Texto complementar: Os principais tributos municipais

IPTU – Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana: tributo pago anualmente por pessoas físicas ou jurídicas, proprietários de imóveis em áreas urbanas. O cálculo do tributo é baseado no valor de mercado dos imóveis, por meio de critérios estabelecidos em lei municipal e da aplicação de alíquotas diferenciadas.

ISS – Impostos sobre Serviços: tributo pago sobre a mão de obra utilizada para a execução dos serviços. Considera-se que mão de obra é tudo que sobrar após o desconto dos valores referentes as notas fiscais de compra de materiais. A base de cálculo varia conforme o município.

Alguns dos serviços sobre os quais incide ISS são: assistência médica (casas de saúde, clínicas, hospitais, laboratórios, planos de saúde etc.); ensino; oficinas mecânicas; gráficas; conservação e limpeza de imóveis; construção civil; distribuição e venda de bilhetes de loteria; diversões; guarda e estacionamento de veículos automotores; hospedagem (hotéis, motéis, pensões); organização de festas; propaganda e publicidade; tinturaria e lavanderia; transporte; tratamento de beleza (barbeiros, cabeleireiros, manicuros, pedicuros); turismo; vigilância ou segurança; instituições financeiras; advocacia e assessoria jurídica; cobrança; contabilidade e auditoria; informática; funerais; representação comercial; cartório; administração de cartões de crédito e de consórcios; assessoria técnica; assessoria administrativa, econômica ou financeira; consultoria técnica; serviços profissionais dos autônomos estabelecidos e das microempresas.

Taxa de Autorização de Publicidade – Cobrada sobre a autorização, vigilância e fiscalização da veiculação de publicidade (outdoors, painéis) em área pública ou nas áreas externas de imóveis e estabelecimentos. O cálculo do valor da taxa depende do tipo, das dimensões e da localização do anúncio.

Taxa de Uso de Áreas Públicas – Cobrada para atividades que uti-

lizam espaços públicos; inclui feiras livres, vendedores ambulantes, bancas de jornal, parques de diversão e circos.

Taxa de Fiscalização de Transporte de Passageiros – Cobrada de todos os que ganham dinheiro com algum tipo de transporte de passageiros, sujeito à autorização, permissão ou concessão do município.

COSIP – Contribuição para Custeio da Iluminação Pública: deve ser paga por todos que possuam ligação de energia elétrica, cadastrado junto à concessionária de serviço público de distribuição de energia elétrica do município. O valor da contribuição é proporcional à faixa de consumo de energia elétrica e é incluído mensalmente na conta de luz.

Converse sobre o fato de o prefeito precisar ser um **bom administrador para gerenciar** o dinheiro arrecadado através dos tributos recolhidos. É preciso saber planejar de um modo geral, traçar objetivos, determinar as etapas e ações concretas que precisam ser realizadas, lidar com imprevistos, ajustar o ideal aos recursos, tempo e espaço disponíveis.

Você já viu o **mapa de uma cidade**? Você sabe como um mapa é feito?

Sempre que desejamos desenhar um mapa precisamos, em primeiro lugar, pensar como fazer para que tudo que queremos que apareça no mapa conserve a mesma proporção em relação às coisas que estão no mundo real. Além de manter a relação entre as posições, temos que manter, também, uma **proporção entre as distâncias** dos objetos que queremos representar.

Em geral, na construção de um mapa se usa uma escala em que uma unidade de medida do mapa representa um determinado comprimento no mundo real. Por exemplo, ao observar um mapa, geralmente vemos num canto inferior escrito: Escala: 1:100 000. Isso significa que 1 cm no mapa está representando 100 000 cm na distância real. Ou seja, 1 cm no desenho é igual a 1 km na realidade, já que $100\ 000\text{ cm} = 1.000\text{m} = 1\text{ km}$

Para proporcionar às crianças uma compreensão sobre essas ideias podemos propor um **trabalho com um mapa do tesouro**.

Peça que as crianças, em duplas, desenhem um mapa do tesouro. Elas devem juntas escolher o local do tesouro e marcar com um X. Uma criança desenha um caminho até o tesouro usando segmentos de retas; para tal, deve usar uma



**Um bom
prefeito
faz o quê?**

Quando é que um elefante pode ser menor que uma formiga?

Numa escala, ora!

régua. Ao longo do caminho escolhido deve desenhar alguns elementos como árvores, grutas, lagos, animais, cachoeiras... Depois que o primeiro caminho estiver traçado, a segunda criança cria um outro caminho para se chegar ao tesouro, usando segmentos de retas e desenhando outros elementos ao longo do caminho até o tesouro. Diga que cada centímetro (cm) medido no mapa corresponde a 1 metro na realidade e proponha que meçam o caminho seguindo sempre a linha traçada. Pergunte: Quantos metros cada criança vai percorrer até chegar ao tesouro? Quem vai andar mais? Quanto a mais?

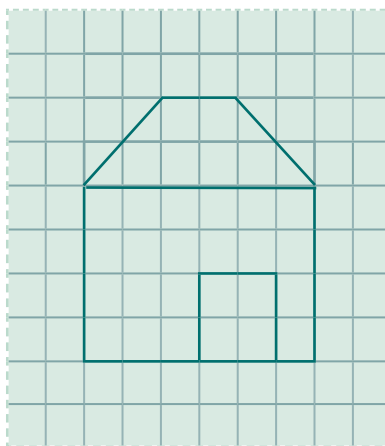
Ao final, converse sobre a atividade, explorando a ideia de **escala**.

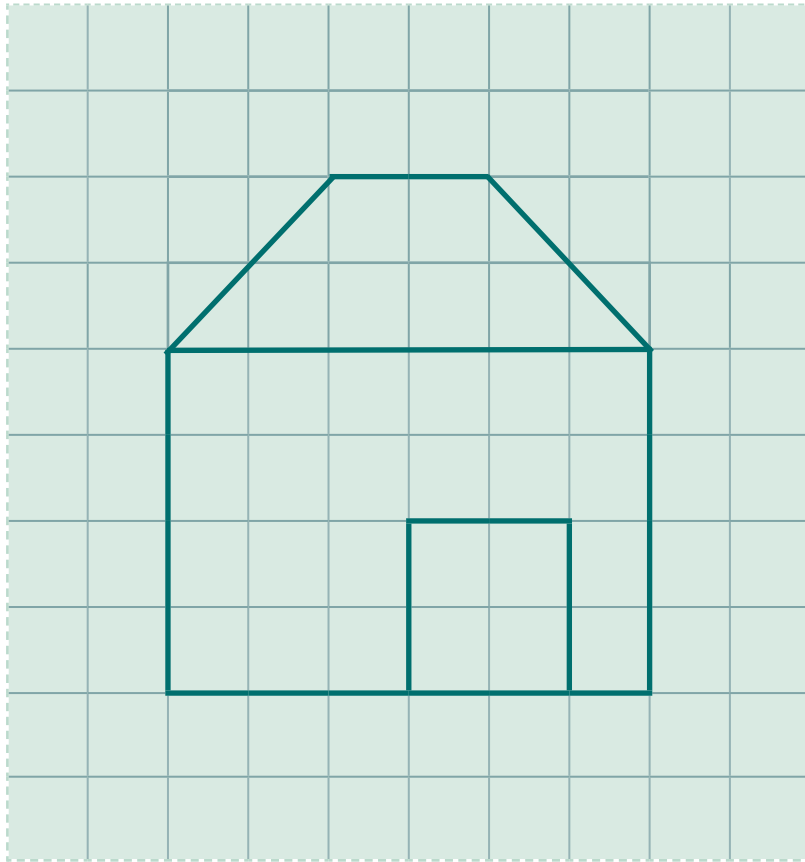
Se achar interessante pode oferecer mais uma possibilidade de trabalho com escalas, sugerindo uma **atividade de ampliar ou reduzir figuras**.

Para isso inicie uma conversa perguntando se as crianças já viram uma mesma foto em vários tamanhos. Pergunte se algumas delas possuem, em casa, alguma foto em tamanho comum e sua ampliação (uma foto grande) e sua redução (uma foto de tamanho menor que o original). Peça que tragam, caso tenham. Se nenhuma das crianças tiver providencie fotocópias reduzidas e/ou ampliadas de uma mesma gravura.

Converse sobre as gravuras e explore com as crianças as diferenças e semelhanças. Faça que observem que a figura, apesar de ter diferentes tamanhos, tem sempre a mesma forma. Se você achar oportuno pode propor que façam uma ampliação de uma figura como a representada abaixo. Explore a malha quadriculada, mostrando que se queremos dobrar cada lado da figura precisamos multiplicar por dois o lado de cada quadrado que forma a malha.

Observe:





Depois que terminarem, converse com as crianças pedindo que observem a figura que acabaram de construir. Peça que comparem as medidas da porta, da janela, da frente das duas casas etc. e convide-as a observar que efetivamente a segunda figura tem suas medidas lineares duplicadas. Entretanto, se achar oportuno, problematize com elas, caso já tenha trabalhado o conceito de área como medida de uma superfície, que, apesar de as medidas lineares medirem o dobro, a área da segunda casa é 4 vezes maior do que a área da primeira figura. Isso pode ser constatado experimentalmente. Para isso, peça que contem quantos quadradinhos pequenos cabem na figura menor. Em seguida, peça que recortem quadradinhos pequenos e verifiquem quantos cabem em cada quadradinho da malha de quadrados maiores. Proponha que contem a quantidade de quadradinhos menores que cabem na figura ampliada.

A proposta dessa atividade acerca da área como medida de superfície, apesar de nesse nível de escolaridade não ser formalizada, ajuda-as a construir o conceito de área de modo experimental, sem recurso a fórmulas nem sempre bem compreendidas.

**Como
trabalhar
com
escalas.**

Depois de realizada a atividade, sugira que pintem a figura e façam uma exposição. Se achar interessante faça reproduções de imagens de quadros famosos que sejam fáceis de serem desenhados dessa forma.

PÁGINAS 42 e 43

Forme um grupo de trabalho e busque as informações solicitadas no Livro do Aluno sobre “Quem cuida da sua cidade?”

Essa página possibilitará às crianças comparar o que aprenderam sobre as **obrigações de um prefeito e seus secretários** com o que está determinado na **Constituição Federal**. A seguir, você encontra o trecho original sobre esse assunto. No Livro do Aluno, esse trecho foi apresentado de modo simplificado para ser acessível às crianças.

OBS: Caso queira trabalhar a realidade do Distrito Federal (Brasília), considere nas atividades a figura do Governador e Administradores Regionais.

Texto complementar

Segundo o Artigo 30 da Constituição Federal, promulgada em 1988, compete aos Municípios:

- I. legislar sobre assunto de interesse local;
- II. suplementar a legislação federal e a estadual no que couber;
- III. instituir e arrecadar os tributos de sua competência, bem como aplicar suas rendas, sem prejuízo da obrigatoriedade de prestar contas e publicar balancetes nos prazos fixados em lei;
- IV. criar, organizar e suprimir Distritos, observada a legislação estadual;
- V. organizar e prestar, diretamente ou sob regime de concessão ou permissão, os serviços públicos de interesse local, incluído o de transporte coletivo, que tem caráter essencial;
- VI. manter, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, programas de educação infantil e de ensino fundamental;

VII. prestar, com a cooperação técnica e financeira da União e do Estado, serviços de atendimento à saúde da população;

VIII. Promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano;

IX. Promover a proteção histórico-cultural local, observada a legislação e a ação fiscalizadora federal e estadual.

Promova a leitura compreensiva das atribuições do governo municipal tal como se encontram no Livro do Aluno e vá verificando se o que pesquisaram anteriormente coincide com o que está ali escrito. Se houver uma oportunidade, remeta as crianças ao **dicionário** para tentar entender as palavras desconhecidas. Oriente-as como proceder ao usar um dicionário: ordem alfabética da 1ª letra, 2ª letra, 3ª letra etc.

Depois, se achar cabível, escolha uma das frases do trecho original da Constituição, leia-a e pergunte à turma a qual das frases do Livro do Aluno ela corresponde. O objetivo é dar oportunidade às crianças de encontrar **maneiras de interagir com um texto cheio de palavras que não conhecem**.

PÁGINA 44

Em outro momento, prepare a turma para **criar o perfil e a plataforma eleitoral** dos seus candidatos, à razão de um candidato por grupo. Promova um momento coletivo em que a turma possa **discutir ideias para melhorar os serviços** da cidade que mais conhecem, como educação, saúde, transporte, esporte e cultura. Seria muito importante que você a orientasse para elaborar propostas para cada uma dessas áreas juntamente com os argumentos que as justifiquem, com especial atenção para cada proposição que elaborem.

Esses argumentos podem ser a base da defesa oral da plataforma do candidato, por isso seria interessante orientar como fazê-la. A **exposição oral** é uma situação de produção textual, só que na modalidade oral: é uma situação comunicativa mais formal, portanto é preciso usar a modalidade culta da língua, mas ao mesmo tempo o candidato deve estabelecer uma comunicação clara com seus eleitores.



**Saiba
escolher
um
prefeito.**

Sem regras
não há
convívio
harmônico.



Depois, cada grupo se reúne para decidir e escrever o que o seu candidato vai propor para cada uma dessas áreas e para elaborar o **cartaz de sua candidatura**.

Quando o trabalho estiver pronto, uma das crianças deve ser escolhida para representar o candidato do grupo e terá que apresentar sua plataforma diante da turma. Alguns dias depois dessa apresentação, **promova a eleição do prefeito** da Cidade Nova, procurando adotar, na medida do possível, os procedimentos e regras de uma eleição de verdade. Para isso, promova a criação das cédulas para votação, a organização da seção eleitoral, com divisão de responsabilidades entre os mesários, a construção de um título eleitoral para cada criança etc.

Proponha às crianças proceder à **contagem dos votos** e em seguida estimule-as a construir um gráfico de colunas que apresente os resultados dessa eleição.

A **construção do gráfico** pode ser feita numa malha quadriculada. Se a quantidade de votos for muito grande, pode ser adequado definir a quantos votos corresponde cada quadradinho para que as colunas tenham uma altura compatível com a folha onde o gráfico está representado.

Para que seja **trabalhada a ideia de trocas**, pode-se fazer com que os quadradinhos sejam coloridos. Cada criança vota uma vez e marca-se no gráfico da malha quadriculada um quadradinho de uma determinada cor, por exemplo: verde. Cada quadradinho verde equivale a um voto de uma criança; a cada 10 quadradinhos verdes pode-se substituir por um quadradinho vermelho. A cada momento faça uma apuração de quantos votos cada candidato tem, trabalhando com os quadradinhos coloridos. Aqui sugerimos que os quadradinhos sejam do mesmo tamanho para ressaltar a ideia de representação.

PÁGINAS 45, 46 e 47

Promova uma conversa no sentido de saber qual o esporte preferido das crianças, quantas gostam de futebol e quantas já foram a um estádio de futebol. Pergunte o que sabem sobre as **regras de futebol** e sobre quem as faz. Apresente a FIFA, a CBF, a CSF e as Confederações Estaduais perguntando se as crianças conhecem os nomes dessas instituições. Se houver interesse da turma, explique um pouco o que cada uma dessas instituições faz, com base nas informações a seguir.

A FIFA – **Federação Internacional de Futebol Associado** – tem sua sede em Zurique, na Suíça. É a instituição internacional que dirige as associações de futsal, futebol de praia e futebol associado, o esporte coletivo mais popular do mundo. As competições mais conhecidas que ela promove são a Copa do Mundo, Copa das Confederações, Copa Mundial de Futebol Feminino e a Copa do Mundo de Futebol de Areia.

A CBF – **Confederação Brasileira de Futebol** – é a entidade máxima do futebol no Brasil. É responsável pela organização de campeonatos de alcance nacional, como o Campeonato Brasileiro das séries A, B, C e D, além da Copa do Brasil. Tem sua sede no Rio de Janeiro e possui um centro de treinamento na Granja Comary, em Teresópolis, cidade da serra fluminense no estado do Rio de Janeiro

A **Confederação Sul-Americana de Futebol** (CSF) é a entidade que organiza todos os campeonatos futebolísticos que envolvam os países da América do Sul. Está sediada no Paraguai. Os campeonatos mais conhecidos são a Copa Libertadores da América, disputado por clubes, e a Copa América, disputado por seleções.

Em seguida pergunte o que sabem e o que pensam sobre o **comportamento dos torcedores** nos estádios de futebol durante os jogos. Depois dessa troca de experiências, explique que há **regras** estabelecidas para preservar o estádio, para que as competições sejam honestas e para que os torcedores se comportem civilizadamente. A seguir, um pequeno resumo do Estatuto do Torcedor (Lei nº 10.671, de 15/05/2003).

É crime participar de atos de violência, tumulto (inclusive num raio de 5 km do estádio), cantar músicas ofensivas, racistas, portar bandeiras com símbolos xenófobos, invadir o campo, vender ingressos a um valor mais alto, manipular o resultado dos jogos ou levar fogos de artifício e substâncias proibidas para dentro do estádio. Aquele que infringir a lei poderá ser multado, impedido de entrar no estádio e até receber pena de reclusão.

Os estádios deverão ter um sistema de monitoramento por câmeras, tanto do público interno como das catracas de acesso e as torcidas organizadas precisam manter seu cadastro atualizado, podendo ficar suspensas de comparecer aos estádios por até três anos, caso não cumpram o estatuto.

Para encerrar, desenvolva com as crianças o raciocínio apresentado no Li-

Qual o papel de um "órgão regulador"?

Conhecendo os órgãos reguladores do sistema financeiro brasileiro.



vro do Aluno: assim como o futebol precisa de órgãos acima do interesse individual de cada torcedor e de cada clube, também é **necessário que haja órgãos reguladores** para outros setores da sociedade.

No contexto da Educação Financeira, há quatro mercados que recebem regulamentação, sendo que cada mercado é regulamentado por um órgão governamental diferente, conforme explicado a seguir. Lembre-se, contudo, de que essas informações são para você, professor, não para as crianças. Na faixa etária em que elas se encontram, o importante é apenas o conceito de que **há órgãos reguladores para as diversas áreas de funcionamento do país** e que todos os cidadãos devem cumprir regras porque a ideia é fazer com que o convívio social seja possível. O comerciante adoraria cobrar mais, o consumidor preferiria pagar bem menos. No contexto do confronto de interesses individuais, é preciso olhar para algo maior e que a todos procura proteger e resguardar. O propósito de uma regulamentação não é o de deixar todos plenamente satisfeitos o tempo todo porque é justamente isso o que inviabiliza a convivência, mas que todos fiquem, no mínimo, parcialmente satisfeitos cada vez que há um choque de interesses individuais.

Não é exatamente isso o que você tenta fazer quando duas crianças brigam? Pois é, na sala de aula, você pode eventualmente funcionar como “órgão regulador”, como em situações de debate ou de jogos, quando procura manter o melhor nível de relacionamento possível na sua turma, fazendo com que todos cumpram as regras e aprendam a ouvir, ceder e negociar. É nessa linha que trabalham, no plano social, os quatro órgãos reguladores da vida financeira do país: Banco Central do Brasil (BCB), Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) e Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC).

O Banco Central do Brasil (BCB) fiscaliza e disciplina o mercado financeiro, define regras, limites e condutas das instituições financeiras, incluindo normas relacionadas às tarifas que um banco pode cobrar e aos serviços que devem ser gratuitos. Ele não é um banco comercial como os outros, ou seja, não oferece empréstimos ou financiamentos diretamente às pessoas. O relacionamento financeiro do Banco Central é unicamente com as instituições financeiras. No site do BCB há diversas informações. Além disso, o banco disponibiliza uma central de atendimento via telefone para atender dúvidas. Se você descobrir que um banco não está cumprindo as normas do Banco Central, pode fazer uma denúncia. Para saber mais: www.bcb.gov.br

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) tem por missão desenvolver e regular o mercado de valores mobiliários, garantindo que os investidores tenham acesso a boa informação para que, com base nas mesmas, possam realizar suas transações com segurança. O mercado de valores mobiliários é um segmento do mercado financeiro no qual são negociados títulos emitidos pelas empresas para captar junto ao público recursos destinados ao financiamento de suas atividades. Ou seja, se uma empresa precisa de capital para mudar o padrão tecnológico ou para um novo projeto, ela pode captar recursos vendendo ações a novos investidores, que poderão ser negociadas na Bolsa de Valores. Atualmente é a BM&FBOVESPA que concentra toda a negociação de ações do Brasil. Para saber mais sobre a CVM: www.cvm.gov.br
Para saber mais sobre a BM&FBOVESPA: <http://www.bmfbovespa.com.br>

A Superintendência de Seguros Privados (SUSEP) atua na regulação, supervisão, fiscalização e incentivo do mercado de seguros, resseguros, previdência complementar aberta e capitalização, protegendo os direitos dos consumidores e os interesses da sociedade em geral. Em seu site (www.susep.gov.br), há diversas informações, como glossários, orientações sobre o que observar ao contratar planos, perguntas e respostas sobre as principais dúvidas, e-mail para contato, como fazer reclamação ou denúncia. Além de disponibilizar um Guia de Orientação e Defesa do Segurado para download, ela também dispõe de um serviço de atendimento telefônico gratuito – o Disque SUSEP – para esclarecer dúvidas dos consumidores sobre os mercados de seguros, previdência complementar aberta e capitalização.

A Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC) é um órgão do Ministério da Previdência Social, responsável pela fiscalização dos fundos de pensão. O órgão normativo do sistema de previdência complementar é o Conselho de Gestão da Previdência Complementar. A PREVIC supervisiona, orienta e fiscaliza as atividades das entidades fechadas de previdência complementar. Estamos falando da aposentadoria de milhões de pessoas. Para saber mais: <http://www.previdencia.gov.br/previc/>

Pergunte se as crianças conhecem os logotipos destes órgãos reguladores. Pergunte se sabem o que é um logotipo e para que serve. Se possível, leve alguns produtos que contenham logotipo, como embalagens de produtos, revistas etc. Explique que o **logotipo** – como parte da identidade visual de uma empresa – é a representação gráfica de uma marca, o desenho de seu nome com tipos de letras específicos, que particularizam essa marca no mercado consumidor, destacando-a em um padrão único. Seu estilo de linhas e de cores torna-se, assim, uma **espécie de assinatura**. Em sua estética peculiar, busca estabelecer uma empatia entre cliente e marca, realçando valores e expectati-

Cada
órgão,
um
logotipo.



As regras existem em todas as áreas.



vas que identifiquem ambos e reforcem seus vínculos. A criação de um logotipo para uma marca é função do comunicador visual, profissional de formação universitária especializado em projetos de sistemas visuais.

Em seguida, que tal propor que se faça um concurso de logotipos para a turma? O logotipo vencedor passará a ser utilizado nas peças de comunicação da turma, como cartazes que anunciem suas iniciativas e resultados, por exemplo. A turma poderia ser dividida em grupos, e cada grupo criaria um logotipo, considerando cores e imagens que melhor combinam com ela. Depois seria feita uma votação para escolher o logotipo que passaria a representar a turma.

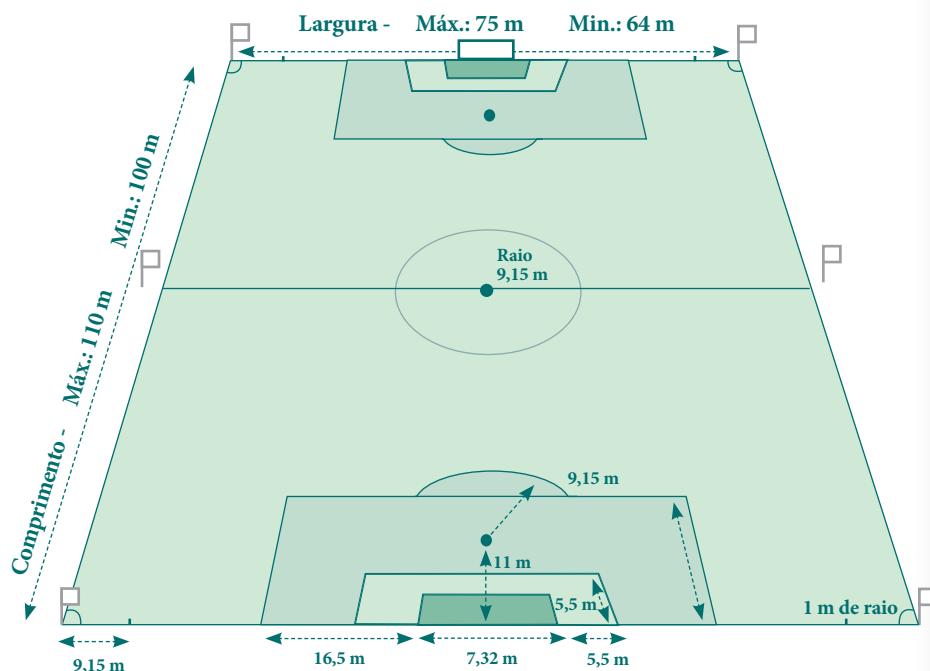
Um conceito importante na Educação Financeira, como acabamos de discutir, é a constituição de órgãos que regulam, supervisionam, fiscalizam, incentivam a saúde financeira da sociedade. Do mesmo modo, vimos também como as diferentes entidades esportivas, tal com a CBF e a FIFA, por exemplo, traçam regras com o intuito de normatizar as diferentes instâncias do esporte mais popular do Brasil, o futebol.

Com o objetivo de ajudar as crianças a compreenderem a necessidade de órgãos que contribuem para o bom funcionamento financeiro da sociedade, pode-se propor uma atividade de pesquisa sobre a FIFA, no que se refere à construção de um campo de futebol. A proximidade com as regras da FIFA pode ser uma boa motivação para que entendam a necessidade de regras e órgãos que assumam esse papel também no âmbito das finanças.

Para encaminhar esse trabalho proponha à turma que faça uma pesquisa que pode ser desenvolvida na internet ou por meio de uma entrevista sobre as regras da FIFA no que se refere ao tamanho de um campo de futebol.

Segundo as **regras vigentes**, o campo de jogo deve ser retangular e marcado com linhas. Essas linhas fazem parte das áreas que demarcam: as duas linhas extremas de marcação mais compridas são chamadas de linhas laterais, as duas mais curtas são chamadas de linhas de meta. O campo de jogo é dividido em duas metades por uma linha de meio-campo, que unirá os pontos médios das duas linhas laterais. O comprimento da linha lateral será superior ao comprimento da linha de meta. Todas as linhas devem ter a mesma largura, que não pode ser superior a 12 cm.

Em partidas internacionais, a FIFA determina que o comprimento da linha lateral seja no mínimo 100 m e no máximo 110 m. Já o comprimento da linha de meta deve ter a medida mínima de 64 m e máxima de 75 m. Os postes de meta e o travessão devem ser de cor branca, com



as seguintes dimensões: 2,44 m de altura e 7,32 m de comprimento.

Leia o texto acima sobre as regras vigentes e proponha que **identifiquem os elementos nele citados**. Se possível, escaneie e projete ou reproduza a imagem do campo de futebol em uma folha bem grande para que os alunos possam ter acesso direto aos dados relativos às dimensões. Explore com a turma a forma do campo, as linhas, suas dimensões, o significado de ponto médio das linhas laterais etc.

Num segundo momento, proponha que em grupos, **representem o campo usando uma escala**. Primeiramente, diga que, usando as regras da FIFA para um jogo internacional, elas devem decidir a metragem do campo, seu comprimento e largura.

Em seguida, numa malha quadriculada, com lados medindo 0,5 cm, proponha que reproduzam o campo de futebol que escolheram. A folha deve ter 60 cm de comprimento e 40 cm de largura (120 quadradinhos de 0,5 cm por 80 quadradinhos).

Ajude-as a decidir qual deve ser a escala para que o desenho do campo caiba por inteiro na folha quadriculada. Por exemplo, se o campo escolhido tiver 100 m de linha lateral e 70 metros de linha de meta, qual deve ser a medida que o lado do quadradinho deve representar?


Um campo de futebol também segue regras.

Estimule as crianças a formular as suas hipóteses.

Deixe que as crianças formulem suas hipóteses, sempre pedindo que expressem como pensaram. Você pode estimular com perguntas do tipo, se o lado de um quadradinho estiver representando 1 metro, quantos quadradinhos em linha reta serão necessários para representar 100 metros que é a medida da linha lateral do campo? Possivelmente irão afirmar que são necessários 100 quadradinhos. Se quisermos comparar essas medidas podemos trabalhar com as crianças uma transformação de unidades, perguntando quantos centímetros são necessários para compor 1 metro. Espere que pensem sobre isso e caso tenham dificuldade, traga uma fita métrica ou uma trena e proponha que contem. Depois que concluírem que 1 metro é igual a 100 cm, procure que cheguem a compreender que 100 metros equivalem a 10 000 centímetros. No papel em que cada quadradinho mede 0,5 cm, e representa 1 metro, serão necessários 100 quadradinhos para representar a medida maior do campo e 70 para representar a linha de meta.

Aqui podemos propor um novo desafio: o de procurar deduzir quantos centímetros, no total, mede o campo desenhado na folha. A ideia é que pensem em possíveis modos de resolver a questão. Deixe que formulem hipóteses e estimule a que representem o modo como pensam. Talvez, algumas façam um desenho.

Um bom caminho é o de estimulá-las a contar de 2 em 2. Assim: 2 quadradinhos medem 1 cm, 4 quadradinhos medem 2 cm etc, como ilustrado a seguir.

	Medida
2	1 cm
4	2 cm
6	3 cm
8	4 cm
10	5 cm
12	6 cm

É muito importante que as crianças possam ir percebendo regularidades em diferentes situações. Aqui você pode fazer perguntas que as ajudem a ir constatando que enquanto a primeira coluna cresce de 2 em 2, a segunda cresce também de 1 em 1. Inicialmente explore os valores na tabela.

Em seguida, sem completar a tabela pergunte: Quanto medem 14 quadradinhos? E 16 quadradinhos? Quanto medem 20 quadradinhos? Se você perceber que compreenderam o padrão pode ir aumentando o valor, por exemplo, 50 quadradinhos, até chegar ao 100, que é o objetivo inicial.

Se achar interessante e adequado à sua turma, você pode propor uma atividade com o intuito de ajudar a responder a perguntas como: “Como se faz uma **estimativa do número de torcedores** numa partida?” “Quando tem

passada ou um evento como o Réveillon em espaço público – praia, rua, praça – ou um Desfile de 7 de setembro ou um megashow, como se pode estimar quantas pessoas havia?”

Inicialmente proponha à turma construir com as crianças um quadrado de 1 metro por 1 metro de papelão ou de um papel firme que não se destrua ao ser pisado.

A primeira etapa desta atividade é levar as crianças a perceberem quantos cabem de pé neste quadrado; proponha que todas as crianças participem combinando colocar no quadrado de 1 metro por 1 metro os maiores com os menores, as meninas e os meninos, os mais magros e os mais cheinhos. A partir dessa experimentação, **estabeleça uma média** do número de crianças que cabem no quadrado de 1 metro. Se for adequado, você pode dizer que esse quadrado de 1 metro equivale ao que chamamos de 1 metro quadrado!

Em seguida, proponha que meçam quantos quadrados de mesmo tamanho cabem na quadra da escola. A partir dessa constatação, peça que avaliem quantas crianças caberiam na quadra da escola.

Depois de chegarem a uma conclusão, proponha que tentem descobrir quantos quadrados cabem no campo de futebol que tem as dimensões de um jogo internacional que acabaram de representar. Nesse caso, como o campo mede 100 metros por 70 metros, cabem $100 \times 70 = 7\,000$ quadradinhos.

Esse valor e o número de crianças que couberam num quadrado de papel permitem ter uma **estimativa** sobre o número de pessoas que caberia num campo de futebol.

PÁGINAS 48 e 49

Peça que as crianças leiam as narrativas silenciosamente. Depois, convide algumas a **lerem em voz alta a história** de que mais gostaram para a turma, com entoação e ritmo adequados. Ao final, pergunte o que acharam das leituras feitas. Pergunte também se conhecem histórias semelhantes a essas.

Em seguida, verifique se ficou claro qual personagem faz que **tipo de doação – tempo ou dinheiro** – e com que frequência – regularmente ou eventualmente. Confira aqui: a primeira história narra uma situação de doação de trabalho, ou seja, não envolve dinheiro; a segunda é um episó-

**Trabalhando
com
estimativas.**

Doações:
podem ser
de diferen-
tes tipos.



do eventual de doação de tempo; a terceira retrata doações regulares de bens materiais comprados especialmente para esse fim, portanto envolve gastos em dinheiro.

Para finalizar, proponha uma discussão sobre elas: o que as crianças pensam sobre as iniciativas dos protagonistas? O que elas fariam se pudessem escolher livremente?

Muita gente gosta de **fazer doações**; alguns preferem doar uma quantia fixa e outros preferem doar uma quantia variável. Nesse sentido, vamos propor às crianças uma situação em que as pessoas fazem doação em dinheiro para algumas organizações.

Marcos costuma doar R\$ 50,00 por mês para uma instituição para atendimento aos idosos. Célia se comprometeu a doar para um abrigo para crianças R\$ 20,00 por mês e a cada dois meses aumentar a doação em R\$ 10,00. Hugo generosamente doou R\$ 1.000,00 de uma única vez a uma instituição social.

Quantos meses serão necessários para que Marcos e Célia tenham doado a mesma quantia que Hugo?

Para desenvolver a atividade, você pode propor às crianças que registrem os números e construam quadros para descobrir o que foi pedido, **comparando a evolução das doações com o tempo**.

PÁGINAS 50 e 51

Para concluir esse projeto, as crianças **criarão um jogo de tabuleiro**, no qual colocarão em uso todos os conhecimentos que adquiriram em relação ao tema “Quem cuida da cidade?”

Organize a turma em grupos de até 5 componentes e auxilie as crianças a **desenhar o tabuleiro e a construir as regras**. Em especial, oriente-as a redigir as casas especiais do jogo, em conexão com os conteúdos estudados. Veja alguns exemplos:

- Você vai participar da eleição do novo prefeito. Perca uma vez para poder votar com calma.
- Você resolveu doar dinheiro para uma ONG. Parabéns! Avance 6 casas.

- Hoje é dia de pagamento da taxa de incêndio. Avance 2 casas para ir ao banco pagá-la. (Nesse caso, o banco precisa ser desenhado duas casas adiante da casa onde isso está escrito)
- Hoje é dia de pagamento.

Para elaborar um bom jogo, é essencial ser um bom observador. No caso da criação de um ambiente urbano para tabuleiro, procure, pelo menos, por alguns dias, modificar sua rotina de caminhadas e de passeios pela cidade. Busque conhecer lugares novos, paisagens distintas daquelas já rotineiras. Atente, nessas novas ruas e nesses novos endereços, para detalhes da natureza e das construções no entorno. Faça um esforço para encontrar semelhanças e contrastes com os ambientes urbanos aos quais você já estava acostumado.

Anote o resultado dessas suas observações. Cada detalhe novo, cada curiosidade percebida, cada cor atraente – a forma e a cor de um brinquedo em uma praça, um tipo de calçamento em uma rua, uma árvore em flor em um jardim, uma planta vistosa no canteiro da escola, a casa antiga entre prédios, a carrocinha do pipoqueiro, a banca de jornal, as luzes do trânsito, as placas de sinalização – tudo são possíveis elementos para compor a ambientação de uma cidade. Observe as ações mais comuns e as personagens mais tradicionais da paisagem de seu bairro de modo a **visualizar personagens e ações** que podem estar presentes em seu jogo: o guarda, a funcionária da limpeza urbana, o vendedor ambulante, a idosa no passeio matinal com o pequeno cachorro, a professora a caminho da escola, o neném no carrinho, o vira-lata à sombra do arbusto. Busque sugestões com os colegas; peça-lhes que avaliem constantemente o que vai sendo criado. Em busca de ideias, reflita também sobre jogos instigantes que você já tenha jogado, mas evite as imitações, os estereótipos e as soluções fáceis: **seja surpreendente!** Depois de estruturada a ideia básica, monte – com bastante capricho – um protótipo. Escreva em linguagem simples, mas de maneira detalhada, as **regras do jogo**, começando por indicar o que é necessário para jogar: materiais e quantidade mínima e máxima de participantes. Em seguida, escrevem-se as orientações de como jogar. Oriente as crianças sobre o fato de que as regras se iniciam sempre por um verbo, que indica uma ordem (no imperativo, mas a nomenclatura não precisa ser abordada com as crianças) e lembre que as regras do jogo sempre terminam com a expressão: “vence quem...”

Confeccione as peças, apronte o tabuleiro (veja abaixo como fazê-lo) e chame colegas de diferentes grupos do colégio, para jogar sua criação. Verifique como reagem e contraste essas reações com suas intenções iniciais. Aceite as sugestões coerentes; procure modificar o que não ficou evidente, descarte as



Elaborando um jogo de tabuleiro.

Pense nas estratégias de planejamento.



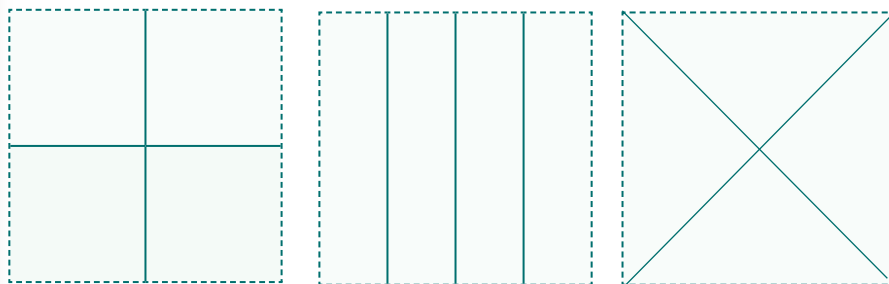
ambiguidades. Assim, aos poucos, seu jogo ganhará um formato definitivo. Aproveite para jogá-lo bastante!

Vamos construir o tabuleiro do jogo?

Para construir o tabuleiro é necessário ter uma base de papelão (como de caixas de eletrodomésticos) de forma quadrada ou retangular, folhas brancas e/ou coloridas, canetas hidrocor de várias cores, lápis e borracha, gravuras de revistas etc.

Inicialmente, vocês podem ter uma conversa para decidir quais elementos comporão a cidade: banco, igreja, moradias, prédio da prefeitura etc. Isso decidido, pode-se combinar também o total de casas numéricas que constituem “as ruas” do tabuleiro. Esse número não deve ser muito grande para permitir agilidade ao jogo.

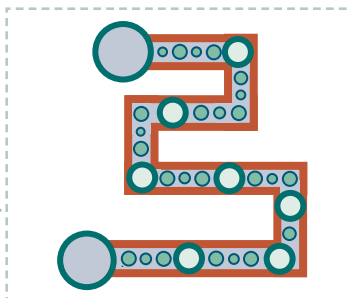
Para que o jogo fique bem distribuído no espaço do tabuleiro, **discuta com a turma estratégias de planejamento**. Por exemplo, dividir o plano em 4 partes iguais. A ideia aqui é ajudar as crianças a espalhar casas, praça, banco etc. em cada uma das partes, para que a distribuição seja equilibrada. Explore diferentes possibilidades de se dividir um quadrado ou retângulo em 4 partes iguais. Observe:



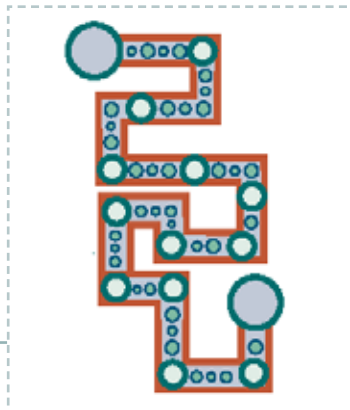
Depois de escolher como dividir a folha na qual vai ser desenhado o jogo, proponha que as crianças tracem o caminho que será percorrido pelos jogadores. O caminho poderá ir “serpenteando” pelos diferentes “quartos”. As “casas” podem ser numeradas ou não. O importante é que **sigam uma sequência** a ser percorrida uma a uma. Estimule as crianças a utilizarem gravuras, desenhos e cores para ilustrar o tabuleiro.

As imagens a seguir exemplificam possibilidades:

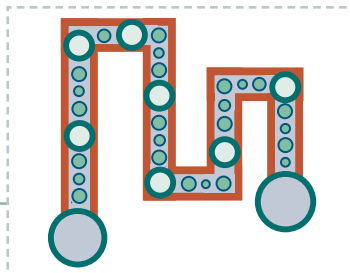
O percurso se desenrola horizontalmente, com deslocamentos verticais



O caminho vai e volta, vertical e horizontalmente



O percurso se desenrola verticalmente com deslocamentos horizontais.

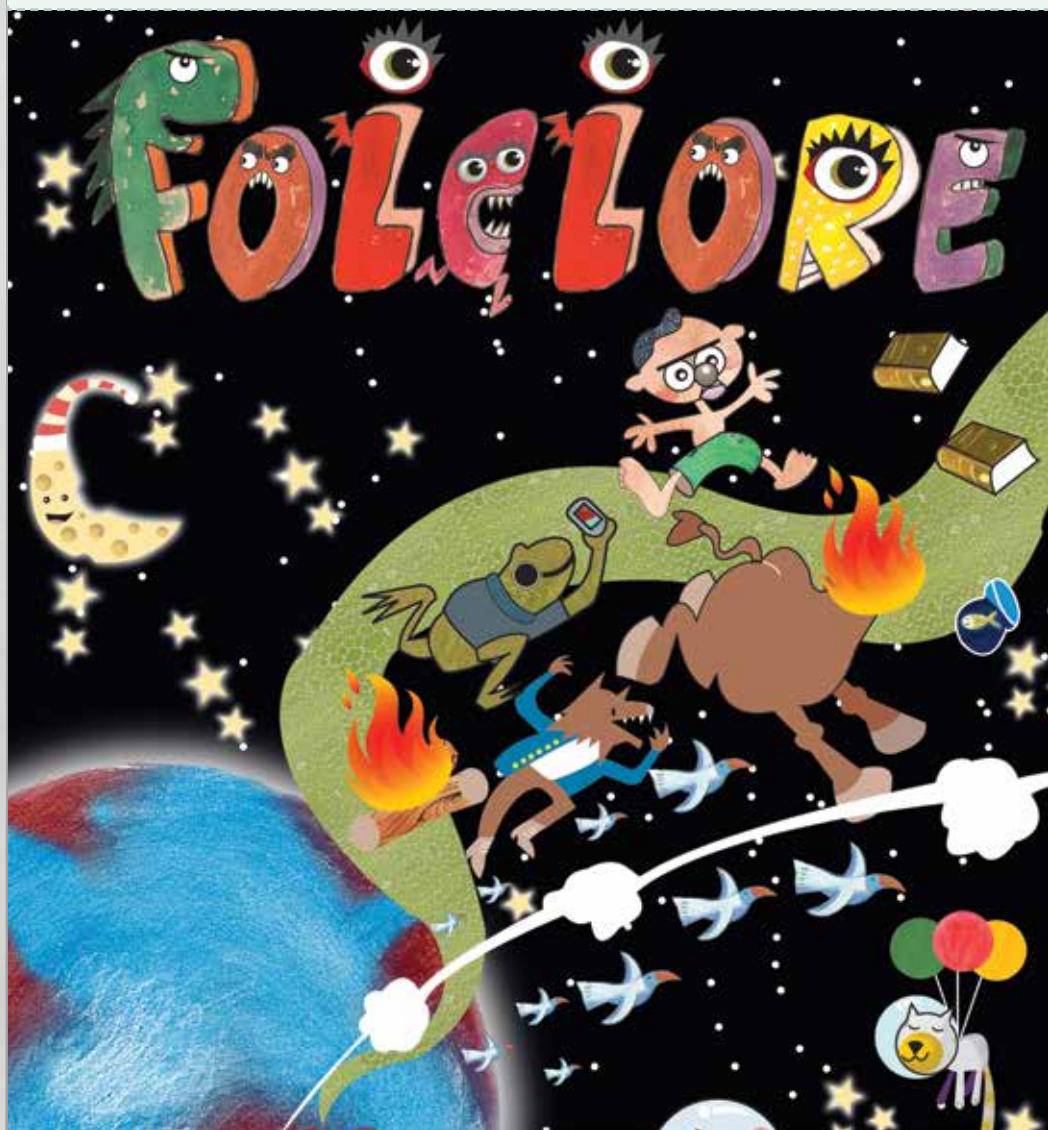


Fechamento do projeto

Ao término do projeto, **converse** com a turma sobre o que mais gostaram e o que sabem agora que não sabiam no início da proposta. **É importante que cada criança tenha a oportunidade de pensar se e como está aprendendo.**

Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 76) e **analisar o resultado da vivência**. A avaliação do próprio trabalho fornece à criança crescente autonomia e controle de sua aprendizagem, sendo uma experiência bastante positiva e motivadora.

O jogo
pode ter
diferentes
percursos.



Projeto 4

Educação Financeira nas Escolas



livro do
professor

Título	Festa do Folclore
Questão central do projeto	Como se planeja e se realiza um evento?
Foco do projeto	Organização de um evento
Conteúdos de Educação Financeira	<p>Análise de possibilidades</p> <p>Cuidado na manutenção e preservação dos espaços públicos</p> <p>Custos</p> <p>Decisões</p> <p>Divulgação</p> <p>Doação</p> <p>Finitude dos recursos</p> <p>Lucro</p> <p>Planejamento</p> <p>Plano de ação</p>
Competências	<p>Debater direitos e deveres (C01) –no planejamento e realização da festa</p> <p>Participar de decisões financeiras social e ambientalmente responsáveis (C02) – descarte no final da festa</p> <p>Atuar como multiplicador (C07) – na divulgação do folclore</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões imediatas de ações realizadas no presente (C09) – vivenciar etapas de planejamento</p> <p>Cuidar de si próprio, da natureza e dos bens comuns considerando as repercussões futuras de ações realizadas no presente (C10) – vivenciar etapas de planejamento</p>
Objetivo específico	Planejar e realizar uma festa na escola.



Descrição

Professor, este projeto tem como objetivo levar ao conhecimento das crianças a **variedade e a riqueza da produção cultural brasileira**, que forma o nosso folclore.

As crianças trabalharão com o **mapa do Brasil**, vão conhecer sua divisão política e saber localizar suas cinco regiões e seus respectivos estados. Depois de conhecer a localização das diferentes regiões brasileiras e suas características físicas, as crianças começarão a pesquisar as manifestações folclóricas típicas de cada região.

De posse de todo esse conhecimento, elas produzirão um **livro sobre o folclore brasileiro**.

Planejando a Festa do Folclore as crianças vivenciarão as várias etapas que fazem parte de um planejamento: **decisões iniciais, análise de possibilidades, plano de ação, divulgação e avaliação** do evento, além de divulgar a necessidade dos cuidados com os espaços públicos e a necessidade urgente de se preservar os ecossistemas regionais.

Antes da festa a atividade de **checagem do planejamento** vai reforçar a importância do ato de se planejar. Ótima festa!

Planejando os detalhes

PÁGINAS 54, 55 e 56

Leia com sua turma o **significado de folclore**. Destaque a citação: “Como o Brasil é um país muito grande, temos diferentes expressões e manifestações de folclore em cada região”.

Mostre um mapa do Brasil. Pergunte se as crianças sabem onde ficam as diferentes regiões brasileiras e em que região moram. Indague de onde vêm os nomes Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-oeste. Diga que têm como referência os **pontos cardeais e os pontos colaterais**. Construa com as crianças uma rosa dos ventos. Para isso, você pode usar palitos de sorvete ou tiras de papel que servirão como eixos. Os palitos deverão ser colados no meio, no formato de cruz. Escreva na extremidade de cada eixo o nome dos pontos cardeais: N (norte), S (sul), L (leste), O (oeste). Depois cole mais dois palitos na diagonal, e escreva o nome dos pontos colaterais: nordeste, sudeste, noroeste e sudoeste, que se situam entre os pontos cardeais, por exemplo: entre o norte e o leste temos o nordeste e entre o sul e o leste temos o sudeste.

Leia com sua turma os nomes das regiões brasileiras. Aponte as diferentes regiões, no mapa do Brasil.

Trabalhe com o mapa do Brasil localizando as regiões e pintando-as de cores diferentes. Faça um trabalho de pesquisa com sua turma sobre as **características naturais de cada região**, sua vegetação, seu clima, seu relevo. Discuta **semelhanças e diferenças** entre elas.

Depois, peça que as crianças criem frases que descrevam as características físicas de cada região brasileira.

Transforme as descrições das características físicas de cada região em um momento de conscientização em prol de **medidas ecologicamente responsáveis** em defesa da natureza, dos ecossistemas típicos das regiões brasileiras, como a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal, o Pampa e a Floresta Amazônica, pois seus recursos são finitos. O meio ambiente tem recursos limitados. Por exemplo, corremos o risco de faltar água doce em certas partes do mundo porque está acabando. É nesse contexto que se apoia o conceito de que os **recursos financeiros também exigem cuidados em sua gestão** para que não falem no amanhã. É importante que as crianças compreendam que o dinheiro acaba.

Proteger o nosso meio ambiente, combater o desmatamento, o aquecimento global, reduzir o efeito estufa e cuidar da nossa biodiversidade são ações imediatas que precisamos tomar em prol de nosso planeta. Apro-



veite a Festa do Folclore para divulgar essas ideias. Você pode ajudar na perpetuação da grande diversidade de vida, dos milhares de animais que vivem nas diferentes regiões. Faça um levantamento da cobertura vegetal original de cada estado. O desmatamento começou com a extração do pau-brasil. Se achar interessante, pode trabalhar com porcentagem, descobrindo a área desmatada de cada região. O Brasil é um país com diversas paisagens e também com uma miscigenação de povos, índios, europeus e africanos. **Essa grande variedade nos proporcionou um folclore riquíssimo!**

O conceito de “**ciclo**” é fundamental no universo de Educação Financeira, e é um dos pontos fortes em comum com o meio ambiente. É preciso pensar de onde as coisas vêm e para onde as coisas vão, lembrando que tudo se inicia e termina na natureza. Assim, ao pensar em qualquer processo produtivo há de se considerar a utilização dos recursos naturais – sempre levando em conta as reais necessidades e buscando alternativas para que esse processo seja sustentável – e o destino final dos produtos envolvidos – como serão reaproveitados, transformados ou descartados, de modo que o impacto sobre o mundo social e sobre a natureza seja o menos negativo possível.

Identifique a região brasileira onde se localiza sua escola. Se você julgar interessante para sua turma, pode trabalhar **comparando dados** entre as regiões. Que região brasileira possui a maior área? E a menor? Qual região tem a maior população? E a menor? Organize a população das regiões brasileiras em **ordem crescente e decrescente**. Para esta atividade, utilize os **dados** do Censo Demográfico, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e disponível no site: www.ibge.gov.br. Aqui apresentamos os dados do Censo Demográfico 2010: A população brasileira atingiu a totalidade de 190.732.694 em 1o de agosto, assim distribuída pelas regiões: Sudeste – 80.353.724 habitantes; Sul – 27.384.815 habitantes; Norte – 15.865.678 habitantes; Nordeste – 53.078.137 habitantes e a região Centro-Oeste com 14.050.340 habitantes.

Organize esses dados em um quadro e a partir dele **proponha situações-problema**, como por exemplo: quantos habitantes a região Centro-oeste tem a menos que a região Norte? E a região Sul, quantos habitantes tem a mais do que a região Norte? Quantos habitantes há ao todo nas regiões Nordeste e Norte?

Peça que as crianças, a partir do quadro, **criem três frases afirmativas** sobre as regiões brasileiras e as leiam para a turma.



Cada região com suas diferentes manifestações folclóricas.



Para ampliar o trabalho com mapas você pode mostrar os **estados** que compõem cada região e nomeá-los. Faça um trabalho de localização dos estados no mapa do Brasil. Compare as regiões: qual tem o maior número de estados? Quais têm o mesmo número de estados? Além disso, você pode pesquisar no site do IBGE, com sua turma, a população de cada estado brasileiro e propor situações-problema com os dados encontrados.

Leia sobre o folclore de cada região. Trabalhe com sua turma uma região de cada vez e **vá articulando os conhecimentos prévios** trazidos pelas crianças **com as informações** contidas em cada trecho. Aproveite para explicar que a turma irá produzir o Livro do Folclore. Explique que esse livro faz parte da Festa do Folclore que a turma irá montar.

Organize as crianças em cinco grupos. Como sugestão, cada um ficará responsável por produzir um capítulo do livro, sendo cada capítulo sobre o folclore de uma região do país. O trabalho começa com uma pesquisa sobre lendas. Isso pode ser feito consultando-se fontes como a internet, livros da escola ou da biblioteca local, os familiares e outras pessoas da comunidade.

A partir das narrativas e informações coletadas, as crianças podem **produzir diferentes tipos de texto**, de acordo com o seu nível de proficiência na escrita:

- **“Galeria de personagens”** – pequenas frases para descrever personagens que estão apenas citados no Livro do Aluno ou outros que venham a conhecer.
- **Curiosidades do tipo “Você Sabia?”** - lista de frases ou parágrafos sobre temas do folclore da região, sendo que cada um traz uma novidade que pode capturar o interesse dos leitores e, por isso, precisam considerar as características desses leitores.
- **Escrita de lendas** – narrativa de histórias do folclore da região, considerando as que contêm personagens mais conhecidos, como os citados no Livro do Aluno, mas também as lendas ligadas à natureza, como a do Guaraná, do Uirapuru, da Vitória Régia, etc.
- **Músicas** – transcrição e ilustração de letras de músicas típicas da região.
- **Provérbios** – registro e ilustração de provérbios e ditos populares obtidos em consulta aos adultos da família e da comunidade.
- **Brinquedos e brincadeiras** – explicação e ilustração de brinquedos e brincadeiras típicas da região, incluindo-se aqui os trava-línguas e as adivinhas.

Oriente as crianças na **escolha do tipo de texto** que produzirão e auxiliem-as a produzi-los. Procure não ser o único leitor dos textos porque a “prática de vários leitores” indica que as crianças ficam mais cuidadosas quando escrevem para outros olhos que não os benevolentes (olhos) do professor.

Para as ilustrações, incentive o uso de diferentes recursos e técnicas, como pintura, colagem, desenho com lápis de cor, com carvão etc.

Depois de pronto o Livro do Folclore, faça um levantamento da quantidade de páginas e do **custo** para reproduzi-lo. Considere a ideia de fazer em quantidade para venda. Se este custo for viável, analise a possibilidade de a turma **obter lucro** com a venda dos livros no dia da festa. Trabalhe com as crianças a noção de lucro – **ganho que excede os custos com a produção**. Se a reprodução dos livros for uma opção viável, organize um “momento do autógrafo” onde os exemplares do livro serão autografados pelos autores, no dia da Festa do Folclore. Finalmente, se tiver sido obtido algum lucro com a venda dos livros, deve-se discutir na turma como esse dinheiro será investido, ou seja, aplicado em melhorias para o bem-estar da turma.

PÁGINA 57

Essa página é destinada ao **planejamento e organização da festa do folclore**. Leia com a turma e vá explicando cada pergunta proposta no Livro do Aluno, para que tenham uma ideia realista daquilo que devem sugerir. Depois, divida a turma em grupos para que cada um elabore sua proposta de quando, onde e como a festa poderia ser.

Relembre que **as primeiras decisões** referem-se a tempo e espaço: em que dia e horário acontecerá a Festa e em que lugar ou lugares da escola? A partir disso, introduza na conversa as várias situações-problema aí envolvidas: como será esse dia? Com quem é preciso conversar para pedir permissão? Quem poderá comparecer à Festa: só as crianças ou toda a comunidade escolar?

Depois, cada grupo apresenta suas propostas e a turma negocia a forma final dos seguintes itens:

- A data da festa
- Seus horários de início e término
- Que espaço ou espaços da escola a festa ocupará?



Planejando a festa!

Selecionando as melhores sugestões para a festa.

Acertados os detalhes quanto a tempo e espaço, peça que **discutam** com mais detalhes quais as **atividades** que gostariam que houvesse na festa, e que podem ser feitas no espaço escolhido. As crianças se apresentarão? Elas cantarão e dançarão? Que tal **montar oficinas** onde os convidados possam aprender a fazer diferentes peças de artesanato, receitas de outras regiões, aprender a dançar uma dança típica ou conhecer uma nova brincadeira? As crianças gostariam de ser **multiplicadoras** e ensinar o que aprenderam? Se as crianças quiserem montar oficinas, será necessário prepará-las para isso.

Outra ideia é a **montagem de um teatro de fantoches**. As crianças podem confeccionar os bonecos e caracterizá-los de acordo com cada região estudada. Manipulando os bonecos, as crianças apresentarão as características das regiões brasileiras. Os fantoches podem apresentar músicas, danças, trava-línguas etc.

E que tal, no dia da Festa, montar uma **fábrica de reciclagem**? Utilizando sucatas, as crianças podem montar objetos típicos do folclore das diferentes regiões ou objetos que retratem figuras típicas, como, por exemplo, marcadores de livros enfeitados com personagens folclóricos desenhados ou feitos de dobradura. Para que tal atividade aconteça é necessária uma **campanha de doação e recolhimento das sucatas**.

Como em todo planejamento, esta é a **fase da análise das possibilidades**. Qual das inúmeras possibilidades se enquadra melhor na sua realidade? As melhores atividades serão as que **melhor se adaptarem à realidade da escola**, considerando suas características, possibilidades e limitações.

Com isso em mente, monte a **programação horária das atividades**. Para isso, é necessário explorar questões de tempo. Por exemplo: se a Festa tiver a duração de 3 horas e se houver 5 blocos de atividade, quanto tempo será alocado para cada uma? Será que é apenas uma questão de cálculo simples ou temos que dar peso para as atividades? Por exemplo, pode acontecer de um bloco precisar de duas vezes mais tempo do que outro, então, em vez de dividir 3 horas por 5 blocos de atividade, temos que dividir por 6.

Se as oficinas forem montadas, elas acontecerão simultaneamente? Ou haverá um rodízio?

Os livros do folclore serão vendidos? Será possível obter lucro? Muitas reflexões e decisões necessárias precisarão ser tomadas. **Elabore um plano de ação com sua turma**.



Observem o local escolhido atentamente para poderem levantar tudo o que há nele, todos os objetos que o compõem e como estão arrumados e se estão de acordo com as atividades selecionadas. Espere que as crianças apresentem soluções e façam um levantamento de outros materiais necessários para o dia da Festa. Vejam com quem e como conseguir estes materiais. Encaminhem os pedidos. É preciso relacionar as ações necessárias: que profissional da escola procurar, o que comunicar ou pedir a ele.

Meça com as crianças o local escolhido. Esta é uma boa oportunidade para trabalhar perímetro e também a área do local.

Peça que as crianças desenhem uma planta baixa com a disposição de toda a organização no dia da Festa. Caso seja adequado, de acordo com o seu planejamento você pode, ainda, convidar as crianças a desenharem a partir de **diversos e variados pontos de vista**, para compreender que as coisas são sempre percebidas de nosso ângulo de visão e podem ter sua imagem modificada de acordo com o lugar em que nos colocamos.

Com a distribuição das áreas e os materiais pedidos, passe a discutir como **divulgar o evento**. Deixe que as crianças exponham suas ideias, mas oriente-as na hora da decisão final porque, na verdade, a ideia é que elas produzam cartazes para espalhar pela escola. E este é o primeiro passo concreto do projeto, sensibilizar toda a comunidade escolar para a importância do evento.

Se possível, comece trazendo para a sala de aula alguns **cartazes e analise-os** junto com a turma: qual a sua mensagem principal? Quais as mensagens secundárias? Que textos ou dados há nesses cartazes? Comente a quantidade de texto de um cartaz em comparação com a de um jornal ou de um livro informativo e explique que em um **cartaz é preciso que haja pouco texto** e que esse pouco texto precisa ser escrito com letras grandes porque a função do cartaz é justamente a de permitir que muitas **pessoas captem a mensagem rapidamente**, enquanto estão de passagem.

Peça a cada dupla ou trio de crianças para **produzir um cartaz** com as informações necessárias e com imagens de estímulo à participação das outras crianças nas atividades que serão desenvolvidas, caso elas sejam convidadas.

Um conhecimento importante da Educação Financeira é prever as etapas e o esforço necessários para se alcançar um objetivo. Explique que vale a pena lutar para melhorar nossa vida, nossa escola, nossa casa, nosso país, e que mesmo quando não alcançamos o objetivo estamos



Divulgando o evento!





**Não
esqueça:
Cada etapa
precisa ser
planejada e
organizada.**



aprendendo pessoalmente com o processo, nos organizando em grupo, abrindo canais de diálogo etc.

Todas as atividades de **organização**, como é o caso de planejar uma festa, contribuem para a formação de hábitos e atitudes financeiras positivas porque a pessoa organizada, que **planeja suas ações e analisa suas opções**, por exemplo, tem mais controle sobre sua vida financeira e, assim, maiores chances de realizar seus sonhos.

A questão temporal nos ajuda na **formação de hábitos e atitudes financeiras positivas** e é uma ótima oportunidade para trabalhar a disciplina e a paciência, na fase de planejamento e de avaliação do evento.

PÁGINA 58

Essa página é destinada à produção de um varal com várias receitas típicas locais e do convite para a Festa do Folclore.

Retome com as crianças os **elementos que compõem uma receita**: lista de ingredientes com indicação de sua quantidade e explicação sobre como utilizá-los e em que ordem. Relembre que esse texto instrucional é redigido com frases curtas, geralmente iniciadas com verbos no modo imperativo. Alternativamente, e se for adequado à sua turma, a receita pode ser ilustrada em seu passo a passo, como em uma história em quadrinhos.

Oriente as crianças a **registrar as receitas** em letra clara, grande e legível, tendo o cuidado de ocupar apenas um lado de um papel tamanho A4 ou ofício. Depois, decida com elas onde serão colocados os barbantes nos quais as **receitas serão penduradas** com pregador de roupa ou com grampeador. A ideia é que os convidados da Festa possam caminhar no espaço e ler as receitas com facilidade, portanto é importante calcular bem a altura em que serão pregadas.

Observe as noções de medidas (meio copo, meio litro) e quantidades (2 copos, 3 ovos) existentes nas receitas. Quem conhece outras **palavras e expressões que denotam medidas e quantidades** em receitas? Faça uma lista coletiva com as medidas e quantidades de todas as receitas e deixe-a exposta em sala. Aproveite para brincar com essa lista: “estou precisando de um litro de paciência, dois copos de criatividade e uma pitadinha de amor no coração. Alguém me empresta?” Estimule as crianças a falarem assim também, no contexto de uma brincadeira ou de uma briga – “Fulano

perdeu 3 quilos de compreensão e 2 de paciência. Quem pode ajudá-lo a reencontrar?”

Deve-se também aproveitar as receitas que apresentam uma **medida fracionária**. É uma ótima oportunidade para rever esse conceito: meia xícara + meia xícara = uma xícara; duas vezes meia xícara = 1 xícara. Provoque-as para que relembrem essa relação perguntando e estimulando e, se for o caso, lançando mão de materiais manipulativos. O ideal é que as crianças cheguem a essa relação por elas mesmas.

Quanto à **elaboração do convite da festa**, comece analisando os convites trazidos pelas crianças e ajude-as a observar as variedades de forma e de conteúdo. Questione-as quanto à **finalidade de um convite**: para que ele é escrito? A função social desse gênero textual é convidar para determinado evento, comunicando ao convidado as principais referências temporais e espaciais do acontecimento e motivando-o a comparecer à festa. Todos precisam saber que cada elemento desse texto é fundamental para que o convidado consiga chegar à festa no dia, na hora, no local e com o traje indicados. A falta de algum deles impossibilita a clareza da informação.

Decida coletivamente qual será a forma do **convite** e o texto a ser escrito nele, considerando os **dados essenciais** já indicados no Livro do Aluno. Também é interessante discutir qual será a ilustração dos convites. Talvez seja conveniente fazer o convite em preto e branco para permitir uma boa qualidade de reprodução.

Uma vez pronto o convite, é preciso determinar quantas cópias serão necessárias. Nesse momento, deve-se definir e quantificar os convidados. Depois de prontas as cópias dos convites, organize as crianças para distribuí-los.

PÁGINAS 59 e 60

Peça que as crianças releiam as decisões tomadas durante o planejamento e chequem item por item. Enfatize a importância de se vivenciar as etapas do planejamento para o sucesso da Festa do Folclore.

Para se fazer um planejamento financeiro, é preciso saber planejar de um modo geral. Portanto, a escola estará ensinando essas habilidades ao propor **atividades de planejamento em diversos assuntos** diferentes, sempre cuidando para que o processo seja consciente e reflexivo.



**Planeje,
planeje
sempre!**



Compare
o previsto
com o
realizado.

Sempre
avalie!

Fechamento do Projeto

É importante que haja sempre uma **análise final** do que deu certo e do que deu errado, com o objetivo de que cada experiência forneça maior maturidade e competência para eventos futuros. **O bom planejamento e a boa estimativa só se confirmam depois do evento.** Retome com as crianças a questão central e o objetivo específico do projeto, explicitados no quadro de metadados (página 100) e analise o resultado do evento planejado.

Comparar o previsto com o realizado e registrar isso para próximas oportunidades faz parte do aprendizado de se planejar.

GLOSSÁRIO

A

Acúmulo: ato de acumular, reunir em grande quantidade, amontoar, riquezas, bens e objetos.

Análise de despesas: processo que consiste em levantar as despesas e em seguida estudá-las, para verificar se o dinheiro está sendo gasto com o que se pretendia.

Análise de possibilidades: processo que consiste na análise de todas as variáveis e de cada uma das possíveis consequências, optando-se pela que melhor custo/benefício vai proporcionar na situação analisada e que corresponde a uma ação responsável ambientalmente.

Apólice: documento que formaliza o contrato de seguro, estabelecendo os direitos e as obrigações da sociedade seguradora e do segurado e discriminando as garantias contratadas.

B

Bens: somatório de pertences de uma pessoa. Aquilo que ela possui.

C

Câmbio: é outra palavra para “troca”. A conversão entre as moedas de diferentes países é feita por uma proporção, a taxa de câmbio.

Cédulas: papel moeda. As notas do dinheiro.

Ciclo de produção: o ciclo completo, que se inicia na natureza com a coleta da matéria-prima, passa por transformações e termina com o descarte. Tudo se inicia e termina na natureza. O processo de produção acarreta custos financeiros e ambientais. Precisa ser sustentável, considerar a utilização dos recursos naturais e considerar alternativas para o reaproveitamento, de modo a minimizar o impacto negativo sobre a natureza.

Coleta seletiva de lixo: processo que consiste na separação e recolhimento dos resíduos descartados por empresas e pessoas. Os materiais que podem ser reciclados são separados do lixo orgânico (restos de carne, frutas, verduras e outros alimentos), que é descartado em aterros sanitários ou usado para a fabricação de adubos orgânicos.

Comércio: é a atividade de compra e venda de bens de todos os tipos.

Competência: capacidade de combinar atitudes, conhecimentos e habilidades para ter um desempenho satisfatório ou para tomar a melhor decisão diante de determinada situação.

Comportamento gastador: refere-se aos hábitos financeiros de pessoas, que tendem a consumir excessivamente, dando pouca atenção a poupar.

Comportamento poupador: refere-se aos hábitos financeiros de pessoas que tendem a poupar, reprimindo o consumo.

Compra à vista: aquisição de um bem cujo desembolso (pagamento) é efetuado no ato da compra.

Compra a prazo: aquisição de um bem cujo preço total poderá ser dividido em prestações ou faturado em uma única parcela. O preço a prazo inclui o pagamento de juros, já que o dinheiro para a compra estará sendo antecipado.

Consumidor: quem compra ou utiliza produto ou serviço, bem como aqueles que estão expostos às práticas comerciais.

Consumo: ato de consumir, comprar um produto ou utilizar um serviço. O consumo deve ser feito de maneira consciente, ou seja, avaliando sua real necessidade. As decisões conscientes devem levar sempre em consideração os 5“Rs”: repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar.

Conta de poupança: A conta de depósitos de poupança, popularmente conhecida como conta poupança, conta de poupança ou ainda caderneta de poupança, é um tipo de investimento criado com o objetivo de estimular a economia popular. É muito tradicional. Assim, para abrir e manter uma conta de poupança o cliente não paga tarifas, não paga imposto de renda sobre o dinheiro aplicado e ainda pode depositar pequenos valores, que passam a gerar rendimentos mensalmente. Se um valor depositado na conta de poupança não for mantido aplicado por pelo menos um mês, isto é, se for resgatado antes, não ocorrerá remuneração desse dinheiro.

Controle: processo de monitoramento dos gastos. Verificar se o dinheiro está sendo gasto com o que se pretendia e se existem possibilidades de poupar recursos para que as receitas sejam suficientes para cobrir as despesas e guardar uma parte para atender necessidades futuras.

Cuidar: realizar todas as ações necessárias para manter o bem-estar de seres vivos ou para ampliar a durabilidade de bens. No contexto de educação financeira, o **cuidar** acarreta redução de gastos, seja com saúde, no caso dos seres vivos, seja com aumento da vida útil, no caso dos bens.

Curto, médio e longo prazos: não existe uma definição precisa sobre a duração do que é curto, médio ou longo prazo. Muitos economistas, quando se referem à situação do país ou a planos de uma família, usam a seguinte escala (que não é uma regra!): curto prazo de 1 a 2 anos; médio prazo de 3 a 9 anos; e longo prazo acima de 10 anos.

Custos: os valores que são gastos na obtenção de um bem. Podem ser financeiros e/ou ambientais.



Déficit: em sentido econômico ou financeiro, é a diferença negativa entre receitas e despesas. “No caso do orçamento familiar, se a despesa é maior que a receita, a família está em déficit.” O seu oposto é o superávit. Pode se referir também à balança comercial ou às finanças públicas, entre outras situações.

Demanda: não é apenas o desejo, mas principalmente a intenção de pagar para dispor de determinado bem ou serviço.

Descarte: todo o lixo produzido.

Desconto: valor que vai ser abatido do preço total.

Desejo: impulso que pode levar ao consumo de bens e serviços que não são necessários. As decisões de consumo devem levar em consideração mais a necessidade que o desejo.

Desperdício: refere-se a despesas que pouco ou nada acrescentam a nossa qualidade de vida; e, também, a perdas e esbanjamento de recursos que comprometem o meio ambiente e nosso futuro.

Despesas: refere-se ao dinheiro que sai do orçamento, ou seja, quanto uma pessoa gasta.

Disciplina (financeira): ter disciplina é ter controle sobre sua receita e seus gastos.

Dinheiro: composto por cédulas (papel-moeda), moedas e/ou dinheiro escritural (dinheiro que não está fisicamente presente, representado por saldos em contas bancárias e usado em transações com cartões de crédito ou débito, via internet etc.), é utilizado para a ação de comprar e vender. As cédulas e as moedas surgiram nas economias antigas como meio de troca; o dinheiro escritural surgiu posteriormente com o aparecimento dos bancos.

Distribuidor: aquele que distribui os produtos produzidos em diferentes regiões.

Doação: ato em que um bem ou uma quantia em dinheiro é cedido a uma pessoa ou organização para fins humanitários.

E

Economizar: conseguir guardar dinheiro do orçamento disponível.

Empréstimo: é o mecanismo utilizado para ter disponível, no presente, uma quantia em dinheiro que só se conseguiria alcançar no futuro, fazendo poupança. O valor emprestado, mais os juros e encargos cobrados pela instituição financeira, vira uma dívida, que deverá ser paga na forma e no prazo combinados (valor e quantidade de parcelas, por exemplo). No empréstimo, o valor emprestado não tem destinação específica, isto é, a pessoa pode utilizar o dinheiro que pegou emprestado onde e como quiser.

Encarte: material publicitário que anuncia “ofertas” com o objetivo de levar o consumidor à compra.

Escambo: troca direta de mercadorias. Os donos dos objetos que serão trocados precisam querer fazer a troca.

Espaço público: espaço que é compartilhado por várias pessoas. O espaço público deve ser planejado para atender às necessidades e os desejos da comunidade.

Espaço privado: espaço pertencente a particulares.

Estimativa: previsão de quais serão os seus gastos e/ou receitas em um determinado período (semana, mês, ano) ou em um determinado evento (viagem, churrasco, festa). Para fazer estimativas, é preciso ter um método, utilizar a experiência adquirida e/ou pesquisar; senão é apenas brincar com a sorte.

F

Financiamento: operação mediante a qual uma organização, normalmente uma instituição financeira, viabiliza o pagamento vinculado a um produto ou serviço de uma pessoa ou de outra empresa, emprestando o dinheiro sobre o qual cobrará juros.

Financiamento × Empréstimo: os financiamentos normalmente têm juros mais baixos que os empréstimos porque estão associados à compra de um bem, que pode ser reavido pela instituição financeira, ou a um serviço

que pode ser interrompido, como a construção de um prédio. Empréstimos não têm essa associação, e a instituição financeira pode ter dificuldades em recuperar o recurso que emprestou. Como o risco nesse caso é maior, então os juros também são mais altos para quem toma emprestado.

Isso na maior parte dos casos, porque os empréstimos consignados também têm um risco relativamente baixo. Trata-se dos empréstimos concedidos a pessoas que têm renda fixa, como um salário, aposentadoria ou pensão. Nesses casos o pagamento do empréstimo é feito por meio de descontos diretos sobre essas remunerações, ou seja, a pessoa recebe o seu salário ou aposentadoria já tendo sido descontado o valor da prestação. Isso dá segurança à instituição financeira, já que a quantia devida é descontada antes que a pessoa tenha acesso ao salário, à pensão ou à aposentadoria. Como o risco de inadimplência – ou seja, de não receber o valor emprestado – é menor que em outras modalidades de empréstimo, as instituições financeiras normalmente cobram juros mais baixos para esse tipo de operação, se comparada com o cheque especial ou cartão de crédito, por exemplo. Contudo, ainda assim esse tipo de empréstimo não pode ir além de 30% (pouco menos que um terço) da renda da pessoa. Outros tipos de empréstimos também têm suas limitações.

Um bom planejamento financeiro deve analisar com cuidado qual é a melhor opção: empréstimo ou financiamento ou fazer uma poupança para comprar à vista. Por exemplo, fazer um financiamento para comprar um carro e começar logo a trabalhar como taxista talvez possa fazer sentido. Já pegar um empréstimo consignado com juros mais baixos para quitar uma dívida de cartão de crédito, com juros mais altos, pode ser uma primeira medida para resolver o problema financeiro. É claro que outras terão de ser tomadas depois, pois ainda há uma dívida, mas que terá juros menores.

Fonte de renda: origem de onde provem a renda ou receita, ou seja, de onde vem o dinheiro que compõe a receita.

G

Gastos: a quantidade de dinheiro que se usa na compra de bens ou serviços.

I

Indenização: valor que a sociedade seguradora deve pagar ao segurado ou beneficiário em caso de sinistro coberto pelo contrato de seguro.

Investidor: aquele que assume o risco de um empreendimento com o objetivo de obter lucro no negócio.

Investimento: destinação do dinheiro à ampliação da riqueza e do patrimônio.

J

Juros: basicamente é o preço do dinheiro no tempo. Para emprestar a um cliente, no momento presente, certa quantia que ele só teria no futuro e depois de poupar por algum tempo, as instituições financeiras vão cobrar o pagamento não só da quantia emprestada, mas também um valor adicional. Esse valor adicional são os juros. Inversamente, se esse cliente depositar a mesma quantia em alguma aplicação do banco, vai esperar um valor maior quando fizer o resgate tempos depois. Nesse caso, é o banco que paga os juros por só devolver no futuro o dinheiro que recebeu em depósito no presente.

Também é possível entender os juros como um “aluguel” que alguém paga por usar um dinheiro que não é seu (por exemplo, quando se pega um empréstimo, faz um financiamento ou compra a prazo) ou o “aluguel” que uma pessoa recebe por deixar outra pessoa utilizar o seu dinheiro (por exemplo, quando se coloca o dinheiro na caderneta de poupança).

L

Lucro: rendimento em relação ao dinheiro investido.

M

Matéria-prima: matéria extraída da natureza, necessária para a produção de produtos.

Meio ambiente: o conjunto de recursos naturais físicos (solo, vegetação, clima, temperatura etc.) de um local, com o qual os seres vivos se relacionam. O meio ambiente precisa ser utilizado de maneira consciente.

Mercado: local físico ou virtual de encontro para compra e venda, como feiras livres, websites etc. Em economia, mercado normalmente significa o conjunto de compradores e vendedores de um bem ou serviço em uma determinada região.

Moedas: parte integrante do dinheiro de um país, feitas com metais.

N

Necessidade: algo de que uma pessoa precisa para poder suprir carências nutricionais, de habitação, de segurança, afetivas etc.

Negociar: firmar acordo, fazer uma transação comercial.

O

Oferta: composta pelas pessoas que querem vender um produto ou serviço por determinado preço.

Orçamento doméstico ou pessoal: registro sistemático de receitas e despesas previstas e realizadas por uma família ou uma pessoa. O orçamento permite ter maior controle sobre a vida financeira. Geralmente organiza-se por meio de uma tabela, na qual em um dos lados registra-se quanto se ganha (receitas) e, no outro, quanto se gasta (despesas).

Organizar: comportamento importante no contexto de educação financeira – significa dar ordem, administrar de modo produtivo.

Órgãos reguladores: órgãos que fiscalizam o cumprimento das regras para cada um dos setores da sociedade.

P

Patrimônio: conjunto de bens e direitos (que podem ser imóveis, aplicações financeiras etc.) de uma pessoa ou empresa, que tem valor econômico.

Planejamento: conjunto de ações que se inicia ao traçar metas e avaliar as dificuldades do caminho para vencê-las, em sequência evolui para se elaborar um plano com etapas para atingir as metas, contornando ou resolvendo as dificuldades previstas.

Plano de ação: previsão e organização de ações necessárias para se atingir um ou vários objetivos; que passos deverão ser tomados e em que sequência.

Poupança: parte da receita que não é consumida, ou seja, é o dinheiro que se guarda para utilizar no futuro.

Poupar: guardar dinheiro com o objetivo de ser utilizado no futuro. É o ato de guardar parte da receita, aquela que não será consumida.

Precificação: ato de estabelecer um preço, levando-se em conta todos os custos envolvidos em sua produção e/ou distribuição.

Preço: valor de venda do produto ou serviço que é obtido pelo estudo dos custos do produto acrescido de uma margem de lucro que seja competitiva e que possa ser absorvida pelos consumidores, os preços da concorrência e quanto os clientes estão dispostos a pagar pelo produto.

Preço à vista: o preço de um produto ou serviço cujo total deverá ser pago de uma só vez.

Preço a prazo: o preço de um produto ou serviço que poderá ser pago em prestações, criando-se um crediário. O preço a prazo inclui o pagamento de juros.

Prejuízo: perda de patrimônio por insucesso em investimentos ou danos materiais.

Preservar: ato de conservar.

Previdente: aquele que é precavido, prudente.

Principal (investimento, empréstimo): é o valor que alguém recebe efetivamente quando toma um empréstimo ou financiamento. Já o valor que será pago pelo tomador do empréstimo, isto é, a soma de todas as prestações ao longo do tempo, é maior que o principal, por causa dos juros e encargos que são cobrados. No caso do investimento, o principal é o valor originalmente aplicado.

Exemplo de uso: Peguei um empréstimo de R\$1.000,00 para pagar em 10 x de R\$120,00. Isso quer dizer que, em cada prestação, eu só abato R\$100,00 do principal da dívida. Os R\$20,00 restantes são para o pagamento de juros e encargos.

Produto: qualquer bem, móvel ou imóvel, produzido por meio da utilização de recursos materiais, financeiros e intelectuais.

Produto industrializado: produto que é resultado de uma transformação industrial. Utiliza na sua fabricação matéria-prima natural.

Produto natural: produto que tem origem na natureza. Pode ser de origem vegetal, animal ou mineral.

Produtor: aquele que produz um bem.

R

5“Rs”: repensar, recusar, reduzir, reutilizar e reciclar são as cinco atitudes que

devem ser tomadas para que o consumo seja feito de maneira consciente. Os cinco passos de avaliação a ser considerados na hora do consumo.

Reaproveitar: ver reciclagem.

Receita: dinheiro que entra no orçamento, ou seja, quanto uma pessoa ganha ou recebe.

Reciclagem: reaproveitamento de materiais descartados, reintroduzindo-os no ciclo produtivo.

Recursos naturais: recursos que a natureza, das diferentes regiões, nos oferece para o nosso uso, como o ar, a água, o solo, a vegetação, os minerais etc. Os recursos naturais exigem cuidados na sua gestão para que não falem no amanhã.

Recursos financeiros: recursos em dinheiro disponíveis para a compra de bens, para guardar ou para serem investidos. Recursos arrecadados pelos governos por meio de tributos e de taxas. Os recursos financeiros exigem cuidados na sua gestão para que não acabem e os projetos não possam ser executados.

Regras: princípios e normas a serem seguidos e que estão presentes em todos os setores da sociedade para proporcionar um convívio harmônico entre seus participantes.

Remuneração: dinheiro que a pessoa recebe pelo seu trabalho.

Responsável/Responsabilidade Social: numa visão ampla do papel das empresas, responsabilidade social é toda e qualquer ação que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade e que seja conduzida de maneira sustentável. Ex: recuperar um rio, oferecer cursos profissionalizantes, promover a coleta seletiva, apoiar times escolares, auxiliar nas reformas de quadras esportivas etc.

Retorno: na relação risco \times retorno, o retorno corresponde à remuneração recebida pelo investimento feito.

Os investimentos mais seguros pagam taxas mais baixas porque o risco de não se obter o retorno previsto é reduzido. Os investimentos mais arriscados, nos quais há chance de perda, podem vir a pagar mais. Conclusão: quanto maior o retorno esperado, maior o risco envolvido, da mesma forma que se o risco é baixo, o retorno esperado também é.

Risco: evento futuro e incerto, de natureza súbita e imprevista, cuja ocorrência pode provocar prejuízos de natureza econômica.

S

Salário: dinheiro que um trabalhador recebe pelo serviço executado. A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece o salário mínimo que deve ser pago no Brasil. O salário mínimo tem o seu valor reajustado todo ano.

Serviço: é qualquer atividade pela qual você tem de pagar.

Serviços públicos: serviços oferecidos pelo poder público à população: federal, estadual ou municipal. Apesar de serem oferecidos gratuitamente, estes são mantidos com o dinheiro arrecadado pelo pagamento, por parte dos contribuintes, de tributos, taxas e contribuições.

Supérfluo: bem ou bens que estão sobrando e pouco são usados; são excessivos. Serviços desnecessários que pouco acrescentam à qualidade de vida.

Sustentabilidade: pode ser definida como a capacidade do ser humano interagir com o mundo, preservando o meio ambiente para não comprometer os recursos naturais das gerações futuras. O que fizemos no passado afeta o nosso presente; o que fazemos hoje constrói o amanhã. Além disso, o que acontece com alguns grupos, cedo ou tarde, atinge também os demais. O conceito é complexo, pois atende a um conjunto de variáveis interdependentes, mas pode-se dizer que deve ter a capacidade de integrar as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais..

T

Taxa de juros: indica a renda derivada de um investimento ou o custo de um empréstimo. As taxas de juros são expressas em porcentagens mensais ou anuais. Por exemplo, 12% ao ano.

Trabalhador assalariado: trabalhador que recebe um salário por seu trabalho. Aquele que tem um trabalho formal, compreendendo o registro na carteira de trabalho e o recebimento de benefícios.

Trabalhador autônomo: profissional que trabalha por conta própria recebendo sua remuneração de serviços prestados ou produtos fornecidos.

Trabalho remunerado: trabalho pelo qual se recebe uma remuneração, ou seja, um pagamento em dinheiro.

Trabalho não remunerado: trabalho pelo qual não se recebe pagamento em dinheiro. Nesta categoria se incluem os trabalhos voluntários e o trabalho realizado no lar.

Tributos: impostos, taxas e contribuições recolhidos pelos poderes públicos.

Principal fonte de renda dos governos municipais, estaduais, distritais e federal.

Trocas: no contexto desse Programa de Educação Financeira, as trocas são as interconexões da nossa vida particular com o que acontece ao nosso redor (trocas interespaiais) e as interconexões do que fazemos no tempo presente com o tipo de vida que haverá futuramente no mundo (trocas intertemporais).

Troco: diferença entre o preço do produto e o dinheiro dado para o pagamento deste, no ato da compra.

U

Utilidade: que é útil e não é supérfluo.

V

Valor: refere-se ao quanto se está disposto a pagar monetariamente por um bem ou serviço. Contudo, o valor não é apenas monetário porque sempre inclui uma importância sentimental, por isso o mesmo bem pode ter valores diferentes para pessoas diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. Rio de Janeiro: Ed Zahar. 2007.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

CARVALHO, M. **Problemas? Mas que problemas?!: estratégias de resolução de problemas matemáticos em sala de aula**. Petrópolis: Ed Vozes, 2005.

CERYNO, Elin. **Fundamentos Teóricos e Metodologia da Matemática**. I Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça UnisulVirtual, 2008

CLARETO, S. e ANASTACIO, M.Q.A. **Concepções de matemática e suas incidências na Educação Matemática**. In: Boletim Pedagógico de Matemática – Simave/Faced/ Caed/ UFJE, 2001

D'AMBROSIO, U. **Educação Matemática: da teoria à prática**. São Paulo: Papirus, 2005.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre a tradição e a modernidade**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

- DANYLUK, O. **Alfabetização Matemática: as primeiras manifestações da escrita infantil**. Porto Alegre: Sulina, Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- DATA POPULAR. **A Educação Financeira no Brasil: Relatório quali-quantitativo**, 2008.
- FERREIRA, Vera Rita M. **Psicologia Econômica – estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão**. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2008.
- FIorentini, Dario. **Alguns Modos de ver e conceber o Ensino da Matemática no Brasil**. Zetetikè. Ano 3, n. 4. Campinas: SP UNICAMP, FE/CEMPEM, 1995.
- FONSECA, M.C.F.R. (org.). **Letramento no Brasil: habilidades matemáticas. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação**, Instituto Paulo Montenegro, 2004.
- GRANDO, R.C. **O jogo e a Matemática no contexto da sala de aula**. Paulus, 2004
- IMENES, L. M. **Brincando com números**. São Paulo: Editora Scipione, 2000, Coleção vivendo a matemática .
- IMENES, L. M. **Problemas curiosos**. São Paulo: Scipione, 1991, Coleção vivendo a matemática.
- IMENES, L.M. **A numeração indo-arábica**. São Paulo: Editora Scipione, 1991, Coleção vivendo matemática.
- JAKUBOVIC, J. **Par ou ímpar**. São Paulo: Editora Scipione, 1990, Coleção vivendo a matemática.
- KAMII, C. **Crianças pequenas reinventam a Aritmética**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- KAMII, C., DECLARK, G. **Reinventando a Aritmética**. Campinas: Papyrus, 1988.
- LAUER-LEITE, Iani D., MAGALHÃES, Celina M. C., LORDELO, Eulina R. & LELIS, Irani L. **“Socialização econômica: conhecendo o mundo econômico das crianças”**. In: Estudos de Psicologia, 15(2): 145-152, 2010.
- MACEDO, L. **Aprender com jogos e situações-problema**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000
- MARSHALL, Thomas Humphrey. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CEB Nº 4/2010 – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Brasília, 2010.

Ministério do Meio Ambiente / Ministério da Educação / Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor. **Manual de educação para o Consumo Sustentável**. Brasília: Consumers International/MMA/MEC/IDEC, 2005. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/consumos.pdf> Acesso em 08 set 2008.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOURA, A.R.L. e LOPES, C.A.E. (orgs.) **As crianças e as idéias de número, espaço, formas, representações gráficas, estimativa e acaso**. FE/CEM-PEM – UNICAMP – ECC, 2003

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 1990.

OCDE/OECD – Organisation for Economic and Co-Operation Development. **Improving Financial Literacy. Analysis of Issues and Policies**. Paris, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo: Pontes, 2000.

PADILHA, Heloisa. **Mestre Maestro – A sala de aula como orquestra**. Rio de Janeiro: Linha Mestra, 2003.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **A escola e a aprendizagem da democracia**. Porto: Asa Editores, 2002.

PINDYCK, Robert S. e RUBINFELD, Daniel L. **Microeconomia**. São Paulo: Makron Books, 1994.

PINHEIRO, Juliano Lima. **Mercado de Capitais Fundamentos e Técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

PONTE, J.P. e OLIVEIRA, H. **Investigações Matemáticas na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.

RANGEL, A.C. **Educação Matemática e a construção do número pela criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ROLAND-LEVY, Christine. “Economic socialization”. In: EARL, Peter e KEMP, Simon (eds.). **The Elgar Companion to Consumer Psychology and**

- Economic Psychology**. Cheltenham, Reino Unido: Edward Elgar, 1999.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SMOLE, K. C. S. DINIZ, M. I., CANDIDO, P. **Resolução de problemas**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. (Coleção Matemática de 0 a 6 anos).
- SMOLE, K. et alli. **Matemática e Literatura Infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação; uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- WEBLEY, Paul. “**The economic world of childhood**”. **Values and Economy – Proceedings of the 32nd IAREP Conference**, p.23-37. Ljubljana: Filozofska Fakulteta, 2007.
- YAZBEK, Otávio. **Regulação do Mercado Financeiro e de Capitais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- ZASLAVSKY, C. **Jogos e atividades matemáticas do mundo inteiro**. Art-med, 2000.
- ZUNINO, Delia Lerner. **A Matemática na escola: aqui e agora**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

WEBSITES INDICADOS

<http://www.bmfbovespa.com.br>

<http://www.cvm.gov.br>

<http://www.susep.gov.br>

<http://www.previdenciasocial.gov.br>

<http://www.bcb.gov.br>

<http://www.batatas.com.br/>

<http://www.eliseuvisconti.com.br/>

<http://www.tarsiladoamaral.com.br/>

<http://www.viniciusdemoraes.com.br>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://www.procelinfo.com.br/>

<http://www.vagalume.com.br/castelo-ra-tim-bum/banho-e-bom.html>

<http://www.eletronbras.com/elb/procel/>

<http://www.revistadehistoria.com.br>

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/>

<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/historia>

<http://cienciahoje.uol.com.br/>

<http://www.mncr.org.br/>

<http://revistapesquisa.fapesp.br/>

<http://www.rankbrasil.com.br/Recordes>

<http://www.cbf.com.br>

<http://www.ibge.gov.br/>

<http://www.somatematica.com.br/artigos/a14>

<http://www.tamar.org.br>

<http://www.infoinvest.com.br>

<http://pt.wikipedia.org>

<http://sitededicas.uol.com.br/fabula2a.htm>

<http://www.portaldafamilia.org>

<http://oglobo.globo.com/economia>

<http://www.cpact.embrapa.br>

<http://www.globoesporte.globo.com>

<http://superabril.com.br/superarquivo/2003>

<http://www.verarita.psc.br/>

<http://oglobo.globo.com/economia/bc-quer-usar-cedulas-que-viram-lixo-para-fazer-adubo-tijolos-3221498>

<http://www.vidaedinheiro.gov.br>

<http://www.justica.gov.br/seus-direitos/consumidor>

<http://www.consumidor.gov.br>

<http://www.previdencia.gov.br/previc>

